

A portrait of Allan Kardec, a French spiritist, depicted from the chest up. He has dark hair, a mustache, and a goatee. He is wearing a dark red or maroon jacket over a white shirt with a high collar and a patterned cravat. The background is dark and indistinct.

Allan Kardec e a lógica da reencarnação

(Argumentos a favor da tese da pluralidade das existências)

Paulo Neto (Org.)

Copyright 2020 by
Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)
Belo Horizonte, MG.

Capa:

[http://movibr.com/cefe/wp-content/uploads/2019/04/
Allan-Kardec.jpg](http://movibr.com/cefe/wp-content/uploads/2019/04/Allan-Kardec.jpg)

Revisão:

Hugo Alvarenga Novaes

Diagramação:

Paulo Neto

site: www.paulosnetos.net

e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, maio/2020.

Allan Kardec

e a lógica da reencarnação

(Argumentos a favor da tese da
pluralidade das existências)

(Versão 3)

“Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sem cessar, tal é a lei.” (Frase inserida no Dólmen do túmulo de Kardec, no cemitério do Père-Lachaise, Paris)

“Os homens não vivem apenas uma vez e depois desaparecem para sempre; vivem inúmeras vidas em diferentes lugares, mas nem sempre neste mesmo mundo, e em meio a cada vida, há um véu de sombras. As portas finalmente se abrirão e veremos todos os lugares que nossos pés percorreram desde o princípio dos tempos.” (Papiro Ani, escrito por volta de 1.200 a 1.500 a.C., citado por SELEEM, R. *O Livro dos Mortos do Antigo Egito*)

Paulo Neto (Org)

Agradecimento



Agradecemos ao amigo Hugo Alvarenga Novaes, residente na cidade de Santa Rita do Sapucaí (MG), autor do Ebook *A Reencarnação no Evangelho* ⁽¹⁾, por ter se envolvido de corpo e alma nesse nosso projeto. Com extrema tolerância e muita paciência, apresentou-nos várias sugestões visando manter-nos no objetivo da presente pesquisa, ou seja, incluir todas as falas de Allan Kardec a respeito da reencarnação.

A bem-dizer podemos considerá-lo como um coorganizador do presente Ebook.

Sumário

Considerações Iniciais.....	6
Ano 1857 - O Livro dos Espíritos (1ª edição).....	9
Ano 1858 - Revista Espírita.....	22
Ano 1859 - Revista Espírita.....	38
Ano 1860 - O Livro dos Espíritos (2ª edição) e Revista Espírita.....	42
Ano 1861 - Revista Espírita.....	80
Ano 1862 - Revista Espírita.....	85
Ano 1863 - Revista Espírita.....	142
Ano 1864 - O Evangelho Segundo o Espiritismo e Revista Espírita.....	164
Ano 1865 - Revista Espírita, O que é o Espiritismo e O Céu e o Inferno.....	206
Ano 1866 - Revista Espírita.....	232
Ano 1867 - Revista Espírita.....	254
Ano 1868 - A Gênese e Revista Espírita.....	274
Ano 1869 - Revista Espírita.....	290
Considerações Finais.....	302
Referências bibliográficas.....	303

Considerações Iniciais

Nossa proposta é levantar, por ordem cronológica, tudo que se encontra nas obras da Codificação Espírita, relacionado aos argumentos de Allan Kardec (1804-1869) a favor da tese da reencarnação. Serão inseridos também alguns de seus comentários a respeito do tema.

Poderá acontecer que alguém faça restrições à citação da *Revista Espírita*, porém, poucos sabem do valor que Allan Kardec deu a ela. Na transcrição seguinte, vejamos o que o Codificador disse:

35. Aos que quiserem adquirir essas noções preliminares pela leitura das nossas obras, aconselhamos que as leiam nesta ordem:

1º *O que é o espiritismo*. Esta brochura, de uma centena de páginas somente, contém sumária exposição dos princípios da doutrina Espírita, um apanhado geral desta, permitindo ao leitor apreender-lhe o conjunto dentro de um quadro restrito. Em poucas palavras ele lhe percebe o objetivo e pode julgar do seu alcance. Aí se encontram, além disso, respostas às principais questões ou objeções que os novatos se sentem naturalmente propensos a fazer. Esta primeira leitura, que muito pouco tempo consome, é uma introdução que facilita um estudo mais aprofundado.

2º *O livro dos espíritos*. Contém a doutrina completa, como a ditaram os próprios Espíritos, com toda a sua filosofia e todas as suas consequências morais. É a revelação do destino do homem, a iniciação no conhecimento da natureza dos Espíritos e nos mistérios da vida de além-túmulo. Quem o lê compreende que o Espiritismo objetiva um fim sério, que não constitui frívolo passatempo.

3º *O livro dos médiuns*. Destina-se a guiar os que queiram entregar-se à prática das manifestações, dando-lhes conhecimento dos meios próprios para se comunicarem com os Espíritos. É um guia, tanto para os médiuns como para os evocadores, e o complemento de *o livro dos espíritos*.

4º *Revista espírita*. **Variada coletânea de fatos, de explicações teóricas e de trechos isolados, que completam o que se encontra nas duas obras precedentes**, formando-lhes, de certo modo, a aplicação. Sua leitura pode fazer-se simultaneamente com a daquelas obras, porém mais proveitosa será, e, sobretudo, mais inteligível, se for feita depois de *o livro dos espíritos*. (2) (3) (grifo nosso)

Está aí, portanto, a razão de a citarmos.

Ficará evidente que Allan Kardec, muitas vezes, levava textos da *Revista Espírita* para compor algum tema nas demais obras que publicou. Aqui, por exemplo, teremos o artigo sobre a Pluralidade das Existências, publicado na *Revista Espírita*, mês de novembro de 1858, compondo o item 222 de *O Livro dos Espíritos*.

Recorremos ao “melhor metro que mediu Kardec”, o jornalista José Herculano Pires (1914-1979), que, em vida, foi o mais destacado discípulo de Allan Kardec, que, em *Na Hora do Testemunho*, nos orienta:

[...] **Precisamos de estudar Kardec** intensamente, de assimilar os ensinamentos das obras básicas, de **mergulhar nas páginas de ouro da ‘Revista Espírita’**, não apenas lendo-a, mas meditando-as, aprofundando-as, redescobrimo nelas todo o tesouro de experiências, exemplos, ensinamentos e moralidade que Kardec nos deixou. [...].
(⁴) (grifo nosso)

Considerando que tudo que mencionaremos será apenas transcrições de comentários de Allan Kardec constantes das obras publicadas por ele, manteremos a fonte, o espaçamento normal e sem qualquer afastamento da margem esquerda. Informamos que só serão colocados pontos de vista do Codificador.

Dito isso, vamos às transcrições, que serão tomadas de trechos ou da totalidade do teor das obras fontes.

Ano 1857 - O Livro dos Espíritos (1ª edição)

Abril/1857: O Livro dos Espíritos (5)

Introdução ao estudo da Doutrina Espírita

VI

Resumimos aqui, em poucas palavras, os pontos mais importantes da doutrina que nos transmitiram, a fim de mais facilmente respondermos a certas objeções:

[...].

- deixando o corpo, a alma volta ao mundo dos Espíritos, de onde havia saído, para recomeçar uma nova existência material, após um lapso de tempo mais ou menos longo, durante o qual permanece no estado de Espírito errante;

- tendo o Espírito que passar por muitas encarnações, conclui-se que todos nós tivemos muitas existências e que teremos ainda outras, mais ou menos aperfeiçoadas, quer na Terra, quer em outros mundos;

- a encarnação dos Espíritos ocorre sempre na espécie humana; seria erro acreditar-se que a alma ou Espírito possa encarnar no corpo de um animal; (6)

- as diferentes existências corpóreas do Espírito são

sempre progressivas e jamais retrógradas, mas a rapidez do seu progresso depende dos esforços que faça para chegar à perfeição;

- as qualidades da alma são as do Espírito que está encarnado em nós; assim, o homem de bem é a encarnação de um Espírito bom, e o homem perverso a de um Espírito impuro; (7)

Questão 125 - Todos os Espíritos tendem para a perfeição e Deus lhes faculta os meios de alcançá-la pelas provações da vida corpórea. Mas, em sua justiça, Ele lhes concede realizar, em novas existências, *o que não puderam fazer ou concluir numa primeira prova.*

Deus não agiria com equidade, nem de acordo com a sua bondade, se castigasse para sempre os que encontraram obstáculos ao seu melhoramento, independentemente de sua vontade, no próprio meio em que foram colocados. Se a sorte dos homens se fixasse irrevogavelmente depois da morte, Deus não teria pesado as ações de todos na mesma balança, nem os teria tratado com imparcialidade.

Questão 126 - A doutrina da reencarnação, isto é, a que consiste em admitir para o homem muitas existências sucessivas, é a única que corresponde à ideia que fazemos da Justiça de Deus, com respeito aos

homens de formação moral inferior; a única que pode explicar o futuro e firmar as nossas esperanças, pois que nos oferece os meios de resgatarmos os nossos erros mediante novas provações. A razão no-la indica e os Espíritos a ensinam. (8) (9)

Questão 132 - As condições para a encarnação em outros Mundos, é óbvio, variam segundo o apuro do espírito; à medida que ele se aproxima da perfeição, a carne que reveste se aproxima igualmente da natureza espírita. Seu corpo fica menos denso; não rasteja mais penivelmente no chão; todas as necessidades físicas são menos grosseiras; os seres vivos perdem a precisão de se entredevorarem para viver. O espírito é mais livre e, para as coisas remotas, possui percepções que nos são desconhecidas; vê com olhos de carne o que não entrevemos senão pelo pensamento.

O apuro progressivo dos espíritos acarreta para as entidades nas quais ficam encarnados aperfeiçoamento moral. As paixões carnis se enfraquecem, o egoísmo dá vaga ao sentimento fraternal. E porque assim sucede, nos Mundos superiores à Terra as guerras são desconhecidas; os ódios e as discórdias ficam ali sem objeto; ninguém pensa em fazer mal a seu semelhante.

Questão 133 - Espíritos que moram em Mundo

superior podem encarnar-se também em Mundo menos apurado; mas então isso não acontece para expiação; descem em missão, que eles cumprem, assistindo os homens nas sendas do Progresso, e que aceitam satisfeitos pelo ensejo que têm de praticar o bem.

Questão 134 - Os seres que habitam o mesmo Mundo não se encontram todos no mesmo nível de aperfeiçoamento. Assim como vemos na Terra diversas raças mais ou menos elevadas, também cada Mundo encerra várias populações mais ou menos aperfeiçoadas, embora no conjunto superiores ou inferiores às nossas (Nota 3).

Nota III (Nº 134) - Diversos Espíritos, que animaram pessoas conhecidas na Terra, disseram estar reencarnadas em Júpiter, um dos Mundos mais próximos da perfeição, e foi bem de espantar ver, nesse Mundo tão adiantado, pessoas que a Opinião não colocaria, aqui, em a mesma linha. Isso nada tem que deva surpreender, se se considerar que alguns Espíritos que habitam aquele planeta podem ter sido enviados à Terra para uma missão que, a nossos olhos, não os colocaria no primeiro nível social; depois, entre a existência terrestre e a de Júpiter, podiam ter tido outras intermediárias em as quais ficaram melhores; também e finalmente, não só naquele planeta, como em o nosso, há diferentes graus de

desenvolvimento e entre esses graus pede haver a distância que separa entre nós o Selvagem do Civilizado. Assim, do fato de habitar Júpiter, não resulta que alguém esteja no nível dos mais adiantados, como ninguém ficará no mesmo nível dum membro do Instituto só porque mora em Paris.

As condições de longevidade não são também em toda parte as mesmas da Terra, e a idade não se pode comparar. Uma pessoa falecida havia alguns anos, sendo evocada, disse estar encarnada há seis meses em um Mundo de nome desconhecido. Interrogada sobre a idade que tinha nesse Globo, respondeu: “Não posso calculá-la, porque não contamos lá como vós aqui; também a forma de viver não é mais a mesma; desenvolve-se lá muito mais depressa; assim pois, embora apenas faça seis de vossos meses que lá estou, posso dizer que, pela inteligência, teria 30 anos, se estivesse na Terra.”

Muitas respostas análogas foram feitas por outros Espíritos e nada há nisso de inverossímil. Não vemos na Terra uma porção de animais adquirirem em alguns meses seu desenvolvimento normal? Por que não aconteceria o mesmo com o Homem em outras esferas? Notemos, ademais, que o desenvolvimento adquirido pelo Homem na Terra, na idade de 30 anos, talvez seja uma espécie de infância, comparada à que ele deve atingir. É

ter vista muito curta tomar a nós, homens, em tudo, por tipos da Criação, e é rebaixar muito a Divindade supor que, fora nós, Terrícolas, nada mais Lhe seria possível fazer.

Questão 135 - O estado físico e moral dos seres vivos não fica perpetuamente o mesmo em cada Globo do Céu. Todos os Mundos começaram a ser povoados pelas raças inferiores, que se foram aprimorando. Por outro lado as raças que povoam atualmente a Terra desaparecerão um dia e serão sub-rogadas por outros seres, cada vez mais apurados; as raças sub-rogantes sucederão a população atual como esta sucedeu outrora a outras raças ainda mais rudes.

Questão 139 - A reencarnação da alma pode acontecer imediatamente após a separação do corpo; mas, na maioria das vezes ela se cumpre em intervalos mais ou menos longos. O número das encarnações e a duração dos intervalos não podem ser revelados; isso depende do grau de pureza que atingiram os Espíritos.

O homem que tem consciência de sua inferioridade haure, na doutrina da reencarnação, uma esperança consoladora. Se ele crê na justiça de Deus, ele não pode esperar ser, pela eternidade, igual aqueles que fizeram melhor que ele. O pensamento de que esta inferioridade

não o deserda de todo o bem supremo e que ele poderá conquistá-lo com novos esforços, o sustenta e reanima sua coragem. Qual é aquele que ao término de sua carreira não lastima ter adquirido, muito tarde, a experiência da qual não pode mais aproveitar? Esta experiência tardia é perdida; ele a aproveitará em uma nova vida (Nota 4). ⁽¹⁰⁾

NOTA IV. - (Nº 139) - Certas pessoas veem a necessidade de sofrer novamente as tribulações da vida, algo de penalizável, e pensam que Deus, em sua justiça, pôde aqui encher delas sua medida. Assim, creem que nosso destino fica irrevogavelmente fixado após a partida de cá. Parece-nos mais racional, ao contrário, que Deus, em sua justiça, haja deixado aos homens os meios de realizar noutra existência o que nem sempre depende deles fazer nesta. Convidamos, por isso, aqueles que não partilham esta opinião a se dignarem, em alma e consciência, de responder às perguntas seguintes:

Suponhamos que um homem tenha três obreiros, um trabalhando bem e muito, porque é diligente e tem experiência de seu ofício; outro, pouco e mediocrementemente, porque ainda não é bastante hábil; o terceiro, quase nada ou mal, porque não é senão aprendiz. Esse homem deve remunerar os três obreiros da mesma maneira? Suponhamos que sois um dos obreiros e que estejais

impedido de fazer vossa tarefa, por moléstia ou força maior, independente de vossa vontade; acharíeis justo que o patrão vos pusesse na rua? Que pensaríeis desse patrão se vos dissesse, ao contrário: meu amigo, isso que não pudestes fazer hoje farás amanhã e recuperareis o tempo perdido; não vos demito porque não trabalhastes tão bem quanto vosso camarada que tem mais experiência que vós; trabalhai, instrui-vos, recomeçai o que fizestes malfeito e, quando fordes tão hábil quanto ele, eu vos pagarei como a ele?

Crede ter adquirido toda perfeição moral de que o ser seja susceptível na Terra? Falando doutro modo, supondes haver pessoas que valham mais que vós? Crede que as haja valendo menos do que vós? Entre todos os homens que têm vivido na Terra desde que é habitada, haverá muitos que hajam atingido a perfeição? Haverá muitos que não puderam alcançar esta perfeição por causas independentes de sua vontade, isto é, porque não estavam em situação de ficar esclarecidos sobre o bem e o mal? Se a condição dos homens após a morte é a mesma para todos, será preciso fazer o bem em vez de o mal? Se, ao contrário, a condição é relativa ao mérito adquirido, acharíeis justo que os, de quem não dependeu se acuarem impuros, ficassem privados da ventura para sempre? Se admitis que haja homens melhores que vós, julgaríeis justo serdes recompensado como eles, sem ter

feito bem igual? Se Deus vos propusesse esta alternativa: ver vossa sorte irrevogavelmente fixada após a vida e privado assim, para sempre, da bem-aventurança dos que valem mais que vós, ou poder gozar da bem-aventurança, permitindo-vos para isso aprimorar-vos em novas existências, qual escolheríeis? Se, em presença da eternidade, vísseis diante de vós os seres melhor aquinhoados, não serieis o primeiro a pedir a Deus se dignar de vos permitir recomeçar a fim de melhor fazer?

É assim que, por dedução lógica, chegaremos todos a reconhecer que o dogma da reencarnação ⁽¹¹⁾ é, a um só tempo, mais justo e mais consolador, pois dá ao homem a esperança. Acha-se, inclusive, explicitamente expresso no evangelho:

“Quando desciam a montanha (após a Transfiguração), Jesus fez esta recomendação, falando-lhes: não digais a ninguém daquilo que acabastes de ver, até que o filho do homem haja voltado de entre os mortos. Seus discípulos indagaram, falando-Lhe: porque então os Escribas dizem que Elias deve vir antes disso? Jesus, porém, lhes respondeu: certo que Elias há de vir e restabelecerá tudo. Todavia, eu vos revelo que Elias já veio e eles não o reconheceram e o fizeram sofrer como eles quiseram. É assim farão morrer o filho do homem. Então os discípulos compreenderam que era de João

Batista que ele havia falado.” (S. Mateus, c. 17.)

Se João Batista era Elias, houve portanto reencarnação do Espírito ou alma de Elias no corpo de João Batista.

O progresso que nos cabe fazer compreende o desenvolvimento de todas as nossas faculdades. Em cada nova existência, seja neste mundo, seja num outro, adiantamos um passo no aperfeiçoamento de algumas das faculdades. Será necessário que tenhamos todos os conhecimentos e virtudes morais para atingirmos a perfeição; razão por que devemos percorrer sucessivamente todas as fases da vida para ganhar experiência em todas as coisas. A vida corporal é um lapso na vida espírita que é a vida normal; então, durante este instante, podemos fazer para nos aprimorar, eis porque Deus permitiu que tais lapsos se repetissem como os dias do tempo terrestre. Os diversos globos são para os Espíritos, como os diversos países para o homem terráqueo; percorrem todos e fixam residência neste ou naquele, segundo o seu estado lhes permita, a fim de instruir-se em tudo.

Um homem cuja a vida fosse bastante longa para poder passar por todos os graus da escala social, exercer todas as profissões, viver entre todos os povos da Terra, aprofundar todas as artes e todas as ciências, teria, sem

contradita, conhecimentos e experiência sem iguais. Pois bem! O que o homem não pode fazer em uma só existência, realizará em tantas existências quantas necessárias para isso, é nas existências, que ele aprende o que ignora, se aperfeiçoa aos poucos e se apura; e quando houver percorrido todo o ciclo, gozará a bem-aventurança e a vida eterna no seio de Deus. ⁽¹²⁾

Questão 149 (2ª q. 193) – A marcha dos Espíritos é progressiva e jamais retrógrada; elevam-se gradativamente em a hierarquia, e não descaem nunca da classe à qual hajam chegado.

Nas suas múltiplas existências corporais podem por vezes decair em posição *social*, não em classe espírita.

Assim, a alma dum príncipe, na Terra, pode mais tarde vir a ser de humílimo artesão e vice-versa, pois os graus no meio humano estão por vezes na razão inversa da elevação dos sentimentos morais.

HERODES era rei e JESUS carpinteiro.

Questão 152 – Nenhuma relação *essencial* guardando o corpo que a alma toma numa encarnação com o de que se revestiu em encarnação anterior, visto que aquele lhe pode vir de procedência muito diversa da deste, fora absurdo pretender-se que, numa série de

existências, haja uma semelhança que é inteiramente fortuita. Todavia, as qualidades do Espírito frequentemente modificam os órgãos que lhe servem para as manifestações e lhe imprimem ao semblante físico e até ao conjunto de suas maneiras um cunho especial. É assim que, sob um envoltório corporal da mais humilde aparência, se pode deparar a expressão da grandeza e da dignidade, enquanto sob um envoltório de aspecto senhoril se percebe frequentemente a da baixaza e da ignomínia. Não é pouco frequente observar-se que certas pessoas, elevando-se da mais ínfima posição, tomam sem esforços os hábitos e as maneiras da alta sociedade. Parece que elas aí vêm a *achar-se de novo* no seu elemento. Outras, contrariamente, apesar do nascimento e da educação, se mostram sempre deslocadas em tal meio. De que modo se há de explicar esse fato, senão como reflexo daquilo que o Espírito foi antes? ⁽¹³⁾

Questão 490 - Nos mundos onde a existência é menos material do que neste, menos grosseiras são as necessidades e menos agudos os sofrimentos físicos. Lá, os homens desconhecem as paixões más, que, nos mundos inferiores, os fazem inimigos uns dos outros. Nenhum motivo tendo de ódio, ou de ciúme, vivem em paz, porque praticam a lei de justiça, amor e caridade.

Não conhecem os aborrecimentos e cuidados que nascem da inveja, do orgulho e do egoísmo, causas do tormento da nossa existência terrestre. ⁽¹⁴⁾

Ano 1858 - Revista Espírita

Novembro/1858: Revista Espírita

Pluralidade das Existências Corpóreas

(PRIMEIRO ARTIGO)

Das diversas doutrinas professadas pelo Espiritismo, a mais controvertida, sem dúvida, é a da pluralidade das existências corporais, também chamada de reencarnação. Embora essa opinião seja agora partilhada por grande número de pessoas, e que por nós já tenha sido tratada em diversas ocasiões, acreditamos ser um dever nosso, em razão de sua extrema gravidade, examiná-la aqui de maneira mais aprofundada, a fim de responder às inúmeras objeções que ela tem suscitado. Antes de entrar a fundo na questão, algumas observações preliminares se nos parecem indispensáveis.

Não é novo, dizem alguns, o dogma da reencarnação; ressuscitaram-no da doutrina de Pitágoras. Nunca dissemos ser de invenção moderna a Doutrina Espírita. Constituindo uma lei da Natureza, o Espiritismo há de ter existido desde a origem dos tempos e sempre nos esforçamos por demonstrar que dele se descobrem sinais na antiguidade mais remota. Pitágoras, como se

sabe, não foi o autor do sistema da metempsicose; ele o colheu dos filósofos indianos e dos egípcios, que o tinham desde tempos imemoriais. A ideia da transmigração das almas formava, pois, uma crença vulgar, aceita pelos homens mais eminentes. De que modo a adquiriram? Por uma revelação, ou por intuição? Ignoramo-lo. Seja como for, o que não padece dúvida é que uma ideia não atravessa séculos e séculos, nem consegue impor-se a inteligências de escol, se não contiver algo de sério. Assim, a ancianidade dessa doutrina, em vez de ser uma objeção, seria prova a seu favor. Contudo, entre a metempsicose dos Antigos e a moderna doutrina da reencarnação, há, como também se sabe, profunda diferença, assinalada pelo fato de os Espíritos rejeitarem, de maneira absoluta, a transmigração da alma do homem para os animais e reciprocamente.

Sem dúvida, dizem alguns contraditores, estáveis imbuídos dessas ideias, razão por que os Espíritos se apegaram à vossa maneira de ver. Eis aí um erro que prova, uma vez mais, o perigo dos julgamentos precipitados e sem exame. Se, antes de julgar, tivessem tais pessoas se dado ao trabalho de ler o que escrevemos sobre o Espiritismo, ter-se-iam poupado de levantarem objeções com tanta leviandade. Repetiremos, pois, o que a esse respeito já dissemos.

Quando a doutrina da reencarnação nos foi ensinada pelos Espíritos, estava tão distante do nosso pensamento que, sobre os antecedentes da alma, havíamos construído um sistema completamente diferente, partilhado, aliás, por muitas pessoas. Sob esse aspecto, portanto, a Doutrina dos Espíritos nos surpreendeu profundamente; diremos mais: contrariou-nos, porquanto derrubou as nossas próprias ideias. Como se pode ver, estava longe de refleti-las. Mas isso não é tudo: nós não cedemos ao primeiro choque; combatemos, defendemos nossa opinião, levantamos objeções e só nos rendemos à evidência quando percebemos a insuficiência de nosso sistema para resolver todas as dificuldades levantadas por essa questão.

Aos olhos de algumas pessoas o vocábulo evidência parecerá, sem dúvida, singular em semelhante matéria; não será, entretanto, impróprio aos que estão habituados a perscrutar os fenômenos espíritas. Para o observador atento há fatos que, embora não sejam de natureza absolutamente material, nem por isso deixam de constituir verdadeira evidência, pelo menos do ponto de vista moral. Não é aqui o lugar de explicar esses fatos; somente um estudo seguido e perseverante pode dá-los a compreender; nosso fim era somente refutar a ideia de que essa doutrina é a tradução do nosso pensamento. Temos, ainda, uma outra refutação a opor: é que não

somente a nós ela foi ensinada; foi, também, ensinada em muitos outros lugares, na França e no estrangeiro: na Alemanha, na Holanda, na Rússia, etc., e isso antes mesmo da publicação de *O Livro dos Espíritos*. Acrescentamos, ainda, que, desde que nos entregamos ao estudo do Espiritismo, obtivemos comunicações através de mais de cinquenta médiuns escreventes, falantes, videntes, etc., mais ou menos esclarecidos, de inteligência normal mais ou menos limitada, alguns até mesmo completamente analfabetos e, em consequência, absolutamente estranhos às matérias filosóficas; não obstante, em nenhum caso os Espíritos se desmentiram sobre essa questão. Dá-se o mesmo em todos os círculos que conhecemos, onde tal princípio é confessado. Bem sabemos que esse argumento não é irretorquível, razão por que não insistiremos mais a não ser pelo raciocínio.

Examinemos de outro ponto de vista a matéria e, fazendo abstração de qualquer intervenção dos Espíritos, deixemo-los de lado, por enquanto. Suponhamos que esta teoria nada tenha a ver com eles; suponhamos mesmo que jamais se haja cogitado de Espíritos. Coloquemo-nos, momentaneamente, num terreno neutro, admitindo o mesmo grau de probabilidade para ambas as hipóteses, isto é, a da pluralidade e a da unicidade das existências corpóreas, e vejamos para que lado a razão e o nosso próprio interesse nos farão pender.

Muitos repelem a ideia da reencarnação pelo só motivo de ela não lhes convir. Dizem que uma existência já lhes chega de sobra e que, portanto, não desejariam recomeçar outra semelhante. De alguns sabemos que saltam em fúria só com o pensarem que tenham de voltar à Terra. Perguntar-lhes-emos apenas se imaginam que Deus lhes pediu o parecer, ou consultou seus gostos para regular o Universo. Uma de duas: ou a reencarnação existe, ou não existe; se existe, nada importa que os contrarie; terão de sofrê-la, sem que para isso lhes peça Deus permissão. Assemelham-se, os que assim falam, a um doente que diz: Sofri hoje bastante, não quero sofrer mais amanhã. Qualquer que seja o seu mau humor, nem por isso terá de sofrer menos no dia seguinte, nem nos que se sucederem, até que se ache curado. Conseqüentemente, se os que de tal maneira se externam tiverem que viver de novo, corporalmente, tornarão a viver, reencarnarão. De nada lhes adiantará que se rebelam, quais crianças que não querem ir para o colégio, ou condenados, para a prisão. Passarão pelo que têm de passar. São demasiados pueris semelhantes objeções, para merecerem mais seriamente examinadas. Diremos, todavia, aos que as formulam que se tranquilizem, que a Doutrina Espírita, no tocante à reencarnação, não é tão terrível como a julgam; que, se a tivessem estudado a fundo, não se mostrariam tão horrorizados; saberiam que

deles dependem as condições da nova existência, que será feliz ou desgraçada, conforme ao que tiverem feito *neste mundo; que desde agora poderão elevar-se tão alto que nova queda no lodaçal não lhes seja mais de temer.*

Supomos dirigir-nos a pessoas que acreditam num futuro depois da morte e não aos que criam para si a perspectiva do nada, ou pretendem que suas almas se vão afogar num todo universal, onde perdem a individualidade, como os pingos da chuva no oceano, o que vem a dar quase no mesmo. Ora, pois: se credes num futuro qualquer, por certo não admitis que ele seja idêntico para todos, porquanto, de outro lado, qual a utilidade do bem? Por que haveria o homem de constranger-se? Por que deixaria de satisfazer a todas as suas paixões, a todos os seus desejos, embora à custa de outrem, uma vez que por isso não ficaria sendo melhor, nem pior? Credes, ao contrário, que esse futuro será mais ou menos ditoso ou inditoso, conforme ao que houverdes feito durante a vida e então desejais que seja tão afortunado quanto possível, visto que há de durar pela eternidade, não? Mas, porventura, teríeis a pretensão de ser dos homens mais perfeitos que hajam existido na Terra e, pois, com direito a alcançardes, de um salto, a suprema felicidade dos eleitos? Não. Admitis então que há homens de valor maior do que o vosso e com direito a um lugar melhor, sem daí resultar que vos conteis entre

os réprobos. Pois bem! Colocai-vos mentalmente, por um instante, nessa situação intermédia, que será a vossa, como acabastes de reconhecer, e imaginai que alguém vos venha dizer: “Sofreis; não sois tão feliz quanto poderíeis ser, ao passo que diante de vós existem seres, que gozam de completa ventura. Quereis mudar na deles a vossa posição?” - “Certamente - respondereis - que devemos fazer?” - Quase nada: recomeçar o trabalho mal executado e executá-lo melhor.” - Hesitaríeis em aceitar, ainda que a poder de muitas existências de provações? Façamos outra comparação mais prosaica. Imaginemos um homem que, embora sem ter chegado à miséria extrema, sofre privações por escassez de recursos; se viessem dizer-lhe: “Aqui está uma riqueza imensa de que podes gozar; para isto só é necessário que trabalhes arduamente durante um minuto”, o que teria respondido? Fosse ele o mais preguiçoso da Terra, não vacilaria em dizer: “Trabalhemos um minuto, dois minutos, uma hora, um dia, se for preciso. Que importa isso, desde que me leve a acabar os meus dias na fartura?” Ora, que é a duração da vida corpórea, em confronto com a eternidade? Menos que um minuto, menos que um segundo.

Temos visto algumas pessoas raciocinarem deste modo: Não é possível que Deus, soberanamente bom como é, imponha ao homem a obrigação de recomeçar

uma série de misérias e tribulações. Acharão, porventura, essas pessoas que há mais bondade em condenar Deus o homem a sofrer perpetuamente, por motivo de alguns momentos de erro, do que em lhe facultar meios de reparar suas faltas? “Dois industriais contrataram dois operários, cada um dos quais podia aspirar a se tornar sócio do respectivo patrão. Aconteceu que esses dois operários certa vez empregaram muito mal o seu dia, ambos merecendo ser despedidos. Um dos industriais, não obstante as súplicas do seu, o mandou embora e o pobre operário, não tendo achado mais trabalho, acabou por morrer na miséria. O outro disse ao seu: ‘Perdeste um dia; deves-me por isso uma compensação. Executaste mal o teu trabalho. Ficaste a dever-me uma reparação. Consinto que o recomeces. Trata de executá-lo bem, que te conservarei ao meu serviço e poderás continuar aspirando à posição superior que te prometi.’ Será preciso perguntemos qual dos industriais foi mais humano? Dar-se-á que Deus, que é a clemência mesma, seja mais inexorável do que um homem?

Há algo de pungente na ideia de que a nossa sorte fique para sempre decidida, por efeito de alguns anos de provações, mesmo que de nós não tenha dependido alcançarmos a perfeição, ao passo que eminentemente consoladora é a ideia oposta, que nos permite a esperança. Assim, sem nos pronunciarmos pró ou contra

a pluralidade das existências, sem preferirmos uma hipótese a outra, declaramos que, se aos homens fosse dado escolher, ninguém quereria o julgamento sem apelação. Disse um filósofo que, se Deus não existisse, fora mister inventá-lo, para felicidade do gênero humano. Outro tanto se poderia dizer da pluralidade das existências. Mas, conforme atrás ponderamos, Deus não nos pede permissão, nem consulta os nossos gostos. Ou isto é, ou não é. Vejamos de que lado estão as probabilidades e encaremos de outro ponto de vista o assunto, unicamente como estudo filosófico, sempre nos abstraíndo do ensino dos Espíritos.

Se não há reencarnação, só há, evidentemente, uma existência corporal. Se a nossa atual existência corpórea é a única, a alma de cada homem foi criada por ocasião do seu nascimento, a menos que se admita a anterioridade da alma, caso em que caberia perguntar o que era ela antes do nascimento e se o estado em que se achava não constituía uma existência sob forma qualquer. Não há meio termo: ou a alma existia, ou não existia antes do corpo. Se existia, qual a sua situação? Tinha, ou não, consciência de si mesma? Se não tinha, é quase como se não existisse. Caso tivesse individualidade, era progressiva, ou estacionária? Num e noutro caso, a que grau chegara ao tomar o corpo? Admitindo, de acordo com a crença vulgar, que a alma nasce com o corpo, ou, o

que vem a ser o mesmo, que, antes de encarnar, só dispõe de faculdades negativas, perguntamos:

1. Por que mostra a alma aptidões tão diversas e independentes das ideias que a educação lhe fez adquirir?

2. Donde vem a aptidão extranormal que muitas crianças revelam em tenra idade, para esta ou aquela arte, para esta ou aquela ciência, enquanto outras se conservam inferiores ou medíocres durante a vida toda?

3. Donde, em uns, as ideias inatas ou intuitivas, que noutros não existem?

4. Donde, em certas crianças, o instinto precoce que revelam para os vícios ou para as virtudes, os sentimentos inatos de dignidade ou de baixeza, contrastando com o meio em que nasceram?

5. Por que, abstraindo-se da educação, uns homens são mais adiantados do que outros?

6. Por que há selvagens e homens civilizados? Se tomardes de um menino hotentote recém-nascido e o educardes nos nossos melhores liceus, fareis dele algum dia um Laplace ou um Newton?

Qual a filosofia ou a teosofia capaz de resolver estes problemas? É fora de dúvida que, ou as almas são iguais ao nascerem, ou são desiguais. Se iguais, por que,

entre elas, tão grande diversidade de aptidão? Dir-se-á que isso depende do organismo. Mas, então, achamo-nos em presença da mais monstruosa e imoral das doutrinas. O homem seria simples máquina, joguete da matéria; deixaria de ter a responsabilidade de seus atos, pois que poderia atribuir tudo às suas imperfeições físicas. Se as almas são desiguais, é que Deus as criou assim. Nesse caso, porém, por que a inata superioridade concedida a algumas? Corresponderá essa parcialidade à justiça de Deus e ao amor que ele consagra igualmente a todas as suas criaturas?

Admitamos, ao contrário, uma série de progressivas existências anteriores para cada alma e tudo se explica. Ao nascerem, trazem os homens a intuição do que aprenderam antes; são mais ou menos adiantados, conforme o número de existências que contem, conforme já estejam mais ou menos afastados do ponto de partida. Dá-se aí exatamente o que se observa numa reunião de indivíduos de todas as idades, onde cada um terá desenvolvimento proporcionado ao número de anos que tenha vivido. As existências sucessivas serão, para a vida da alma, o que os anos são para a do corpo. Reuni, em certo dia, um milheiro de indivíduos de um a oitenta anos; suponde que um véu encubra todos os dias precedentes ao em que os reunistes e que, em consequência, acredites que todos nasceram na mesma ocasião.

Perguntareis naturalmente como é que uns são grandes e outros pequenos, uns velhos e jovens outros, instruídos uns, outros ainda ignorantes. Se, porém, dissipando-se a nuvem que lhes oculta o passado, vierdes a saber que todos hão vivido mais ou menos tempo, tudo se vos tornará explicado. Deus, em sua justiça, não pode ter criado almas desigualmente perfeitas. Com a pluralidade das existências, a desigualdade que notamos nada mais apresenta em oposição à mais rigorosa equidade: é que apenas vemos o presente e não o passado. A este raciocínio serve de base algum sistema, alguma suposição gratuita? Não. Partimos de um fato patente, incontestável: a desigualdade das aptidões e do desenvolvimento intelectual e moral, e verificamos que nenhuma das teorias correntes o explica, ao passo que uma outra teoria lhe dá explicação simples, natural e lógica. Será racional preferir-se as que não explicam àquela que explica?

À vista da sexta interrogação acima, dirão naturalmente que o hotentote é de raça inferior. Perguntaremos, então, se o hotentote é ou não um homem. Se é, por que a ele e à sua raça privou Deus dos privilégios concedidos à raça caucásica? Se não é, por que tentar fazê-lo cristão? A Doutrina Espírita tem mais amplitude do que tudo isto. Segundo ela, não há muitas espécies de homens, há tão-somente homens cujos

espíritos estão mais ou menos atrasados, porém todos susceptíveis de progredir. Não é este princípio mais conforme à justiça de Deus?

Acabamos de apreciar a alma com relação ao seu passado e ao seu presente. Se a considerarmos, tendo em vista o futuro, esbarraremos nas mesmas dificuldades.

1. Se a nossa existência atual é que, só ela, decidirá da nossa sorte vindoura, quais, na vida futura, as posições respectivas do selvagem e do homem civilizado? Estarão no mesmo nível, ou se acharão distanciados um do outro, no tocante à soma de felicidade eterna que lhes caiba?

2. O homem que trabalhou toda a sua vida por melhorar-se, virá a ocupar a mesma categoria de outro que se conservou em grau inferior de adiantamento, não por culpa sua, mas porque não teve tempo, nem possibilidade de se tornar melhor?

3. O que praticou o mal, por não ter podido instruir-se, será culpado de um estado de coisas cuja existência em nada dependeu dele?

4. Trabalha-se continuamente por esclarecer, moralizar, civilizar os homens. Mas, em contraposição a um que fica esclarecido, milhões de outros morrem todos os dias antes que a luz lhes tenha chegado. Qual a sorte

destes últimos? Serão tratados como réprobos? No caso contrário, que fizeram para ocupar categoria idêntica à dos outros?

5. Que sorte aguarda os que morrem na infância, quando ainda não puderam fazer nem o bem, nem o mal? Se vão para o meio dos eleitos, por que esse favor, sem que coisa alguma hajam feito para merecê-lo? Em virtude de que privilégio eles se veem isentos das tribulações da vida?

Haverá alguma doutrina capaz de resolver esses problemas? Admitam-se as existências consecutivas e tudo se explicará conformemente à justiça de Deus. O que se não pôde fazer numa existência faz-se em outra. Assim é que ninguém escapa à lei do progresso, que cada um será recompensado segundo o seu merecimento real e que ninguém fica excluído da felicidade suprema, a que todos podem aspirar, quaisquer que sejam os obstáculos com que topem no caminho.

Essas questões facilmente se multiplicariam ao infinito, porque inúmeros são os problemas psicológicos e morais que só na pluralidade das existências encontram solução. Limitamo-nos a formular as de ordem mais geral. Seja como for, alegar-se-á que a Igreja não admite a doutrina da reencarnação; que ela subverteria a religião. Nossa intenção não é tratar deste assunto agora. Basta-

nos haver demonstrado que aquela doutrina é eminentemente moral e racional. Mostraremos, mais tarde, que a religião se acha dela menos afastada do que se pensa e com isso não sofreria mais do que sofreu com a descoberta do movimento da Terra e dos períodos geológicos que, à primeira vista, pareciam desmentir os textos sagrados. O ensino dos Espíritos é eminentemente cristão; apoia-se sobre a imortalidade da alma, as penas e recompensas futuras, o livre-arbítrio do homem e a moral do Cristo. Não é, portanto, antirreligioso.

Temos raciocinado, abstraindo-nos, como dissemos, de qualquer ensinamento espírita que, para certas pessoas, carece de autoridade. Não é somente porque veio dos Espíritos que nós e tantos outros nos fizemos adeptos da pluralidade das existências. É porque essa doutrina nos pareceu a mais lógica e porque só ela resolve questões até então insolúveis.

Ainda quando fosse da autoria de um simples mortal, tê-la-íamos adotado igualmente e não havéramos hesitado um segundo mais em renunciar às ideias que esposávamos. Em sendo demonstrado o erro, muito mais que perder do que ganhar tem o amor-próprio, com o se obstinar na sustentação de uma ideia falsa. Assim, também, a teríamos repellido, mesmo que provindo dos Espíritos, se nos parecera contrária à razão,

como repelimos muitas outras, pois sabemos, por experiência, que não se deve aceitar cegamente tudo o que venha deles, da mesma forma que se não deve adotar às cegas tudo o que proceda dos homens. Restamos, pois, examinar a questão da pluralidade das existências do ponto de vista do ensino dos Espíritos, de que maneira devemos entendê-la e, por fim, responder às mais sérias objeções que se lhe possam opor. É o que faremos num próximo artigo ⁽¹⁵⁾. ⁽¹⁶⁾

Ano 1859 - Revista Espírita

Março/1859: Revista Espírita

Nota de Allan Kardec relativa à resposta à questão 16 do diálogo com o Espírito Paul Gaimard:

Todos os Espíritos afirmam que no estado de erraticidade pesquisam, estudam e observam, a fim de poderem escolher. Não está aí a contrapartida da vida corporal? Muitas vezes não erramos durante anos, antes de nos fixarmos na carreira que julgamos mais adequada à nossa caminhada evolutiva? Por vezes não mudamos, à medida que avançamos em idade? Cada dia não é empregado na busca do que faremos no dia seguinte?

Ora, o que representam as diferentes existências corporais para os Espíritos, senão fases, períodos, dias da vida espírita que, como sabemos, é a vida normal, já que a vida corporal é transitória e passageira? Haverá algo mais sublime do que essa teoria? Não está em consonância com a harmonia grandiosa do Universo? Ainda uma vez, não fomos nós que a inventamos e lamentamos não possuir esse mérito; porém, quanto mais nos aprofundamos mais a achamos fecunda na solução de problemas até agora inexplicados. (17)

Abril/1859: Revista Espírita

Trecho do artigo **Quadro da Vida Espírita:**

Dissemos que ao entrar em sua nova vida o Espírito necessita de algum tempo para se reconhecer, que tudo lhe é estranho e desconhecido. Sem dúvida haverão de perguntar como pode ser assim, já que ele teve outras existências corporais. Essas existências foram separadas por intervalos, durante os quais ele habitava o mundo dos Espíritos; tal mundo, portanto, não lhe deveria ser desconhecido, considerando que não o vê pela primeira vez.

Várias causas contribuem para que essas percepções lhe pareçam novas, embora já as tenha experimentado. Dissemos que a morte é sempre seguida por um instante de perturbação, que pode ser de curta duração. Nesse estado, suas ideias são sempre vagas e confusas; de alguma sorte a vida corporal se confunde com a vida espírita e ele ainda não as pode separar em seu pensamento. Dissipada a primeira impressão, as ideias pouco a pouco se tornam claras e, com elas, a lembrança do passado, que não volta senão gradualmente à memória, porquanto jamais essa memória irrompe bruscamente. Apenas quando ele se encontra completamente desmaterializado é que o passado se desdobra à sua frente, como algo impreciso,

saindo de um nevoeiro. Somente então ele se recorda de todos os atos de sua última existência, seguidos dos atos das existências anteriores e de suas diversas passagens pelo mundo dos Espíritos. Concebe-se, pois, que durante um certo tempo esse mundo lhe deva parecer novo, até que ele se tenha reconhecido completamente e a lembrança das sensações ali experimentadas lhe tenha voltado de maneira precisa. Mas a esta causa deve juntar-se uma outra, não menos preponderante.

O estado do Espírito, como Espírito, varia extraordinariamente, na razão do grau de sua elevação e pureza. À medida que se eleva e se depura, suas percepções e sensações se tornam menos grosseiras, adquirindo mais primor, mais sutileza e mais delicadeza; vê, sente e compreende coisas que não podia ver, nem sentir, nem compreender numa condição inferior. Ora, cada existência corporal, sendo para ele uma oportunidade de progresso, condu-lo a um novo meio, porque se encontra, caso haja progredido, entre Espíritos de outra ordem, cujas ideias, pensamentos e hábitos são diferentes. Acrescente-se que tal depuração lhe permite penetrar, sempre como Espírito, em mundos inacessíveis aos Espíritos inferiores, como entre nós os salões da alta sociedade são interditos às pessoas mal-educadas. Quanto menos esclarecido, tanto mais limitado é o seu horizonte; à medida que se eleva e se depura, esse

horizonte se amplia e, com ele, o círculo de suas ideias e percepções. A seguinte comparação nos permite compreendê-lo. Suponhamos um camponês bruto e ignorante, vindo a Paris pela primeira vez. Conhecerá e compreenderá a Paris do mundo sábio e elegante? Não, porque frequentará apenas as pessoas de sua classe e os bairros que elas habitam. Mas se, no intervalo de uma segunda viagem, esse camponês se desenvolveu, havendo adquirido instrução e boas maneiras, outros serão seus hábitos e as suas relações. Verá, então, um mundo novo para ele, que em nada se assemelhará à Paris de outrora. O mesmo acontece com os Espíritos; nem todos, porém, experimentam esse mesmo grau de incerteza. À medida que progridem, suas ideias se desenvolvem e a memória se aperfeiçoa: familiarizam-se antecipadamente com a sua nova situação; seu retorno entre os outros Espíritos nada mais tem que os surpreenda; encontram-se em seu meio normal e, passado o primeiro momento de perturbação, reconhecem-se quase imediatamente. ⁽¹⁸⁾

Ano 1860 - O Livro dos Espíritos (2ª edição) e Revista Espírita

Março/1860: O Livro dos Espíritos (19)

Questão 182 - À medida que o Espírito se purifica, o corpo que o reveste se aproxima igualmente da natureza espírita. Torna-se-lhe menos densa a matéria, deixa de rastejar penosamente pela superfície do solo, menos grosseiras se lhe fazem as necessidades físicas, não mais sendo preciso que os seres vivos se destruam mutuamente para se nutrirem. O Espírito se acha mais livre e tem, das coisas longínquas, percepções que desconhecemos. Vê com os olhos do corpo o que só pelo pensamento entrevemos.

Da purificação do Espírito decorre o aperfeiçoamento moral, para os seres que eles constituem, quando encarnados. As paixões animais se enfraquecem e o egoísmo cede lugar ao sentimento da fraternidade. Assim é que, nos mundos superiores ao nosso, se desconhecem as guerras, carecendo de objeto os ódios e as discórdias, porque ninguém pensa em causar dano ao seu semelhante. A intuição que seus habitantes têm do futuro, a segurança que uma consciência isenta de remorsos lhes dá, fazem que a

morte nenhuma apreensão lhes cause. Encaram-na de frente, sem temor, como simples transformação

A duração da vida, nos diferentes mundos, parece guardar proporção com o grau de superioridade física e moral de cada um, o que é perfeitamente racional. Quanto menos material o corpo, menos sujeito às vicissitudes que o desorganizam. Quanto mais puro o Espírito, menos paixões a miná-lo. É essa ainda uma graça da Providência, que desse modo abrevia os sofrimentos.

Questão 191-a - A vida do Espírito, em seu conjunto, apresenta as mesmas fases que observamos na vida corporal. Ele passa gradualmente do estado de embrião ao de infância, para chegar, percorrendo sucessivos períodos, ao de adulto, que é o da perfeição, com a diferença de que para o Espírito não há declínio, nem decrepitude, como na vida corporal; que a sua vida, que teve começo, não terá fim; que imenso tempo lhe é necessário, do nosso ponto de vista, para passar da infância espírita ao completo desenvolvimento; e que o seu progresso se realiza, não num único mundo, mas vivendo ele em mundos diversos. A vida do Espírito, pois, se compõe de uma série de existências corpóreas, cada uma das quais representa para ele uma ocasião de progredir, do mesmo modo que cada existência corporal

se compõe de uma série de dias, em cada um dos quais o homem obtém um acréscimo de experiência e de instrução. Mas, assim como, na vida do homem, há dias que nenhum fruto produzem, na do Espírito, há existências corporais de que ele nenhum resultado colhe, porque não as soube aproveitar.

Questão 195 – O homem, que ocupa uma posição má, deseja trocá-la o mais depressa possível. Aquele, que se acha persuadido de que as tribulações da vida terrena são consequência de suas imperfeições, procurará garantir para si uma nova existência menos penosa e esta ideia o desviará mais depressa da senda do mal do que a do fogo eterno, em que não acredita.

Questão 199-a – Se uma única existência tivesse o homem e se, extinguindo-se-lhe ela, sua sorte ficasse decidida para a eternidade, qual seria o mérito de metade do gênero humano, da que morre na infância, para gozar, sem esforços, da felicidade eterna e com que direito se acharia isenta das condições, às vezes tão duras, a que se vê submetida a outra metade?

Semelhante ordem de coisas não corresponderia à Justiça de Deus. Com a reencarnação, a igualdade é real para todos. O futuro a todos toca sem exceção e sem favor para quem quer que seja. Os retardatários só de si

mesmos se podem queixar. Forçoso é que o homem tenha o merecimento de seus atos, como tem deles a responsabilidade.

Aliás, não é racional considerar-se a infância como um estado normal de inocência. Não se veem crianças dotadas dos piores instintos, numa idade em que ainda nenhuma influência pode ter tido a educação? Algumas não há que parecem trazer do berço a astúcia, a felonía, a perfídia, até pendor para o roubo e para o assassinio, não obstante os bons exemplos que de todos os lados se lhes dão? A lei civil as absolve de seus crimes, porque diz que elas obraram sem discernimento. Tem razão a lei, porque, de fato, elas obram mais por instinto do que intencionalmente. Donde, porém, provirão instintos tão diversos em crianças da mesma idade, educadas em condições idênticas e sujeitas às mesmas influências? Donde a precoce perversidade, senão da inferioridade do Espírito, uma vez que a educação em nada contribuiu para isso? As que se revelam viciosas, é porque seus Espíritos muito pouco hão progredido. Sofrem então, por efeito dessa falta de progresso, as consequências, não dos atos que praticam na infância, mas dos de suas existências anteriores. Assim é que a lei é uma só para todos e que todos são atingidos pela Justiça de Deus. ⁽²⁰⁾

Questão 202 - Os Espíritos encarnam como

homens ou como mulheres, porque não têm sexo. Visto que lhes cumpre progredir em tudo, cada sexo, como cada posição social, lhes proporciona provações e deveres especiais e, com isso, ensejo de ganharem experiência. Aquele que só como homem encarnasse só saberia o que sabem os homens. (21)

Questão 222. (22) Não é novo, dizem alguns, o dogma da reencarnação; ressuscitaram-no da doutrina de Pitágoras. Nunca dissemos ser de invenção moderna a Doutrina Espírita. Constituindo uma lei da Natureza, o Espiritismo há de ter existido desde a origem dos tempos e sempre nos esforçamos por demonstrar que dele se descobrem sinais na antiguidade mais remota. Pitágoras, como se sabe, não foi o autor do sistema da metempsicose; ele o colheu dos filósofos indianos e dos egípcios, que o tinham desde tempos imemoriais. A ideia da transmigração das almas formava, pois, uma crença vulgar, aceita pelos homens mais eminentes. De que modo a adquiriram? Por uma revelação ou por intuição? Ignoramo-lo. Seja, porém, como for, o que não padece dúvida é que uma ideia não atravessa séculos e séculos, nem consegue impor-se a inteligências de escol, se não contiver algo de sério. Assim, a ancianidade desta Doutrina, em vez de ser uma objeção, seria prova a seu favor. Contudo, entre a metempsicose dos antigos e a

moderna doutrina da reencarnação, há, como também se sabe, profunda diferença, assinalada pelo fato de os Espíritos rejeitarem, de maneira absoluta, a transmigração da alma do homem para os animais e reciprocamente.

Portanto, ensinando o dogma da pluralidade das existências corporais, os Espíritos renovam uma doutrina que teve origem nas primeiras idades do mundo e que se conservou no íntimo de muitas pessoas, até os nossos dias. Simplesmente, eles a apresentam de um ponto de vista mais racional, mais acorde com as leis progressivas da Natureza e mais de conformidade com a sabedoria do Criador, despindo-a de todos os acessórios da superstição. Circunstância digna de nota é que não só neste livro os Espíritos a ensinaram no decurso dos últimos tempos: já antes da sua publicação, numerosas comunicações da mesma natureza se obtiveram em vários países, multiplicando-se depois, consideravelmente. Talvez fosse aqui o caso de examinarmos por que os Espíritos não parecem todos de acordo sobre esta questão. Mais tarde, porém, voltaremos a este assunto.

Examinemos de outro ponto de vista a matéria e, abstraindo de qualquer intervenção dos Espíritos, deixemo-los de lado, por enquanto. Suponhamos que esta

teoria nada tenha que ver com eles; suponhamos mesmo que jamais se haja cogitado de Espíritos. Coloquemo-nos, momentaneamente, num terreno neutro, admitindo o mesmo grau de probabilidade para ambas as hipóteses, isto é, a da pluralidade e a da unicidade das existências corpóreas, e vejamos para que lado a razão e o nosso próprio interesse nos farão pender.

Muitos repelem a ideia da reencarnação pelo só motivo de ela não lhes convir. Dizem que uma existência já lhes chega de sobra e que, portanto, não desejariam recomeçar outra semelhante. De alguns sabemos que saltam em fúria só com o pensarem que tenham de voltar à Terra. Perguntar-lhes-emos apenas se imaginam que Deus lhes pediu o parecer, ou consultou os gostos, para regular o Universo. Uma de duas: ou a reencarnação existe, ou não existe; se existe, nada importa que os contrarie; terão que a sofrer, sem que para isso lhes peça Deus permissão. Afiguram-se-nos os que assim falam um doente a dizer: Sofri hoje bastante, não quero sofrer mais amanhã. Qualquer que seja o seu mau humor, não terá por isso que sofrer menos no dia seguinte, nem nos que se sucederem, até que se ache curado. Conseqüentemente, se os que de tal maneira se externam tiverem que viver de novo, corporalmente, tornarão a viver, reencarnarão. Nada lhes adiantará rebelarem-se, quais crianças que não querem ir para o colégio, ou

condenados, para a prisão. Passarão pelo que têm de passar. São demasiados pueris semelhantes objeções, para merecerem mais seriamente examinadas. Diremos, todavia, aos que as formulam que se tranquilizem, que a Doutrina Espírita, no tocante à reencarnação, não é tão terrível como a julgam; que, se a houvessem estudado a fundo, não se mostrariam tão aterrorizados; saberiam que deles dependem as condições da nova existência, *que será feliz ou desgraçada, conforme o que tiverem feito neste mundo; que desde agora poderão elevar-se tão alto que a recaída no lodaçal não lhes seja mais de temer.*

Supomos dirigir-nos a pessoas que acreditam num futuro depois da morte e não aos que criam para si a perspectiva do nada, ou pretendem que suas almas se vão afogar num todo universal, onde perdem a individualidade, como os pingos da chuva no oceano, o que vem a dar quase no mesmo. Ora, pois: se credes num futuro qualquer, certo não admitis que ele seja idêntico para todos, porquanto, de outro modo, qual a utilidade do bem? Por que haveria o homem de constranger-se? Por que deixaria de satisfazer a todas as suas paixões, a todos os seus desejos, embora à custa de outrem, uma vez que por isso não ficaria sendo melhor, nem pior? Credes, ao contrário, que esse futuro será mais ou menos ditoso ou inditoso, conforme o que houverdes feito durante a vida e então desejas que seja tão afortunado

quanto possível, visto que há de durar pela eternidade, não? Mas, porventura, teríeis a pretensão de serdes dos homens mais perfeitos que hajam existido na Terra e, pois, com direito a alcançardes de um salto a suprema felicidade dos eleitos? Não. Admitis então que há homens de valor maior do que o vosso e com direito a um lugar melhor, sem daí resultar que vos conteis entre os réprobos. Pois bem! Colocai-vos mentalmente, por um instante, nessa situação intermédia, que será a vossa, como acabastes de reconhecer, e imaginai que alguém vos venha dizer: – Sofreis; não sois tão felizes quanto poderíeis ser, ao passo que diante de vós estão seres que gozam de completa ventura. Quereis mudar na deles a vossa posição? – Certamente – respondereis. Que devemos fazer? – quase nada: recomeçar o trabalho mal executado e executá-lo melhor. Hesitaríeis em aceitar, ainda que a poder de muitas existências de provações? Façamos outra comparação mais prosaica. Figuremos que a um homem que, sem ter chegado à miséria extrema, sofre, no entanto, privações, por escassez de recursos, viessem dizer: – Aqui está uma riqueza imensa de que podes gozar; para isto, só é necessário que trabalhes arduamente durante um minuto. Fosse ele o mais preguiçoso da Terra, que sem hesitar diria: – Trabalhemos um minuto, dois minutos, uma hora, um dia, se for preciso. Que importa isso, desde que me leve a acabar os

meus dias na fartura? – Ora, que é a duração da vida corpórea, em confronto com a eternidade? Menos que um minuto, menos que um segundo.

Temos visto algumas pessoas raciocinarem deste modo: Não é possível que Deus, soberanamente bom como é, imponha ao homem a obrigação de recomeçar uma série de misérias e tribulações. Acharão, porventura, essas pessoas que há mais bondade em condenar Deus o homem a sofrer perpetuamente, por motivo de alguns momentos de erro, do que em lhe facultar meios de reparar suas faltas?

“Dois industriais contrataram dois operários, cada um dos quais podia aspirar a se tornar sócio do respectivo patrão. Aconteceu que esses dois operários certa vez empregaram muito mal o seu dia, merecendo ambos ser despedidos. Um dos industriais, não obstante as súplicas do seu operário, o mandou embora e o pobre operário, não tendo achado mais trabalho, acabou por morrer na miséria. O outro industrial disse ao seu operário: Perdeste um dia; deves-me por isso uma compensação. Executaste mal o teu trabalho; ficaste a me dever uma reparação. Consinto que o recomeces. Trata de executá-lo bem, que te conservarei ao meu serviço e poderás continuar aspirando à posição superior que te prometi.” Será preciso perguntemos qual dos industriais foi mais

humano? Dar-se-á que Deus, que é a clemência mesma, seja mais inexorável do que um homem?

Alguma coisa de pungente há na ideia de que a nossa sorte fique para sempre decidida, por efeito de alguns anos de provações, Considerações sobre a pluralidade das existências ainda quando de nós não tenha dependido o atingirmos a perfeição, ao passo que eminentemente consoladora é a ideia oposta, que nos permite a esperança. Assim, sem nos pronunciarmos pró ou contra a pluralidade das existências, sem preferirmos uma hipótese a outra, declaramos que, se aos homens fosse dado escolher, ninguém quererá o julgamento sem apelação. Disse um filósofo que, se Deus não existisse, fora mister inventá-lo, para felicidade do gênero humano. Outro tanto se poderia dizer da pluralidade das existências. Mas, conforme anteriormente ponderamos, Deus não nos pede permissão, nem consulta os nossos gostos. Ou isto é, ou não é. Vejamos de que lado estão as probabilidades e encaremos de outro ponto de vista o assunto, unicamente como estudo filosófico, sempre abstraindo do ensino dos Espíritos.

Se não há reencarnação, só há, evidentemente, uma existência corporal. Se a nossa atual existência corpórea é única, a alma de cada homem foi criada por ocasião do seu nascimento, a menos que se admita a

anterioridade da alma, caso em que caberia perguntar o que era ela antes do nascimento e se o estado em que se achava não constituía uma existência sob forma qualquer. Não há meio termo: ou a alma existia, ou não existia antes do corpo. Se existia, qual a sua situação? Tinha, ou não, consciência de si mesma? Se não tinha, é quase como se não existisse. Se tinha individualidade, era progressiva, ou estacionária? Num e noutro caso, a que grau chegara ao tomar o corpo? Admitindo, de acordo com a crença vulgar, que a alma nasce com o corpo, ou, o que vem a ser o mesmo, que, antes de encarnar, só dispõe de faculdades negativas, perguntamos:

1. Por que mostra a alma aptidões tão diversas e independentes das ideias que a educação lhe fez adquirir?

2. Donde vem a aptidão extranormal que muitas crianças em tenra idade revelam, para esta ou aquela arte, para esta ou aquela ciência, enquanto outras se conservam inferiores ou medíocres durante a vida toda?

3. Donde, em uns, as ideias inatas ou intuitivas, que noutros não existem?

4. Donde, em certas crianças, o instinto precoce que revelam para os vícios ou para as virtudes, os sentimentos inatos de dignidade ou de baixaza, contrastando com o meio em que elas nasceram?

5. Por que, abstraindo-se da educação, uns homens são mais adiantados do que outros?

6. Por que há selvagens e homens civilizados? Se tomardes de um menino hotentote recém-nascido e o educardes nos nossos melhores liceus, fareis dele algum dia um Laplace ou um Newton? Qual a filosofia ou a teosofia capaz de resolver estes problemas? É fora de dúvida que, ou as almas são iguais ao nascerem, ou são desiguais. Se são iguais, por que, entre elas, tão grande diversidade de aptidões? Dir-se-á que isso depende do organismo. Mas, então, achamo-nos em presença da mais monstruosa e imoral das doutrinas. O homem seria simples máquina, joguete da matéria; deixaria de ter a responsabilidade de seus atos, pois que poderia atribuir tudo às suas imperfeições físicas. Se as almas são desiguais, é que Deus as criou assim. Nesse caso, porém, por que a inata superioridade concedida a algumas? Corresponderá essa parcialidade à Justiça de Deus e ao amor que Ele consagra igualmente a todas as suas criaturas?

Admitamos, ao contrário, uma série de progressivas existências anteriores para cada alma e tudo se explica. Ao nascerem, trazem os homens a intuição do que aprenderam antes. São mais ou menos adiantados, conforme o número de existências que contêm, conforme

já estejam mais ou menos afastados do ponto de partida. Dá-se aí exatamente o que se observa numa reunião de indivíduos de todas as idades, onde cada um terá desenvolvimento proporcionado ao número de anos que tenha vivido. As existências sucessivas serão, para a vida da alma, o que os anos são para a do corpo. Reuni, em certo dia, um milheiro de indivíduos de um a oitenta anos; suponde que um véu encubra todos os dias precedentes ao em que os reunistes e que, em consequência, acreditais que todos nasceram na mesma ocasião. Perguntareis naturalmente como é que uns são grandes e outros pequenos; uns velhos e jovens outros; instruídos uns, outros ainda ignorantes. Se, porém, dissipando-se a nuvem que lhes oculta o passado, vierdes a saber que todos hão vivido mais ou menos tempo, tudo se vos tornará explicado. Deus, em sua justiça, não pode ter criado almas mais ou menos perfeitas. Com a pluralidade das existências, a desigualdade que notamos nada mais apresenta em oposição à mais rigorosa equidade: é que apenas vemos o presente e não o passado. A este raciocínio serve de base algum sistema, alguma suposição gratuita? Não. Partimos de um fato patente, incontestável: a desigualdade das aptidões e do desenvolvimento intelectual e moral e verificamos que nenhuma das teorias correntes o explica, ao passo que uma outra teoria [a da pluralidade das existências] lhe dá

explicação simples, natural e lógica. Será racional preferir-se à teoria que explica tudo a uma das que nada explicam?

À vista da sexta interrogação acima, dirão naturalmente que o hotentote é de raça inferior. Perguntaremos, então, se o hotentote é ou não um homem. Se é, por que a ele e à sua raça privou Deus dos privilégios concedidos à raça caucásica? Se não é, por que tentar fazê-lo cristão? A Doutrina Espírita tem mais amplitude do que tudo isto. Segundo ela, não há muitas espécies de homens, há tão somente homens cujos espíritos estão mais ou menos atrasados, porém todos suscetíveis de progredir. Não é este princípio mais conforme a Justiça de Deus?

Vimos de apreciar a alma com relação ao seu passado e ao seu presente. Se a considerarmos, tendo em vista o seu futuro, esbarraremos nas mesmas dificuldades.

1. Se a nossa existência atual é que, só ela, decidirá da nossa sorte vindoura, quais, na vida futura, as posições respectivas do selvagem e do homem civilizado? Estarão no mesmo nível, ou se acharão distanciados um do outro, no tocante à soma de felicidade eterna que lhes caiba?

2. O homem que trabalhou toda a sua vida por

melhorar-se, virá a ocupar a mesma categoria de outro que se conservou em grau inferior de adiantamento, não por culpa sua, mas porque não teve tempo, nem possibilidade de se tornar melhor?

3. O que praticou o mal, por não ter podido instruir-se, será culpado de um estado de coisas cuja existência em nada dependeu dele?

4. Trabalha-se continuamente por esclarecer, moralizar, civilizar os homens. Em contraposição a um que fica esclarecido, porém, milhões de outros morrem todos os dias antes que a luz lhes tenha chegado. Qual a sorte destes últimos? Serão tratados como réprobos? No caso contrário, que fizeram para ocupar categoria idêntica à dos outros?

5. Que sorte aguarda os que morrem na infância, quando ainda não puderam fazer nem o bem, nem o mal? Se vão para o meio dos eleitos, por que esse favor, sem que coisa alguma hajam feito para merecê-lo? Em virtude de que privilégio eles se veem isentos das tribulações da vida?

Haverá alguma doutrina capaz de resolver esses problemas? Admitam-se as existências consecutivas e tudo se explicará conforme a Justiça de Deus. O que se não pôde fazer numa existência faz-se em outra. Assim é que ninguém escapa à lei do progresso, que cada um será

recompensado segundo o seu merecimento real e que ninguém fica excluído da felicidade suprema, a que todos podem aspirar, quaisquer que sejam os obstáculos com que topem no caminho. Essas questões facilmente se multiplicariam ao infinito, porquanto inúmeros são os problemas psicológicos e morais que só na pluralidade das existências encontram solução. Limitamo-nos a formular as de ordem mais geral. Como quer que seja, alegar-se-á talvez que a Igreja não admite a doutrina da reencarnação; que ela subverteria a religião. Não temos o intuito de tratar dessa questão neste momento. basta-nos o havermos demonstrado que aquela doutrina é eminentemente moral e racional.

Ora, o que é moral e racional não pode estar em oposição a uma religião que proclama ser Deus a bondade e a razão por excelência. Que teria sido da religião, se, contra a opinião universal e o testemunho da ciência, se houvesse obstinadamente recusado a render-se à evidência e expulsado de seu seio todos os que não acreditassem no movimento do Sol ou nos seis dias da Criação? Que crédito houvera merecido e que autoridade teria tido, entre povos cultos, uma religião fundada em erros manifestos e que os impusesse como artigos de fé? Logo que a evidência se patenteou, a Igreja, criteriosamente, se colocou do lado da evidência. Uma vez provado que certas coisas existentes seriam

impossíveis sem a reencarnação, que, a não ser por esse meio, não se consegue explicar alguns pontos do dogma, cumpre admiti-lo e reconhecer meramente aparente o antagonismo entre esta doutrina e a dogmática. Mais adiante mostraremos que talvez seja muito menor do que se pensa a distância que, da doutrina das vidas sucessivas, separa a religião e que a esta não faria aquela doutrina maior mal do que lhe fizeram as descobertas do movimento da Terra e dos períodos geológicos, as quais, à primeira vista, pareceram desmentir os textos sagrados. Ademais, o princípio da reencarnação ressalta de muitas passagens das Escrituras, achando-se especialmente formulado, de modo explícito, no Evangelho:

Quando desciam da montanha (depois da transfiguração), Jesus lhes fez esta recomendação: Não faleis a ninguém do que acabastes de ver, até que o filho do homem tenha ressuscitado dentre os mortos. Perguntaram-lhe então seus discípulos: – Por que dizem os escribas ser preciso que primeiro venha Elias? – Respondeu-lhes Jesus: – é certo que Elias há de vir e que restabelecerá todas as coisas, mas eu vos declaro que Elias já veio, e eles não o conheceram e o fizeram sofrer como entenderam. Do mesmo modo darão a morte ao filho do homem. – Compreenderam então seus discípulos que era de João Batista que Ele lhes falava. (Mateus, 17:9 a 13.)

Pois que João Batista fora Elias, houve reencarnação do Espírito ou da alma de Elias no corpo de João Batista.

Em suma, como quer que opinemos acerca da reencarnação, quer a aceitemos, quer não, isso não constituirá motivo para que deixemos de sofrê-la, desde que ela exista, malgrado todas as crenças em contrário.

O essencial está em que o ensino dos Espíritos é eminentemente cristão; apoia-se na imortalidade da alma, nas penas e recompensas futuras, na Justiça de Deus, no livre-arbítrio do homem, na moral do Cristo. Logo, não é antirreligioso.

Temos raciocinado, abstraído, como dissemos, de qualquer ensinamento espírita que, para certas pessoas, carece de autoridade. Não é somente porque veio dos Espíritos que nós e tantos outros nos fizemos adeptos da pluralidade das existências. É porque essa Doutrina nos pareceu a mais lógica e porque só ela resolve questões até então insolúveis.

Ainda quando fosse da autoria de um simples mortal, tê-la-íamos igualmente adotado e não havéramos hesitado um segundo mais em renunciar às ideias que esposávamos. Sendo demonstrado o erro, muito mais que perder do que ganhar tem o amor-próprio, com o se obstinar na sustentação de uma ideia falsa. Assim, também, tê-la-íamos repelido, mesmo que provindo dos Espíritos, se nos parecera contrária à razão, como repelimos muitas outras, pois sabemos, por

experiência, que não se deve aceitar cegamente tudo o que venha deles, da mesma forma que se não deve adotar às cegas tudo que proceda dos homens.

O melhor título que, ao nosso ver, recomenda a ideia da reencarnação é o de ser, antes de tudo, lógica. Outro, no entanto, ela apresenta: o de a confirmarem os fatos, fatos positivos e, por bem-dizer, materiais, que um estudo atento e criterioso revela a quem se dê ao trabalho de observar com paciência e perseverança e diante dos quais não há mais lugar para a dúvida. Quando esses fatos se houverem vulgarizado, como os da formação e do movimento da Terra, forçoso será que todos se rendam à evidência e os que se lhes colocaram em oposição ver-se-ão constrangidos a desdizer-se.

Reconheçamos, portanto, em resumo, que só a doutrina da pluralidade das existências explica o que, sem ela, se mantém inexplicável; que é altamente consoladora e conforme a mais rigorosa justiça; que constitui para o homem a âncora de salvação que Deus, por misericórdia, lhe concedeu.

As próprias palavras de Jesus não permitem dúvida a tal respeito. Eis o que se lê no Evangelho de João, 3:3 a 7:

3. Respondendo a Nicodemos, disse Jesus: - Em verdade, em verdade te digo que, se um homem não

nascido de novo, não poderá ver o Reino de Deus.

4. Disse-lhe Nicodemos: – Como pode um homem nascer já estando velho? Pode tornar ao ventre de sua mãe para nascer segunda vez?

5. Respondeu Jesus: – Em verdade, em verdade te digo que, se um homem não renascer da água e do Espírito, não poderá entrar no Reino de Deus. O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do Espírito é Espírito. Não te admires de que Eu te tenha dito: é necessário que torneis a nascer. ⁽²³⁾

Questão 271 – Sabemos que os nossos antropófagos não se acham no último degrau da escala espiritual e que mundos há onde a bruteza e a ferocidade não têm analogia na Terra. Os Espíritos que aí encarnam são, portanto, inferiores aos mais ínfimos que no nosso mundo encarnam. Para eles, pois, nascer entre os nossos selvagens representa um progresso, como progresso seria, para os antropófagos terrenos, exercerem entre nós uma profissão que os obrigasse a fazer correr sangue. Não podem pôr mais alto suas vistas, porque sua inferioridade moral não lhes permite compreender maior progresso. O Espírito só gradativamente avança. Não lhe é dado transpor de um salto a distância que da civilização separa a barbárie e é esta uma das razões que nos

mostram ser necessária a reencarnação, que verdadeiramente corresponde à Justiça de Deus. De outro modo, que seria desses milhões de criaturas que todos os dias morrem na maior degradação, se não tivessem meios de alcançar a superioridade? Por que os privaria Deus dos favores concedidos aos outros homens? ⁽²⁴⁾

Questão 340 – O viajante que embarca sabe a que perigo se lança, mas não sabe se naufragará. O mesmo se dá com o Espírito: conhece o gênero das provas a que se submete, mas não sabe se sucumbirá.

Assim como, para o Espírito, a morte do corpo é uma espécie de renascimento, a reencarnação é uma espécie de morte, ou antes, de exílio, de clausura. Ele deixa o mundo dos Espíritos pelo mundo corporal, como o homem deixa este mundo por aquele. Sabe que reencarnará, como o homem sabe que morrerá. Mas, como este com relação à morte, o Espírito só no instante supremo, quando chegou o momento predestinado, tem consciência de que vai reencarnar. Então, qual o homem em agonia, dele se apodera a perturbação, que se prolonga até que a nova existência se ache positivamente encetada. À aproximação do momento de reencarnar, sente uma espécie de agonia. ⁽²⁵⁾

Questão 393 – Não temos, é certo, durante a vida

corpórea, lembrança exata do que fomos e do que fizemos em anteriores existências; mas temos de tudo isso a intuição, sendo as nossas tendências instintivas uma reminiscência do passado. E a nossa consciência, que é o desejo que experimentamos de não reincidir nas faltas já cometidas, nos concita à resistência àqueles pendores. (26)

Questão 394 - No esquecimento das existências anteriormente transcorridas, sobretudo quando foram amarguradas, não há qualquer coisa de providencial e que revela a sabedoria divina? Nos mundos superiores, quando o recordá-las já não constitui pesadelo, é que as vidas desgraçadas se apresentam à memória. Nos mundos inferiores, a lembrança de todas as que se tenham sofrido não agravaria as infelicidades presentes? Concluamos, pois, daí que tudo o que Deus fez é perfeito e que não nos toca criticar-lhe as obras, nem lhe ensinar como deveria ter regulado o Universo.

Gravíssimos inconvenientes teria o nos lembrarmos das nossas individualidades anteriores. Em certos casos, humilhar-nos-ia sobremaneira. Em outros, nos exaltaria o orgulho, peando-nos, em consequência, o livre-arbítrio. Para nos melhorarmos, dá-nos Deus exatamente o que nos é necessário e basta: a voz da consciência e os pendores instintivos. Priva-nos do que nos prejudicaria.

Acrescentemos que, se nos recordássemos dos nossos precedentes atos pessoais, igualmente nos recordaríamos dos outros homens, do que resultaria talvez os mais desastrosos efeitos para as relações sociais. Nem sempre podendo honrar-nos do nosso passado, melhor é que sobre ele um véu seja lançado. Isto concorda perfeitamente com a Doutrina dos Espíritos acerca dos mundos superiores à Terra. Nesses mundos, em que só reina o bem, a reminiscência do passado nada tem de dolorosa. Tal a razão por que neles as criaturas se lembram da sua antecedente existência, como nos lembramos do que fizemos na véspera. Quanto à estada em mundos inferiores, não passa então, como já dissemos, de mau sonho. (27)

Questão 399 - Chegado ao termo que a Providência lhe assinou à vida na erraticidade, o próprio Espírito escolhe as provas a que deseja submeter-se para apressar o seu adiantamento, isto é, escolhe meios de adiantar-se e tais provas estão sempre em relação com as faltas que lhe cumpre expiar. Se delas triunfa, eleva-se; se sucumbe, tem que recomeçar.

O Espírito goza sempre do livre-arbítrio. Em virtude dessa liberdade é que escolhe, quando desencarnado, as provas da vida corporal e que, quando encarnado, decide fazer ou não uma coisa e procede à escolha entre o bem

e o mal. Negar ao homem o livre-arbítrio fora reduzi-lo à condição de máquina.

Mergulhado na vida corpórea, perde o Espírito, momentaneamente, a lembrança de suas existências anteriores, como se um véu as cobrisse. Todavia, conserva algumas vezes vaga consciência dessas vidas, que, mesmo em certas circunstâncias, lhe podem ser reveladas. Esta revelação, porém, só os Espíritos superiores espontaneamente lhe fazem, com um fim útil, nunca para satisfazer a vã curiosidade.

As existências futuras, essas em nenhum caso podem ser reveladas, pela razão de que dependem do modo por que o Espírito se sairá da existência atual e da escolha que ulteriormente faça.

O esquecimento das faltas praticadas não constitui obstáculo à melhoria do Espírito, porquanto, se ele não lembra delas com precisão, o conhecimento que delas teve no estado errante e o desejo de repará-las guiam-no por intuição, e lhe dão a ideia de resistir ao mal. Essa ideia é a voz da consciência, secundada pelos Espíritos que o assistem, se atende às boas inspirações que lhe dão.

O homem não conhece os atos que praticou em suas existências pretéritas, mas pode sempre saber qual o gênero das faltas de que se tornou culpado e qual o

cunho predominante do seu caráter. Bastará que se estude a si mesmo. Poderá então julgar do que foi, não pelo que é, mas pelas suas tendências.

As vicissitudes da vida corpórea constituem expiação das faltas do passado e, simultaneamente, provas com relação ao futuro. Depuram-nos e elevam-nos, se as suportamos resignados e sem murmurar.

A natureza dessas vicissitudes e das provas que sofremos também nos podem esclarecer acerca do que fomos e do que fizemos, do mesmo modo que neste mundo julgamos dos atos de um culpado pelo castigo que lhe inflige a lei. Assim, o orgulhoso será castigado no seu orgulho, mediante a humilhação de uma existência subalterna; o mau rico, o avarento, pela miséria; o que foi cruel para os outros, pelas crueldades que sofrerá; o tirano, pela escravidão; o mau filho, pela ingratidão de seus filhos; o preguiçoso, por um trabalho forçado etc. (28)

Questão 613 - Seria verdadeira a metempsicose, se indicasse a progressão da alma, passando de um estado inferior a outro superior, em que adquirisse desenvolvimentos que lhe transformassem a natureza. É, porém, falsa no sentido de transmigração direta da alma do animal para o homem e reciprocamente, o que implicaria a ideia de uma retrogradação, ou de fusão. Ora,

o fato de não poder semelhante fusão operar-se, entre os seres corporais das duas espécies, mostra que estas são de graus inassimiláveis, devendo dar-se o mesmo com relação aos Espíritos que as animam. Se um mesmo Espírito as pudesse animar alternativamente, haveria, como consequência, uma identidade de natureza, traduzindo-se pela possibilidade da reprodução material.

A reencarnação, como os Espíritos a ensinam, se funda, ao contrário, na marcha ascendente da Natureza e na progressão do homem, dentro da sua própria espécie, o que em nada lhe diminui a dignidade. O que o rebaixa é o mau uso que ele faz das faculdades que Deus lhe outorgou para que progrida. Seja como for, a ancianidade e a universalidade da doutrina da metempsicose e, bem assim, a circunstância de a terem professado homens eminentes provam que o princípio da reencarnação se radica na própria Natureza; são, pois, argumentos muito mais a seu favor, do que contrários a ele.

O ponto inicial do Espírito é uma dessas questões que se prendem à origem das coisas e de que Deus guarda o segredo. Dado não é ao homem conhecê-las de modo absoluto, nada mais lhe sendo possível a tal respeito do que fazer suposições, criar sistemas mais ou menos prováveis. Os próprios Espíritos longe estão de tudo saberem e, acerca do que não sabem, também

podem ter opiniões pessoais mais ou menos sensatas.

É assim, por exemplo, que nem todos pensam da mesma forma quanto às relações existentes entre o homem e os animais. Segundo uns, o Espírito não chega ao período humano senão depois de se haver elaborado e individualizado nos diversos graus dos seres inferiores da Criação. Segundo outros, o Espírito do homem teria pertencido sempre à raça humana, sem passar pela feira animal. O primeiro desses sistemas apresenta a vantagem de assinar um alvo ao futuro dos animais, que formariam então os primeiros elos da cadeia dos seres pensantes. O segundo é mais conforme a dignidade do homem e pode resumir-se da maneira seguinte:

As diferentes espécies de animais não procedem *intelectualmente* umas das outras, mediante progressão. Assim, o espírito da ostra não se torna sucessivamente o do peixe, do pássaro, do quadrúpede e do quadrúmano. Cada espécie constitui, física e moralmente, um tipo *absoluto*, cada um de cujos indivíduos haure na fonte universal a quantidade do princípio inteligente que lhe seja necessário, de acordo com a perfeição de seus órgãos e com o trabalho que tenha de executar nos fenômenos da Natureza, quantidade que ele, por sua morte, restitui ao reservatório donde a tirou. Os dos mundos mais adiantados que o nosso (ver q. 188)

constituem igualmente raças distintas, apropriadas às necessidades desses mundos e ao grau de adiantamento dos homens, cujos auxiliares eles são, mas de modo nenhum procedem das da Terra, espiritualmente falando. Outro tanto não se dá com o homem. Do ponto de vista físico, este forma evidentemente um elo da cadeia dos seres vivos; porém, do ponto de vista moral, há, entre o animal e o homem, solução de continuidade. O homem possui, como propriedade sua, a alma ou Espírito, centelha divina que lhe confere o senso moral e um alcance intelectual de que carecem os animais e que é nele o ser principal, que preexiste e sobrevive ao corpo, conservando sua individualidade. Qual a origem do Espírito? Onde o seu ponto inicial? forma-se do princípio inteligente individualizado? Tudo isso são mistérios que fora inútil querer devassar e sobre os quais, como dissemos, nada mais se pode fazer do que construir sistemas. O que é constante, o que ressalta do raciocínio e da experiência é a sobrevivência do Espírito, a conservação de sua individualidade após a morte, a progressividade de suas faculdades, seu estado feliz ou desgraçado de acordo com o seu adiantamento na senda do bem e todas as verdades morais decorrentes deste princípio.

Quanto às relações misteriosas que existem entre o homem e os animais, isso, repetimos, está nos segredos

de Deus, como muitas outras coisas, cujo conhecimento atual nada importa ao nosso progresso e sobre as quais seria inútil determo-nos. (29)

Questão 619 - A justiça das diversas encarnações do homem é uma consequência deste princípio, pois a cada nova existência sua inteligência se acha mais desenvolvida e ele compreende melhor o que é bem e o que é mal. Se, para ele, tudo tivesse que se realizar numa única existência, qual seria a sorte de tantos milhões de seres que morrem todos os dias no embrutecimento da selvageria, ou nas trevas da ignorância, sem que deles tenha dependido o se instruírem? (171 e 222) (30)

Questão 789 - A humanidade progride, por meio dos indivíduos que pouco a pouco se melhoram e instruem. Quando estes preponderam pelo número, tomam a dianteira e arrastam os outros. De tempos a tempos, surgem no seio dela homens de gênio que lhe dão um impulso; vêm depois, como instrumentos de Deus, os que têm autoridade e, nalguns anos, fazem-na adiantar-se de muitos séculos.

O progresso dos povos também realça a justiça da reencarnação. Louváveis esforços empregam os homens de bem para conseguir que uma nação se adiante, moral e intelectualmente. Transformada, a nação será mais

ditosa neste mundo e no outro, concebe-se, mas, durante a sua marcha lenta através dos séculos, milhares de indivíduos morrem todos os dias. Qual a sorte de todos os que sucumbem ao longo do trajeto? Privá-los-á, a sua relativa inferioridade, da felicidade reservada aos que chegam por último? Ou também relativa será a felicidade que lhes cabe? Não é possível que a Justiça divina haja consagrado semelhante injustiça. Com a pluralidade das existências, é igual para todos o direito à felicidade, porque ninguém fica privado do progresso. Podendo, os que viveram ao tempo da barbaria, voltar, na época da civilização, a viver no seio do mesmo povo, ou de outro, é claro que todos tiram proveito da marcha ascensional.

Outra dificuldade, no entanto, apresenta aqui o sistema da unicidade das existências. Segundo este sistema, a alma é criada no momento em que nasce o ser humano. Então, se um homem é mais adiantado do que outro, é que Deus criou para ele uma alma mais adiantada. Por que esse favor? Que merecimento tem esse homem, que não viveu mais do que outro, que talvez haja vivido menos, para ser dotado de uma alma superior? Esta, porém, não é a dificuldade principal. Uma nação passa, em mil anos, da barbaria à civilização. Se os homens vivessem um milênio, conceber-se-ia que, nesse período milenar, tivessem tempo de progredir. Diariamente, porém, morrem criaturas em todas as

idades; incessantemente se renovam na face do planeta, de tal sorte que todos os dias aparece uma multidão delas e outra desaparece. Ao cabo de mil anos, já não há naquela nação vestígio de seus antigos habitantes. Contudo, de bárbara, que era, ela se tornou policiada. Que foi o que progrediu? Foram os indivíduos outrora bárbaros? Mas esses morreram há muito tempo. Teriam sido os recém-chegados? Mas, se suas almas foram criadas no momento em que eles nasceram, essas almas não existiam na época da barbaria e forçoso será então admitir-se que os esforços que se despendem para civilizar um povo têm o poder, não de melhorar almas imperfeitas, porém de fazer que Deus crie almas mais perfeitas.

Comparemos esta teoria do progresso com a que os Espíritos apresentaram. As almas vindas no tempo da civilização tiveram sua infância, como todas as outras, mas já tinham vivido antes e vêm adiantadas por efeito do progresso realizado anteriormente. Vêm atraídas por um meio que lhes é simpático e que se acha em relação com o estado em que atualmente se encontram. De sorte que, os cuidados dispensados à civilização de um povo não têm como consequência fazer que, de futuro, se criem almas mais perfeitas; têm, sim, o de atrair as que já progrediram, quer tenham vivido no seio do povo que se figura, ao tempo da sua barbaria, quer venham de outra

parte. Aqui se nos depara igualmente a chave do progresso da humanidade inteira. Quando todos os povos estiverem no mesmo nível, no tocante ao sentimento do bem, a Terra será ponto de reunião exclusivamente de bons Espíritos, que viverão fraternalmente unidos. Os maus, sentindo-se aí repelidos e deslocados, irão procurar, em mundos inferiores, o meio que lhes convém, até que sejam dignos de volver ao nosso, então transformado. Da teoria vulgar ainda resulta que os trabalhos de melhoria social só às gerações presentes e futuras aproveitam, sendo de resultados nulos para as gerações passadas, que cometeram o erro de vir muito cedo e que ficam sendo o que podem ser, sobrecarregadas com o peso de seus atos de barbaria. Segundo a Doutrina dos Espíritos, os progressos ulteriores aproveitam igualmente às gerações pretéritas, que voltam a viver em melhores condições e podem assim aperfeiçoar-se no foco da civilização. (31)

Questão 975 - Na erraticidade, o Espírito descortina, de um lado, todas as suas existências passadas; de outro, o futuro que lhe está prometido e percebe o que lhe falta para atingi-lo. É qual viajor que chega ao cume de uma montanha: vê o caminho que percorreu e o que lhe resta percorrer, a fim de chegar ao fim da sua jornada. (32)

Questão 1011 - Efetivamente, a Ciência demonstra a impossibilidade da ressurreição, segundo a ideia vulgar. Se os despojos do corpo humano se conservassem homogêneos, embora dispersos e reduzidos a pó, ainda se conceberia que pudessem reunir-se em dado momento. As coisas, porém, não se passam assim. O corpo é formado de elementos diversos: oxigênio, hidrogênio, azoto, carbono etc. Pela decomposição, esses elementos se dispersam, mas para servir à formação de novos corpos, de tal sorte que uma mesma molécula, de carbono, por exemplo, terá entrado na composição de muitos milhares de corpos diferentes (falamos unicamente dos corpos humanos, sem ter em conta os dos animais); que um indivíduo tem talvez em seu corpo moléculas que já pertenceram a homens das primitivas idades do mundo; que essas mesmas moléculas orgânicas que absorveis nos alimentos provêm, possivelmente, do corpo de tal outro indivíduo que conhecestes e assim por diante. Existindo em quantidade definida a matéria e sendo indefinidas as suas combinações, como poderia cada um daqueles corpos reconstituir-se com os mesmos elementos? há aí impossibilidade material. Racionalmente, pois, não se pode admitir a ressurreição da carne, senão como uma figura simbólica do fenômeno da reencarnação. E, então, nada mais há que aberre da razão, que esteja em

contradição com os dados da Ciência.

É exato que, segundo o dogma, essa ressurreição só no fim dos tempos se dará, ao passo que, segundo a Doutrina Espírita, ocorre todos os dias. Nesse quadro do julgamento final, porém, não haverá uma grande e bela imagem a ocultar, sob o véu da alegoria, uma dessas verdades imutáveis, em presença das quais deixará de haver céticos, desde que lhes seja restituída a verdadeira significação? Dignem-se de meditar a teoria espírita sobre o futuro das almas e sobre a sorte que lhes cabe, por efeito das diferentes provas que lhes cumpre sofrer, e verão que, exceção feita da simultaneidade, o juízo que as condena ou absolve não é uma ficção, como pensam os incrédulos. Notemos mais que aquela teoria é a consequência natural da pluralidade dos mundos, hoje perfeitamente admitida, enquanto, segundo a doutrina do juízo final, a Terra passa por ser o único mundo habitado.

(³³)

Abril/1860: Revista Espírita

Um dos comentários de Allan Kardec sobre o artigo **Formação da Terra - Teoria da Incrustação planetária:**

Como se vê, temos muitos motivos para não aceitar levemente todas as teorias dadas pelos Espíritos.

Quando surge uma, limitamo-nos ao papel de observador; fazemos abstração de sua origem espírita, sem nos deixar fascinar pelo brilho de nomes pomposos; examinamo-la como se emanasse de um simples mortal e vemos se é racional, se dá conta de tudo, se resolve todas as dificuldades. Foi assim que procedemos com a doutrina da reencarnação, que não tínhamos adotado, embora vinda dos Espíritos, senão após haver reconhecido que ela só, e só ela, podia resolver aquilo que nenhuma filosofia jamais havia resolvido, e isso abstração feita das provas materiais que diariamente são dadas, a nós e a muitos outros. Pouco nos importam, pois, os contraditores, ainda que sejam Espíritos. Desde que ela seja lógica, conforme à justiça de Deus; que não possam substituí-la por nada de mais satisfatório, não nos inquietamos mais do que os que afirmam que a Terra não gira em torno do Sol – porquanto há Espíritos que se julgam sábios – ou que pretendem que o homem veio completamente formado de um outro mundo, transportado nas costas de um elefante alado. ⁽³⁴⁾

Julho/1860: Revista Espírita

Artigo Frenologia e Fisiognomonia:

Aos que, sem serem materialistas, não admitem a pluralidade das existências, perguntaremos: O que é a

alma do idiota? Se a alma é formada ao mesmo tempo com o corpo, por que criaria Deus seres assim desgraçados? Qual será o seu futuro? Admiti, ao contrário, uma sucessão de existências e tudo se explica conforme a justiça: a idiotia pode ser uma punição ou uma prova e, em todo caso, não passa de um incidente na vida do Espírito. Isto não é maior, mais digno da justiça de Deus, do que supor que o Pai tenha criado um ser fracassado para sempre?

[...].

Uma outra indução não menos errônea é tirada do princípio da pluralidade das existências. Da sua semelhança com certas personagens, algumas concluem que podem ter sido tais personagens. Ora, do que precede, é fácil demonstrar que aí existe apenas uma ideia quimérica. Como dissemos, as relações consanguíneas podem produzir uma similitude de formas, mas não é este aqui o caso, pois Esopo pode ter sido mais tarde um homem bonito e Sócrates um belo rapaz. Assim, quando não há filiação corporal, só haverá uma semelhança fortuita, porquanto não há nenhuma necessidade para o Espírito habitar corpos parecidos e, ao tomar um novo corpo, não traz nenhuma parcela do antigo. Entretanto, conforme o que dissemos acima, quanto ao caráter que as paixões podem imprimir aos

traços, poder-se-ia pensar que, se um Espírito não progrediu sensivelmente e retorna com as mesmas inclinações, poderá trazer no rosto identidade de expressão. Isto é exato, mas seria no máximo um ar de família, e daí a uma semelhança real há muita distância. Aliás, este caso deve ser excepcional, pois é raro que o Espírito não venha em outra existência com disposições sensivelmente modificadas. Assim, dos sinais fisiognômicos não se pode tirar absolutamente nenhum indício das existências anteriores. Só podemos encontrá-las no caráter moral, nas ideias instintivas e intuitivas, nas inclinações inatas, nas que não resultam da educação, assim como na natureza das expiações suportadas. E ainda isto só poderia indicar o gênero de existência, o caráter que se deveria ter, levando em conta o progresso, mas não a individualidade. (Vide *O Livro dos Espíritos*, números 216 e 217). (35)

Ano 1861 - Revista Espírita

Maior 1861: Revista Espírita

Discurso de Allan Kardec, por ocasião da renovação do ano social, pronunciado na sessão de 5 de abril de 1861:

O princípio mesmo da reencarnação, que inicialmente havia encontrado muitos contraditores, porque não era compreendido, é hoje aceito pela força da evidência e porque todo homem que pensa nele reconhece a única solução possível do maior número de problemas da filosofia moral e religiosa. Sem a reencarnação somos detidos a cada passo, tudo é caos e confusão; com a reencarnação tudo se esclarece, tudo se explica da maneira mais racional. Se ela ainda encontra alguns adversários mais sistemáticos que lógicos, seu número é muito restrito. Ora, quem a inventou? Seguramente não fostes vós, nem eu; ela nos foi ensinada, nós a aceitamos: eis tudo o que fizemos. De todos os fenômenos que surgiram no princípio, bem poucos sobrevivem hoje, e pode-se dizer que os seus raros partidários estão, principalmente, entre pessoas que julgam à primeira vista e, muitas vezes, conforme ideias preconcebidas e prevenções. Mas agora é evidente que

quem quer que se dê ao trabalho de aprofundar todas as questões e julgar friamente, sem prevenção, sobretudo sem hostilidade sistemática, é levado invencivelmente, tanto pelo raciocínio quanto pelos fatos, à teoria fundamental que, pode-se dizer, hoje prevalece em todos os países do mundo. ⁽³⁶⁾

Junho/1861 - Revista Espírita

Comentário de Allan Kardec sobre a mensagem **O Deboche**, assinado por Felícia:

Não haverá algo de profundo e de sublime nessa ideia que dá à reprodução do corpo um objetivo tão elevado? Os Espíritos errantes esperam esses corpos, de que necessitam para o seu próprio adiantamento, e que os Espíritos encarnados estão encarregados de reproduzir, como o homem espera a reprodução de certos animais para vestir-se e alimentar-se.

Disso resulta um outro ensinamento, de alta gravidade. Se não se admite que a alma já tenha vivido, é absolutamente necessário que seja criada no momento da formação e para o uso de cada corpo; de onde se segue que a criação da alma por Deus estaria subordinada ao capricho do homem, e na maior parte das vezes é o resultado do deboche. Como! Todas as leis religiosas e morais condenam a depravação dos costumes

e Deus se aproveitaria disto para criar almas! Perguntamos a todo homem de bom-senso se é admissível que Deus se contradiga a tal ponto? Não seria glorificar o vício, uma vez que se prestaria à realização dos mais elevados desígnios do Todo-Poderoso: a criação das almas? Que nos digam se tal não seria a consequência da formação simultânea das almas e dos corpos; e seria pior ainda se fosse admitida a opinião dos que pretendem que o homem procria a alma ao mesmo tempo que o corpo. Admiti, ao contrário, a preexistência da alma, e toda contradição desaparece. O homem não procria senão a matéria do corpo; a obra de Deus, a criação da alma imortal, que um dia deve se aproximar dEle, não mais está submetida ao capricho do homem. É assim que, fora da reencarnação, surgem dificuldades insolúveis a cada passo e se cai na contradição e no absurdo quando se quer explicá-las. O princípio da unicidade da existência corporal, para decidir sem retorno os destinos futuros do homem, perde terreno e partidários diariamente. Podemos, pois, dizer com segurança que, em pouco tempo, o princípio contrário será universalmente admitido, como o único lógico, o único conforme à justiça de Deus, e proclamado pelo próprio Cristo, quando disse: *Eu vos digo que é necessário nascer várias vezes antes de entrar no reino dos céus.* (37)

Outubro/1861: Revista Espírita

Comentário de Allan Kardec sobre a mensagem **Os Cretinos**, assinada por Pierre Jouty:

Houve um tempo em que se havia posto em dúvida a alma dos cretinos e se perguntava se eles, realmente, pertenciam à espécie humana. A maneira por que o Espiritismo os encara não é de alta moralidade e de grande ensinamento? Não há matéria para sérias reflexões, ao pensar que esses corpos desgraçados encerram almas que talvez tenham brilhado no mundo, que são tão lúcidas e tão pensantes quanto as nossas, sob o espesso envoltório que lhes sufoca as manifestações e que, um dia, o mesmo pode acontecer conosco, se abusarmos das faculdades que nos concedeu a Providência?

De outro modo, como poderíamos explicar o cretinismo? Como fazê-lo concordar com a justiça e a bondade de Deus, sem admitir a pluralidade das existências, isto é, a reencarnação? Se a alma ainda não viveu, é que foi criada ao mesmo tempo que o corpo. Nesta hipótese, como justificar a criação de almas tão deserdadas quanto a dos cretinos, por parte de um Deus justo e bom? Porque aqui não se trata absolutamente de um desses acidentes - a loucura, por exemplo - que se pode prevenir ou curar. Esses seres nascem e morrem no

mesmo estado. Não possuindo nenhuma noção do bem e do mal, qual a sua sorte na eternidade? Serão felizes como os homens inteligentes e trabalhadores? Mas por que este favor, pois que nada fizeram de bom? Estarão naquilo a que chamam limbo, isto é, num estado misto, que nem é felicidade nem infelicidade? Mas por que esta inferioridade eterna? É sua culpa se Deus os criou cretinos? Desafiamos todos os que repelem a doutrina da reencarnação a saírem desse impasse. Com a reencarnação, ao contrário, o que parece uma injustiça torna-se admirável justiça; o que é inexplicável explica-se da maneira mais racional. Aliás, não sabemos se os que repelem esta doutrina a tenham combatido com argumentos mais peremptórios que o de sua repugnância pessoal em voltar à Terra. Estariam, assim, muito seguros de possuir bastante virtude para ganhar o Céu com tanta facilidade? Desejamos-lhes boa sorte. Mas... e os cretinos? E as crianças que morrem em tenra idade? Que títulos possuirão para fazer valer? ⁽³⁸⁾

Ano 1862 - Revista Espírita

Janeiro/1862: Revista Espírita

Ensaio de Interpretação sobre a Doutrina dos Anjos Decaídos

A questão das origens sempre excitou a curiosidade, sobretudo no que respeita à procedência do homem, e em tal proporção que hoje é impossível às criaturas sensatas aceitarem ao pé da letra o relato bíblico, nele vendo apenas uma dessas alegorias de que é pródigo o estilo oriental. Aliás, a Ciência vem oferecer-lhe a prova ao demonstrar, por meios irrefutáveis, a impossibilidade material da formação do globo em seis vezes vinte e quatro horas. Ante a evidência dos fatos, escritos em caracteres irrecusáveis nas camadas geológicas, a Igreja teve de se submeter à opinião dos sábios e com eles concordar que os seis dias da Criação representam seis períodos de extensão indeterminada, como fizera outrora em relação ao movimento da Terra. Se, pois, o texto bíblico é susceptível de interpretação quanto a este ponto capital, também poderá sê-lo em relação a outros pontos, notadamente sobre a época do aparecimento do homem na Terra, sua origem e o sentido que deve ser atribuído à qualificação de *anjos decaídos*.

Como o princípio das coisas está nos segredos de Deus, que no-lo não revela senão à medida que o julga conveniente, ficamos reduzidos a conjecturas. Muitos sistemas foram imaginados para resolver esta questão, mas nenhum, até hoje, satisfaz completamente à razão. Tentaremos, também, levantar uma ponta do véu. Seremos mais felizes do que os nossos antecessores? Ignoramo-lo; só o futuro dirá. A opinião que apresentamos é, pois, uma opinião pessoal; parece concordar com a razão e a lógica, o que, aos nossos olhos, lhe dá certo grau de probabilidade.

Antes de tudo, constatamos que só é possível descobrir alguma parcela da verdade com o auxílio da teoria espírita; ela já resolveu uma imensidão de problemas até agora insolúveis, e é com a ajuda das balizas que ela nos oferece que vamos tentar remontar à cadeia dos tempos. O sentido literal de certas passagens dos livros sacros, contraditado pela Ciência, repellido pela razão, produziu muito mais incrédulos do que se pensa, dada a obstinação de fazer daquilo um artigo de fé. Se uma interpretação racional os fizesse aceitar, evidentemente reaproximaria da Igreja os que dela se afastaram.

[...].

Não conhecemos, e provavelmente jamais

conheceremos, o ponto de partida da alma humana. Tudo quanto sabemos é que os Espíritos são criados simples e ignorantes; que progridem intelectual e moralmente; que, em virtude do livre-arbítrio, uns tomaram o bom caminho, outros um caminho errado; que, uma vez posto o pé no atoleiro, nele se afundaram cada vez mais; que, depois de uma série ilimitada de existências corporais, realizadas na Terra e em outros mundos, depuram-se e alcançam a perfeição, que os aproxima de Deus.

Um ponto de difícil compreensão é a formação dos primeiros seres vivos na Terra, cada um em sua espécie, desde a planta até o homem. A esse respeito, a teoria contida em *O Livro dos Espíritos* se nos afigura a mais racional, conquanto só incompletamente e de maneira hipotética resolva esse problema, que reputamos insolúvel, tanto para nós, quanto para a maioria dos Espíritos, a quem não é dado penetrar o mistério das origens. Se os interrogamos a respeito, os mais sábios respondem que não o sabem; mas outros, menos modestos, tomam a iniciativa e a postura de reveladores, ditando sistemas, produto de ideias pessoais, que apresentam como verdade absoluta. É contra a mania dos sistemas de certos Espíritos, em relação ao princípio das coisas, que devemos nos precaver. O que, aos nossos olhos, prova sabedoria dos que ditaram *O Livro dos Espíritos*, é a reserva que souberam guardar sobre

questões dessa natureza. Em nossa opinião não é prova de sabedoria decidir essas questões de maneira absoluta, como fazem alguns, sem se inquietarem com impossibilidades materiais resultantes dos dados fornecidos pela Ciência e pela observação. O que dizemos da aparição dos primeiros homens na Terra se estende à formação dos corpos, porque, uma vez formado o corpo, é mais fácil conceber que o Espírito venha tomar conta dele. Considerando os corpos, o que nos propomos a examinar aqui é o estado dos Espíritos que os animaram, a fim de chegar, se possível, a definir, de modo mais racional do que se tem feito até agora, a doutrina da queda dos anjos e do paraíso perdido.

Se não admitirmos a pluralidade das existências corpóreas, forçoso é concordar que a alma é criada ao mesmo tempo que o corpo. Porque, de duas uma: ou a alma que anima o corpo ao nascer já viveu, ou não viveu ainda; entre as duas hipóteses não há meio-termo. Ora, a segunda hipótese, aquela de que a alma não tenha vivido, enseja uma porção de problemas insolúveis, tais como a diversidade de aptidões e de instintos, incompatíveis com a justiça de Deus, a sorte das crianças que morrem em tenra idade, a dos cretinos, dos idiotas, etc., enquanto tudo se explica naturalmente se admitirmos que a alma já viveu e traz, ao encarnar em um novo corpo, o que havia adquirido anteriormente. É

assim que as sociedades progridem gradativamente; sem isto, como explicar a diferença existente entre o atual estado social e o dos tempos de barbárie? Se as almas fossem criadas ao mesmo tempo que os corpos, as que hoje nascem seriam absolutamente novas, tão primitivas quanto as que viviam há milhares de anos; acrescente-se que entre elas não haveria nenhuma conexão, nenhuma relação necessária; que seriam completamente independentes umas das outras. Por que, então, as almas de hoje seriam mais bem favorecidas por Deus que as antepassadas? Por que compreenderiam melhor? Por que têm instintos mais depurados, hábitos mais suaves? Por que têm a intuição de certas coisas, sem as terem aprendido? Desafiamos que saiam dessa dificuldade, a menos que se admita tenha Deus criado almas de diversas qualidades, segundo os tempos e os lugares, proposição inconcebível com ideia de uma justiça soberana. Dizei, ao contrário, que as almas de hoje já viveram em épocas recuadas; que foram bárbaras como o seu século, mas progrediram; que em cada nova existência trazem as aquisições das existências anteriores; que, por conseguinte, as almas dos tempos civilizados não foram criadas mais perfeitas, mas se aperfeiçoaram com o tempo. Só assim tereis a única explicação plausível da causa do progresso social.

Tiradas da teoria da reencarnação, estas

considerações são essenciais para a compreensão de um fato de que falaremos daqui a pouco.

Embora os Espíritos possam reencarnar-se em diferentes mundos, parece que, em geral, realizam um certo número de migrações corporais no mesmo globo e no mesmo meio, a fim de poderem aproveitar melhor a experiência adquirida; não saem desse meio senão para entrar num pior, por punição, ou num melhor, como recompensa. Disso resulta que, durante um certo período, a população do globo é composta mais ou menos pelos mesmos Espíritos, que ali reaparecem em diversas épocas, até atingirem um grau de depuração suficiente para merecerem habitar mundos mais adiantados.

Conforme o ensino dado pelos Espíritos superiores, essas emigrações e imigrações dos Espíritos encarnados na Terra ocorrem de vez em quando, individualmente; porém, em certas épocas, se realizam em massa, em consequência das grandes revoluções que os fazem desaparecer em quantidades consideráveis, sendo substituídos por outros Espíritos que, de alguma sorte, na Terra ou *numa parte da Terra*, constituem uma nova geração.

O Cristo pronunciou uma frase notável que, como muitas outras tomadas ao pé da letra, não foi compreendida, pois ele quase sempre falava por imagens

e parábolas. Anunciando as grandes transformações no mundo físico e no mundo moral, disse Ele: *Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que tudo isto aconteça.* Ora, a geração do tempo do Cristo passou há mais de dezoito séculos sem que essas coisas tivessem acontecido. Disso devemos concluir que o Cristo ou se enganou - o que não é admissível - ou que suas palavras tinham um sentido oculto e foram mal interpretadas.

Se agora nos reportarmos ao que dizem os Espíritos, não apenas a nós, mas pelos médiuns de todos os países, chegamos ao cumprimento dos tempos preditos, a uma época de renovação social, isto é, a uma época de uma dessas grandes *emigrações* dos Espíritos que habitam a Terra. Deus, que os havia enviado para se melhorarem, *os deixou aqui o tempo necessário para progredirem.* Fez-lhes conhecer suas leis, primeiro por Moisés, depois pelo Cristo; advertiu-os pelos profetas; em suas reencarnações sucessivas puderam aproveitar esses ensinamentos; agora os tempos são chegados e aqueles que não aproveitaram a luz, que violaram as leis de Deus e ignoraram o seu poder deixarão a Terra, onde, doravante, estariam deslocados do meio pelo progresso moral que se realiza e ao qual não poderiam trazer senão obstáculos, quer como homens, quer como Espíritos. A geração a que o Cristo se referia, não podendo ser a dos homens que viviam em seu tempo, corporalmente falando, deve ser

entendida pela geração dos Espíritos que na Terra percorreram os diversos períodos de suas encarnações e que irão deixá-la. Serão substituídos por uma nova geração de Espíritos que, mais avançados moralmente, farão reinar entre si a lei de amor e de caridade ensinada pelo Cristo e cuja felicidade não será perturbada pelo contato dos maus, dos orgulhosos, dos egoístas, dos ambiciosos e dos ímpios. Pareceria mesmo, no dizer dos Espíritos, que entre as crianças que nascem atualmente, muitas são a encarnação de Espíritos dessa nova geração. Quanto aos da antiga geração, que houverem bem-merecido, mas que, no entanto, não tiverem ainda atingido um grau de depuração suficiente para alcançarem os mundos mais adiantados, poderão continuar a habitar a Terra e aqui passar ainda algumas encarnações; mas, ao invés de ser isto uma punição, será uma recompensa, visto que serão mais felizes por progredirem. O tempo em que desaparece uma geração de Espíritos para dar lugar a outra pode ser considerado como o fim do mundo, isto é, do mundo moral.

Em que se tornarão os Espíritos expulsos da Terra? Os próprios Espíritos nos dizem que aqueles irão habitar mundos novos, onde encontrarão seres ainda mais atrasados que os daqui, aos quais estão encarregados de fazer progredir, transmitindo-lhes o produto dos conhecimentos que já adquiriram. O contato do meio

bárbaro em que se acham ser-lhes-á uma cruel expiação e uma fonte de incessantes sofrimentos, físicos e morais, dos quais terão tanto mais consciência quanto mais desenvolvida for a sua inteligência; mas essa expiação será, ao mesmo tempo, uma missão que lhes oferecerá os meios de resgatar o passado, conforme a maneira pela qual a desempenharem. Aí sofrerão uma série de encarnações, durante um período de tempo mais ou menos longo, no fim do qual os que tiverem merecimento serão retirados para mundos melhores, talvez a Terra, que, então, será uma morada de felicidade e de paz, enquanto os da Terra, por sua vez, ascenderão gradualmente até o estado de anjos ou puros Espíritos.

É muito demorado, dirão alguns. Não seria mais agradável ir diretamente da Terra ao Céu? Sem dúvida, mas com esse sistema tendes a alternativa de ir, de uma só tacada, da Terra para o Inferno, e pela eternidade das eternidades; ou, então, admitir que a soma das virtudes necessárias para ir diretamente da Terra ao Céu, sendo muito rara, poucos homens estarão seguros de as possuir. Disso resulta que maior é a probabilidade de se ir para o inferno do que para o paraíso. Não é preferível fazer uma caminhada mais longa e estar seguro de chegar ao fim? No estado atual da Terra ninguém se preocupa de a ela voltar, e nada a isso obriga, pois depende de cada um, enquanto aqui se encontra, progredir de tal modo que

possa merecer ascender a orbes mais adiantados. Nenhum prisioneiro, saindo da prisão, preocupa-se em voltar para ela; o meio é muito simples: apenas não cair em nova falta. Também o soldado acharia muito cômodo tornar-se marechal de um só golpe; todavia, conquanto houvesse sido alçado ao mais alto posto, nem por isto estaria dispensado de conquistar as esporas.

Remontemos agora ao curso dos tempos; e do presente, como ponto conhecido, procuremos deduzir o desconhecido, ao menos por analogia, se não tivermos a certeza de uma demonstração matemática.

A questão de Adão, como tronco único da espécie humana na Terra é, como se sabe, muito controvertida, porque as leis antropológicas lhe demonstram a impossibilidade, sem falar dos documentos autênticos da história chinesa, que provam que a população do globo remonta a uma época muito anterior à atribuída a Adão pela cronologia bíblica. Então a história de Adão é pura invencionice? Não é provável; é uma imagem que, como todas as alegorias, deve encerrar uma grande verdade, cuja chave só poderá ser dada pelo Espiritismo. Em nossa opinião, a questão principal não é saber se a personagem de Adão realmente existiu, nem em que época viveu, mas se a raça humana, designada como sua posteridade, é uma raça decaída. A solução dessa questão não é

destituída de conteúdo moral, porque, esclarecendo-nos quanto ao passado, pode orientar a nossa conduta para o futuro.

Antes de mais, notemos que, aplicada ao homem, a ideia da queda, sem a reencarnação, é um contrassenso, assim como a responsabilidade que carregássemos pela falta de nosso primeiro pai. Se a alma de cada homem é criada ao nascer, é que não existia antes; não terá, desse modo, nenhuma relação, nem direta, nem indireta, com a que cometeu a primeira falta, o que nos leva a indagar como poderia ser responsável por sua própria queda. A dúvida sobre este ponto conduz naturalmente à dúvida ou, mesmo, à incredulidade sobre muitos outros, porquanto, se falso o ponto de partida, igualmente falsas devem ser as consequências. Tal o raciocínio de muita gente. Pois bem! Esse raciocínio cairá se considerarmos o espírito, e não a letra do texto bíblico, e se nos reportarmos aos princípios mesmos da Doutrina Espírita, destinados, conforme já foi dito, a reavivar a fé que se extingue.

Notemos, ainda, que a ideia dos anjos rebeldes, dos anjos decaídos e do paraíso perdido se acha em quase todas as religiões e, como tradição, entre quase todos os povos. Deve, pois, fundamentar-se numa verdade. Para compreender o verdadeiro sentido que se deve ligar à

qualificação de *anjos rebeldes*, não é necessário supor uma luta real entre Deus e os anjos, ou Espíritos, desde que o vocábulo *anjo* é aqui tomado numa acepção geral. Admitindo-se sejam os homens Espíritos encarnados, o que são os materialistas e os ateus senão anjos ou Espíritos em revolta contra a Divindade, pois que negam a sua existência e não reconhecem seu poder, nem suas leis? Não é por orgulho que pretendem que tudo aquilo de que são capazes vem deles mesmos, e não de Deus? Não é o cúmulo da rebelião pregar o nada depois da morte? Não são muito culpados os que se servem da inteligência, de que se ufanam, para arrastar os semelhantes ao precipício da incredulidade? Até certo ponto não praticam também um ato de revolta os que, sem negar a Divindade, desconhecem os verdadeiros atributos de sua essência? Os que se cobrem com a máscara da piedade para cometer más ações? Os que a fé no futuro não os desliga dos bens deste mundo? Os que em nome de um Deus de paz violentam a primeira de suas leis: a lei de caridade? Os que semeiam perturbação e ódio pela calúnia e pela maledicência? Enfim aqueles, cuja vida, voluntariamente inútil, se escoia na ociosidade, sem proveito para si próprios, nem para os seus semelhantes? A todos serão pedidas contas, não só do mal que tiverem feito, mas do bem que tiverem deixado de fazer. Pois bem! Todos esses Espíritos, que tão mal empregaram as

suas encarnações, uma vez expulsos da Terra e enviados a mundos inferiores, entre hordas ainda na infância da barbárie, o que serão, senão anjos decaídos, remetidos à expiação? A terra que deixam não será para eles um paraíso perdido, em comparação ao meio ingrato onde ficarão relegados durante milhares de séculos, até o dia em que tiverem merecido a libertação?

Se remontarmos, agora, à origem da raça atual, simbolizada na pessoa de Adão, encontraremos todos os caracteres de uma geração de Espíritos expulsos de um outro mundo e exilados, por razões semelhantes, na Terra, já povoada por homens primitivos, mergulhados na ignorância e na barbárie, e que tais exilados tinham por missão fazê-los progredir, trazendo para o seu meio as luzes de uma inteligência já desenvolvida. Não é, com efeito, o papel até aqui representado pela raça adâmica? Relegando-a para esta terra de trabalho e de sofrimento, Deus não teria razão para dizer: “No suor do rosto comerás o teu pão”? Se, por causas semelhantes às que vemos hoje, ela mereceu tal castigo, não será justo dizer que se perdeu por orgulho? Na sua mansuetude não lhe poderia prometer que lhe enviaria um Salvador, isto é, aquele que deveria iluminar o caminho a seguir para alcançar a felicidade dos eleitos? Este Salvador foi enviado na pessoa do Cristo, que ensinou a lei do amor e da caridade como a verdadeira âncora da salvação.

Aqui se apresenta uma importante consideração. A missão do Cristo é facilmente compreendida admitindo-se que são os mesmos os Espíritos que viveram antes e depois de sua vinda, e que puderam aproveitar-se de seu ensino, ou do mérito de seu sacrifício; sem a reencarnação, porém, é mais difícil compreender-se a utilidade desse mesmo sacrifício para Espíritos *criados posteriormente* à sua vinda, pois Deus os teria criado manchados por faltas cometidas por aqueles com os quais não tiveram nenhuma relação.

Esta raça de Espíritos parece ter completado seu tempo na Terra. Nesse número, uns aproveitaram o tempo para progredir e mereceram ser recompensados; outros, por sua obstinação em cerrar os olhos à luz, esgotaram a mansuetude do Criador e mereceram castigo. Assim será cumprido este preceito do Cristo: “Os bons ficarão à minha direita e os maus à minha esquerda”.

Um fato parece apoiar a teoria que atribui uma preexistência aos primeiros habitantes desta raça na Terra: o de que Adão, tido como o tronco, é representado com um desenvolvimento intelectual peculiar, bem superior ao das raças selvagens atuais; que em pouco tempo os seus primeiros descendentes mostraram aptidão para trabalhos de arte muito avançados. Ora, o que sabemos do estado dos Espíritos em sua origem

indica o que teria sido Adão, do ponto de vista intelectual, caso sua alma tivesse sido criada ao mesmo tempo que o seu corpo. Admitindo, por exceção, que Deus lhe tivesse dado uma alma mais perfeita, restaria explicar por que os selvagens da Nova Holanda, por exemplo, já que saem do mesmo tronco, são infinitamente mais atrasados que o pai comum. Ao contrário, tudo prova, tanto pelo físico quanto pelo moral, que pertencem a outra raça de Espíritos mais próximos de sua origem e que ainda necessitam de um grande número de migrações corpóreas antes de atingirem os graus menos avançados da raça adâmica. A nova raça que vai surgir, fazendo reinar por toda a parte a lei do Cristo – lei de justiça, de amor e de caridade – apressará o seu adiantamento. Os que escreveram a história da antropologia terrestre se apegaram principalmente aos caracteres físicos; o elemento espiritual foi quase sempre negligenciado e o é necessariamente pelos escritores que nada admitem fora da matéria. Quando este for levado em conta no estudo das ciências, uma luz inteiramente nova será lançada sobre uma porção de questões ainda obscuras, porquanto o elemento espiritual é uma das forças vivas da Natureza, desempenhando um papel preponderante, tanto nos fenômenos físicos quanto nos fenômenos morais.

[...].

À primeira vista, a ideia de queda parece em contradição com o princípio segundo o qual os Espíritos não podem retrogradar. Deve-se, porém, considerar que não se trata de um retrocesso ao estado primitivo. O Espírito, ainda que numa posição inferior, nada perde do que adquiriu; seu desenvolvimento moral e intelectual é o mesmo, seja qual for o meio onde se ache colocado. Ele está na situação do homem do mundo condenado à prisão por seus delitos. Certamente, esse homem se encontra degradado, decaído, do ponto de vista social, mas não se torna nem mais estúpido, nem mais ignorante.

Será crível, perguntamos agora, que esses homens mandados para a Nova Caledônia vão transformar-se subitamente em modelos de virtude? Que vão abjurar repentinamente seus erros do passado? Para supor tal coisa, fora necessário desconhecer a Humanidade. Pela mesma razão, os Espíritos que vão ser expulsos da Terra, uma vez transplantados para a terra do exílio, não se despojarão instantaneamente do seu orgulho e de seus maus instintos; ainda por muito tempo conservarão as tendências que traziam, um resquício da velha levedura. O mesmo se deu com os Espíritos da raça adâmica exilados na Terra. Ora, não é esse o pecado original? A mancha que trazem ao nascer é a da raça de Espíritos culpados e punidos a que pertencem, mancha que podem

apagar pelo arrependimento, pela expiação e pela renovação de seu ser moral. Considerado como responsabilidade de uma falta cometida por outrem, o pecado original é uma insensatez e a negação da justiça de Deus. Ao contrário, considerado como consequência e vestígio da imperfeição inicial do indivíduo, não só a razão o admite, mas se considera de plena justiça a responsabilidade dela decorrente. (39)

Fevereiro/1862: Revista Espírita

A Reencarnação na América

Muitas vezes as pessoas se admiram de que a doutrina da reencarnação não tenha sido ensinada na América, e os incrédulos não deixam de aproveitar o fato para acusarem os Espíritos de contradição. Não repetiremos aqui as explicações que nos foram dadas e que publicamos a respeito, limitando-nos a lembrar que nisto os Espíritos mostraram a sua prudência habitual; quiseram que o Espiritismo surgisse num país de liberdade absoluta, quanto à emissão de opiniões. O ponto essencial era a adoção do princípio e para isto não quiseram ser incomodados de maneira alguma. O mesmo não haveria de dar-se com todas as suas consequências, sobretudo com a reencarnação, que se teria chocado contra os preconceitos da escravidão e da cor. A ideia de

que um negro pudesse tornar-se um branco; de que um branco poderia ter sido um negro; de que um senhor tivesse sido um escravo poderia parecer de tal forma monstruosa que seria suficiente para que o resto fosse rejeitado. Assim, os Espíritos preferiram sacrificar momentaneamente o acessório ao principal e sempre nos disseram que, mais tarde, a unidade se faria sobre este como sobre todos os outros pontos. De fato, é o que começa a ocorrer. Várias pessoas daquele país nos disseram que agora essa doutrina conta ali numerosos partidários; que certos Espíritos, depois de fazer com que fosse pressentida, vêm confirmá-la. Eis o que a respeito nos escreveu de Montreal (Canadá), o Sr. Fleury Lacroix, natural dos Estados Unidos.

“(...) A questão da reencarnação, da qual fostes o primeiro promotor *visível*, aqui nos tomou de surpresa. Hoje, porém, estamos reconciliados com ela, com esse filho do vosso pensamento. Tudo se tornou compreensível por esta nova claridade e agora a estrada eterna se nos descortina um pouco mais longe. Entretanto, isto nos parecia absurdo, como dizíamos no começo; mas se hoje negamos, amanhã acreditamos – eis a Humanidade. Felizes os que querem saber, porque a luz se fará para eles; infelizes os outros, porquanto permanecerão nas trevas.”

Assim, foi a lógica e a força do raciocínio que os levou a essa doutrina; e, também, porque nela encontraram a única chave que poderia resolver problemas até então insolúveis. Todavia, o nosso honrado correspondente equivoca-se quanto a um fato importante, ao atribuir-nos a iniciativa desta doutrina, que chama de filho do nosso pensamento. É uma honra que não nos pertence: além de ser ensinada a nós, a reencarnação foi ensinada pelos Espíritos a outros indivíduos, antes da publicação de *O Livro dos Espíritos*. Além disso, seu princípio foi claramente exposto em várias obras anteriores, não apenas nas nossas e até nas que surgiram antes do aparecimento das mesas girantes; entre outras em *Céu e Terra*, de Jean Raynaud, e num encantador livrinho do Sr. Louis Jourdan, intitulado *Preces de Ludovico*, publicado em 1849, sem contar que esse dogma era professado pelos druidas, aos quais, por certo, nós não ensinamos (40). Quando ele nos foi revelado ficamos surpresos e o acolhemos com reserva e desconfiança; chegamos mesmo a combatê-lo durante algum tempo, até que sua evidência nos fosse demonstrada. Assim, nós o *aceitamos* e não o *inventamos*, o que é bem diferente.

Isto responde à objeção de um de nossos assinantes, o Sr. Salgues (de Angers), antagonista confesso da reencarnação, o qual pretende que os

Espíritos e os médiuns que a ensinam sofrem a nossa influência, pois aqueles que com ele se comunicam dizem o contrário. Aliás, o Sr. Salgues alega contra a reencarnação objeções especiais, das quais faremos, oportunamente, objeto de exame particular. Enquanto esperamos, constatamos um fato: o número de seus partidários cresce sem cessar, enquanto o dos adversários diminui. Se tal resultado se deve à nossa influência, atribuem-nos uma muito grande, visto que ela se estende da Europa à América, da Ásia à África e até à Oceania. Se a opinião contrária é a verdadeira, como se explica que não tenha prevalecido? Seria o erro, então, mais poderoso que a verdade? ⁽⁴¹⁾

Março/1862: Revista Espírita

Genealogia Espírita

Entre os argumentos que certas pessoas contrapõem à doutrina da reencarnação, um há que merece ser examinado, porque, à primeira vista, parece bastante especioso. Dizem que ela tenderia a romper os laços de família, multiplicando-os; aquele que concentrasse sua afeição sobre o pai deveria partilhá-la com tantos pais quantas tivessem sido as encarnações. Como, então, uma vez no mundo dos Espíritos, se reconhecer no meio dessa progenitura? Por outro lado,

em que se torna a filiação dos antepassados, se aquele que crê descender em linha direta de Hugo Capeto ou de Godofredo de Bulhões viveu várias vezes? Se, depois de ter sido um grão-senhor, pode tornar-se um plebeu? Eis, assim, toda uma linhagem derrubada!

A isto responderemos, para começar, que de duas uma: ou é, ou não é. Se for, todas as recriminações pessoais não impedirão que seja, porquanto Deus, para regular a ordem das coisas, não pede conselho a ninguém, pois, de outro modo, cada um quererá que o mundo fosse governado a seu talante. Quanto à multiplicidade dos laços de família, diremos que certos pais não têm senão um filho, enquanto outros têm doze ou mais. Já se pensou em acusar Deus de os obrigar a dividir a afeição em várias partes? E esses filhos, que por sua vez têm filhos, tudo isto não forma uma família numerosa, cujo avô e bisavô se vangloria, em vez de lamentar-se? Vós, que fazeis remontar vossa genealogia a cinco ou seis séculos, não deveríeis, uma vez no mundo dos Espíritos, partilhar vossa afeição entre todos os vossos ascendentes? Se vos atribuíis uma dúzia de avós, muito bem! Tereis o dobro ou o triplo – eis tudo. Tendes, pois, uma ideia muito acanhada dos vossos sentimentos afetuosos, pois temeis que não sejam suficientes para amar a várias pessoas! Tranquilizai-vos, porém. Vou provar que com a reencarnação vossa afeição será menos

dividida do que se não existisse. Com efeito, suponhamos que na vossa genealogia contásseis cinquenta avós, igual número de ascendentes diretos e colaterais, o que é pouco, se remontardes às cruzadas. Pela reencarnação, é possível que alguns dentre eles tenham vindo várias vezes e, assim, em lugar de cinquenta Espíritos que contáveis na Terra, só encontraríeis a metade no outro mundo.

Passemos à questão da filiação. Com o vosso sistema chegais a um resultado completamente diverso daquele que esperais. Se não houver preexistência, anterioridade da alma, a alma ainda não viveu; portanto, a vossa alma foi *criada* ao mesmo tempo que o vosso corpo; nesse estado de coisas, não tem *nenhuma* relação com nenhum dos vossos antepassados. Suponhamos que descendeis em linha reta de Carlos Magno; o que há de comum entre vós e ele? Que foi o que vos transmitiu intelectual e moralmente? Nada, absolutamente nada. Por que vos apegais a ele? Por uma série de corpos que apodreceram todos, destruídos e dispersos, não há razão para vos sentirdes orgulhosos. Com a preexistência da alma, ao contrário, podeis ter tido com os vossos antepassados relações reais, sérias e mais lisonjeiras para o amor-próprio. Portanto, sem a reencarnação existe apenas um parentesco corporal, pela transmissão de moléculas orgânicas da mesma natureza que a dos

cavalos puro-sangue. Com a reencarnação há um parentesco espiritual. Qual dos dois sistemas é melhor?

Por certo objetareis que com a reencarnação um Espírito estranho pode introduzir-se na vossa linhagem e que, em vez de nela contar apenas gentis-homens, se podem encontrar sapateiros. É perfeitamente certo; mas isto não quer dizer nada. São Pedro não passava de um pobre pescador. Não seria de uma casa bastante digna, a ponto de nos fazer corar por tê-lo em nossa família?

E, depois, entre esses antepassados de nomes famosos, todos terão tido uma conduta edificante, a nosso ver a única coisa de que, até certo ponto, nos poderíamos honrar, embora seu mérito nada tenha com o nosso? Que se perscrute a vida privada desses paladinos, desses grandes barões, que roubavam sem escrúpulos os transeuntes e que, em nossos dias, seriam pura e simplesmente levados à barra dos tribunais por seus grandes feitos; de certos grão-senhores, para quem a vida de um vilão não valia uma peça de caça, pois mandavam enforcar um homem por causa de um coelho? Tudo isto eram pecadilhos, que não manchavam brasões. Mas, casar-se com pessoa de condição inferior, introduzir na família um sangue plebeu era um crime imperdoável. Ah! por mais que se faça, quando soar a hora da partida - e soa para os grandes e para os pequenos - terão de

deixar na Terra as roupas bordadas, e os pergaminhos de nada servirão diante do juiz supremo, que pronuncia essa sentença terrível: *Aquele que se exaltar será humilhado!* Se bastasse descender de qualquer grande homem para ter seu lugar previamente marcado no céu, a gente o compraria barato, porque à custa do mérito alheio. A reencarnação dá uma nobreza mais meritória, a única aceita por Deus, qual seja a de haver animado uma série de homens de bem. Felizes os que puderem depor aos pés do Eterno o tributo dos serviços prestados à Humanidade em cada uma de suas existências, porquanto a soma dos méritos será proporcional ao número de suas existências. Mas aquele que se prevalecer apenas da glória de seus antepassados, Deus dirá: Por que vós mesmos não vos ilustrastes?

Um outro sistema poderia, aparentemente, conciliar as exigências do amor-próprio com o princípio da não-reencarnação: é aquele pelo qual o pai não transmitisse ao filho apenas o corpo, mas, também, uma porção de sua alma. Desse modo, se descendêsseis de Carlos Magno, vossa alma poderia ter seu tronco na dele. Muito bem! Vejamos, contudo, a que consequência chegamos. Em virtude de tal sistema, a alma de Carlos Magno teria o seu tronco na de seu pai e, assim, pouco a pouco chegaríamos a Adão. Se a alma de Adão é o tronco de todas as almas do gênero humano, as quais transmitem

aos sucessores algumas porções de si mesma, as almas atuais resultariam de um fracionamento que ultrapassaria todas as subdivisões homeopáticas. Disso resultaria que a alma do pai comum deveria ser mais completa e mais inteira que a dos descendentes. Resultaria, ainda, que Deus teria criado apenas uma alma, que se subdividia ao infinito e, assim, cada um de nós não seria uma criação direta de Deus. Aliás, esse sistema deixaria um imenso problema a ser resolvido: o das aptidões especiais. Se o pai transmitisse ao filho os princípios de sua alma, transmitir-lhe-ia necessariamente suas virtudes e vícios, seus talentos e sua inépcia, como lhe transmite certas enfermidades congênitas. Como, então, explicar por que homens virtuosos ou de gênio têm filhos maus ou cretinos e *vice-versa*? Por que uma linhagem seria mesclada de bons e de maus? Dizei, ao contrário, que cada alma é individual, que tem existência própria e independente, que progride, em virtude de seu livre-arbítrio, por uma série de existências corporais, em cada uma das quais adquire algo de bom e deixa algo de mal, até que tenha atingido a perfeição, e tudo se explica, tudo se conforma à razão, à justiça de Deus, mesmo em proveito do amor-próprio.

O Sr. Salgues (de Angers), de quem falamos em nosso número anterior, não é partidário da reencarnação. Depois do aparecimento de *O Livro dos Espíritos*

escreveu-nos uma longa carta, na qual combatia esta doutrina com argumentos baseados na sua incompatibilidade com os laços de família. Nessa carta, datada de 18 de setembro de 1857, dá-nos a sua genealogia, que remonta, sem interrupção, aos carolíngios, e pergunta em que se tornará essa gloriosa filiação com a mistura de Espíritos pela reencarnação. Dela extraímos a seguinte passagem:

“Mas, então, para que serviriam os quadros genealógicos? Tenho o meu, *completo, regular*: de um lado, desde os antepassados de Carlos Magno e, do outro, desde a filha do emir Muza, um dos descendentes abássidas de Maomé, décima geração, por seu casamento com Garcia, príncipe de Navarra, pai, com ela, de Garcia Ximenes, rei de Navarra; e, enfim, essa genealogia continuou, em razão de alianças, por soberanos de quase todas as cortes da Europa, até a época de Afonso VI, rei de Castela, depois nas casas de Comminges, de Lascaris Vintemille, de Montmorency, de Turenne e, finalmente, dos condes e senhores Palhasse de Salgues, no Languedoc. Tudo isto se pode constatar na *Arte de verificar datas*, os Beneditinos de Saint-Maur, no *Dicionário da nobreza da França*, no Armorial, no padre Anselmo, Noreri, etc. Mas se nos ligamos aos nossos pais somente pela matéria carnal, que recebeu o nosso Espírito, não há em toda parte lacunas e notáveis

soluções de continuidade? É um caminho traçado na areia que se perde em milhares de direções. Que nos seja então permitido crer que, se o Espírito não se transmite, a alma é para o homem o que o aroma é para a flor. Ora, Swedenborg não diz nos Arcanos que nada se perde na Natureza? e que o aroma das flores reproduz novas flores em outras regiões, além daquela de onde saiu? É, pois, pela alma, que não é Espírito, que talvez existisse uma cadeia semi-espiritual de gerações. Se tivesse agradado ao meu Espírito saltar oito ou dez gerações de vez em quando, onde reconheceria meus antepassados?”

Como se vê, o Sr. Salgues não se apega senão à procedência do corpo. Mas como conciliar as relações de Espírito a Espírito com a não-preexistência da alma? Se, nessa filiação, houvesse entre eles relações necessárias, como o descendente de tantos soberanos seria hoje um simples proprietário angevino? Aos olhos do mundo não seria uma retrogradação? Não pomos em dúvida a autenticidade de sua genealogia, e o felicitamos por ela, já que isso lhe dá prazer, mas diremos que o estimamos mais por suas virtudes pessoais do que pelas de seus antepassados.

A autoridade de Swedenborg é aqui muito contestável, quando atribui ao aroma a reprodução das flores. Este óleo essencial, volátil, que lhe dá o aroma,

jamais teve a faculdade reprodutora, que reside unicamente no pólen. Falta justeza à comparação, porque se a alma apenas se distingue, por seu perfume, sobre a alma que lhe sucede, não a cria; contudo, deveria transmitir-lhe suas próprias qualidades e, nesta hipótese, não vemos por que o descendente de Carlos Magno não teria enchido o mundo com o brilho de suas ações, enquanto Napoleão não se apoiaria senão sobre uma alma vulgar. Que se diga que Napoleão descende de Carlos Magno ou, melhor ainda, que foi Carlos Magno, que veio no século dezenove continuar a obra começada no oitavo, compreende-se; mas, com o princípio da unicidade da existência nada liga Carlos Magno a seus descendentes, a não ser esse aroma, transmitido pouco a pouco sobre almas *não criadas*. E, então, como explicar por que, entre os seus descendentes, houve tantos homens nulos e indignos, e por que Napoleão é um gênio maior do que os seus obscuros antepassados? Façam o que quiserem: sem a reencarnação nós nos chocamos a cada passo contra dificuldades insolúveis, que só a preexistência da alma resolve, de maneira ao mesmo tempo simples, lógica e completa, visto dar a razão de tudo.

Uma outra questão é o fato conhecido de que as famílias se abastardam e degeneram quando as alianças não saem da linha direta. Dá-se nas raças humanas o

mesmo que nas raças animais. Por que, então, a necessidade de cruzamentos? Em que se torna a unidade do tronco? Não há aí uma mistura de Espíritos, uma intrusão de Espíritos estranhos à família? Um dia trataremos esta grave questão com todos os desenvolvimentos que ela comporta. (42)

Abril/1862: Revista Espírita

Trecho do artigo **Frenologia Espiritualista e Espírita** – Perfectibilidade da raça negra.

Os espiritualistas dizem, ao contrário, que os órgãos não são a causa das faculdades, mas os instrumentos da manifestação das faculdades; que o pensamento é um atributo da alma e não do cérebro; que a alma, possuindo por si mesma aptidões diversas, a predominância de tal ou qual faculdade impele o desenvolvimento do órgão correspondente, como o exercício de um braço induz o desenvolvimento dos músculos desse braço. Daí se segue que o desenvolvimento de um órgão é o efeito, e não a causa.

Assim, um homem não é poeta porque tenha o órgão da poesia: ele tem o órgão da poesia porque é poeta, o que é muito diferente. Mas aqui se apresenta uma outra dificuldade, ante a qual forçosamente tropeçam os frenologistas: se for espiritualista, dirá que o

poeta tem o órgão da poesia porque é poeta; mas não nos diz por que ele é poeta, porque o é, em vez de seu irmão, embora educado nas mesmas condições; e, assim, em relação a todas as outras aptidões. Só o Espiritismo o explica.

Com efeito, se a alma fosse criada ao mesmo tempo que o corpo, a do sábio do Instituto seria tão nova quanto a do selvagem. Então, por que há na Terra selvagens e membros do Instituto? Direis que depende do meio em que vivem. Seja. Dizei, então, por que homens nascidos nos meios mais ingratos e mais refratários tornam-se gênios, ao passo que outros, que recebem a Ciência desde a infância, são imbecis? Os fatos não provam à evidência que há homens instintivamente bons ou maus, inteligentes ou estúpidos? É preciso, pois, que haja na alma um germe. De onde vem ele? Pode dizer-se razoavelmente que Deus os fez de todos os tipos, uns chegando sem esforço e outros nem sequer com um trabalho obstinado? Seria isso justiça e bondade? Evidentemente, não. Uma única solução é possível: a preexistência da alma, sua anterioridade ao nascimento do corpo, o desenvolvimento adquirido conforme o tempo vivido e as várias migrações percorridas. Unindo-se ao corpo, a alma traz, pois, o que adquiriu, suas qualidades boas ou más. Daí as predisposições instintivas, de onde se pode dizer com certeza que aquele que nasceu poeta

já cultivou a poesia; que o que nasceu músico cultivou a música; o que nasceu celerado, já foi mais celerado. Tal é a fonte das faculdades inatas que produzem, nos órgãos afetados à sua manifestação, um trabalho interior, molecular, que provoca o seu desenvolvimento.

Isto nos conduz ao exame da importante questão da inferioridade de certas raças e de sua perfectibilidade.

Antes de mais, admitamos como princípio que todas as faculdades, todas as paixões, todos os sentimentos, todas as aptidões estão em a Natureza; que são necessárias à harmonia geral, posto que Deus nada faz de inútil; que o mal resulta do abuso, assim como da falta de contrapeso e de equilíbrio entre as diversas faculdades. Porque as faculdades não se desenvolvem simultaneamente, resulta que o equilíbrio não pode se estabelecer senão com o tempo; que essa falta de equilíbrio produz os homens imperfeitos, nos quais o mal domina momentaneamente.

Tomemos para exemplo o instinto da destruição. Ele é necessário porque na Natureza é preciso que tudo seja destruído para se renovar. Por isso todas as espécies vivas são, ao mesmo tempo, agentes destruidores e reprodutores. Mas o instinto de destruição isolado é um instinto cego e brutal; impera entre os povos primitivos, entre os selvagens cuja alma ainda não adquiriu

qualidades reflexivas próprias a regular a destruição em justa medida. Numa única existência, poderá o selvagem adquirir as qualidades que lhe faltam? Seja qual for a educação que lhe derdes desde o berço, dele fareis um São Vicente de Paulo, um sábio, um orador, um artista? Não; é materialmente impossível. E, no entanto, o selvagem tem uma alma. Qual a sorte dessa alma depois da morte? É punida pelos atos bárbaros que ninguém reprimiu? É colocada em igualdade com o homem de bem? Um não é mais racional que o outro. É, então, condenada a ficar eternamente num estado misto, que nem é felicidade, nem infelicidade? Isto não seria justo, porque se ela não é mais perfeita, não dependeu dela. Só podeis sair deste dilema admitindo a possibilidade de progresso. Ora, como pode a alma progredir, a não ser tendo novas existências? Dir-se-á que poderá progredir como Espírito, sem voltar à Terra. Mas, então, por que nós, civilizados, esclarecidos, nascemos na Europa e não na Oceania? Em corpos brancos, ao invés de corpos negros? Por que um ponto de partida tão diferente, se só se progride como Espírito? Por que Deus nos liberou da longa rota percorrida pelos selvagens? Seriam nossas almas de natureza diversa das suas? Por que tentar torná-los cristãos? Se os tornais cristãos, é que os olhais como vosso igual perante Deus. E se é vosso igual perante Deus, por que Deus vos concede privilégios? Por mais que

façais, não chegareis a nenhuma solução, a menos que admitais para nós um progresso anterior e para os selvagens um progresso ulterior. Se a alma do selvagem deve progredir posteriormente, é que nos alcançará; se progredimos anteriormente, é que fomos selvagens, pois se for diferente o ponto de partida, não haverá mais justiça, e se Deus não for justo, já não será Deus. Eis, pois, forçosamente, duas existências extremas: a do selvagem e a do homem ultracivilizado; mas, entre esses dois extremos, não haverá nenhum ponto intermediário? Segui a escala dos povos e vereis que é uma corrente ininterrupta, sem solução de continuidade.

Ainda uma vez, todos esses problemas são insolúveis sem a pluralidade das existências. Dizei que os zelandeses renascerão num povo um pouco menos bárbaro, e assim por diante até a civilização, e tudo se explica; que se, em vez de seguir os degraus da escala os transpuser de um salto e chegar sem transição entre nós, dará o hediondo espetáculo de um Dumollard, que para nós é um monstro e que nada teria apresentado de anormal entre os povos da África central, de onde talvez tenha saído. É assim que, ao nos restringirmos numa existência única, tudo é obscuridade, tudo é problema sem saída, ao passo que com a reencarnação, tudo é claridade, tudo é solução. (43)

Abril/1862: Revista Espírita

Consequências da Doutrina da Reencarnação sobre a Propagação do Espiritismo

O Espiritismo marcha com rapidez, fato que ninguém poderá negar. Ora, quando uma coisa se propaga é porque convém; assim, se o Espiritismo também se propaga é porque igualmente convém. Há várias causas para isto. A primeira é, sem contradita, como já explicamos em diversas circunstâncias, a satisfação moral que proporciona aos que o compreendem e praticam. Mas esta mesma causa recebe em parte a sua força do princípio da reencarnação. É o que tentaremos demonstrar.

Qualquer homem que reflita não pode deixar de preocupar-se com o seu futuro depois da morte, o que bem vale a pena. Quem é quem não liga à sua situação na Terra durante alguns anos mais importância do que durante alguns dias? Mais ainda: durante a primeira parte da vida a gente trabalha, extenua-se de fadiga e se impõe toda sorte de privações para, na outra metade, assegurar-se um pouco de repouso e de bem-estar. Se temos tanto cuidado por alguns anos eventuais, não é racional tê-los ainda mais pela vida de além-túmulo, cuja duração é ilimitada? Por que razão a maioria trabalha mais pelo presente passageiro do que pelo futuro sem-fim? É que

acreditamos na realidade do presente e duvidamos do futuro. Ora, *só se duvida daquilo que não se compreende*. Que se compreenda o futuro e tudo cessará. Aos olhos mesmos daqueles que, no estado das crenças vulgares, estão mais bem convencidos da vida futura, esta se apresenta de maneira tão vaga, que nem sempre basta a fé para fixar as ideias; aquela tem mais as características de uma hipótese que as de uma realidade. O Espiritismo vem remover essa incerteza pelo testemunho dos que viveram e por provas de certo modo materiais.

Toda religião repousa necessariamente na vida futura e todos os dogmas convergem forçosamente para esse fim único. É visando atingir esse fim que eles são praticados; e a fé nos dogmas está na razão direta da eficácia que se lhes atribui para o alcançar. A teoria da vida futura é, pois, a pedra angular de toda doutrina religiosa. Se essa teoria pecar pela base; se abrir o campo a objeções sérias; se se contradisser; se se puder demonstrar a impossibilidade de certas partes, tudo vai abaixo. Antes de mais vem a dúvida, à qual sucede a negação absoluta, e os dogmas são arrastados no naufrágio da fé. Pensaram em escapar ao perigo proscovendo o exame e fazendo da fé cega uma virtude. Mas pretender impor a fé cega neste século é desconhecer o tempo em que vivemos; refletimos, mau grado nosso; examinamos pela força das coisas;

queremos saber como e porquê. O desenvolvimento da indústria e das ciências exatas nos ensina a olhar o terreno sobre o qual pisamos, razão por que se sondamos aquele onde, conforme dizem, marcharemos depois da morte; se não o encontramos sólido, isto é, lógico, racional, não nos preocuparemos com ele. Por mais que façam, não conseguirão neutralizar essa tendência, porque inerente ao desenvolvimento intelectual e moral da Humanidade. Segundo uns, é um bem; segundo outros, um mal. Seja qual for a maneira pela qual a encaramos, temos de nos acomodar, queiramos ou não, porquanto não pode ser de outra maneira.

A necessidade de se dar conta e de compreender diz respeito às coisas materiais e às coisas morais. Indubitavelmente, a vida futura não é uma coisa palpável, como uma estrada de ferro e uma máquina a vapor; mas pode ser compreendida pelo raciocínio. Se o raciocínio, em virtude do qual buscamos demonstrá-la não satisfizer à razão, abandonamos as premissas e as conclusões. Interrogai aqueles que negam a vida futura e todos dirão que foram conduzidos à incredulidade pelo próprio quadro que lhes faziam, com seus cortejos de demônios, labaredas e sofrimentos sem-fim.

Todas as questões morais, psicológicas e metafísicas se ligam de maneira mais ou menos direta à

questão do futuro. Disso resulta que dessa última questão depende, de alguma sorte, a racionalidade de todas as doutrinas filosóficas e religiosas. O Espiritismo vem, por sua vez, não como uma religião, mas como doutrina filosófica, trazer a sua teoria, apoiada no fato das manifestações. Ele não se impõe; não exige confiança cega; entra no número dos concorrentes e diz: Examinai, comparai e julgai; se achardes algo melhor do que isto que vos dou, tomai-o. Ele não diz: Venho destruir os fundamentos da religião e substituí-la por um culto novo. Diz: Não me dirijo aos que creem e se acham satisfeitos com suas crenças, mas aos que abandonam as vossas fileiras pela incredulidade e que não os soubestes ou pudestes reter. Venho dar-lhes, sobre as verdades que repelem, uma interpretação capaz de satisfazer sua razão e que os leva a aceitá-la. E a prova de que o consigo é o número dos que tiro do atoleiro da incredulidade. Todos vos dirão: Se me tivessem ensinado essas coisas assim desde a infância, jamais teria duvidado; agora creio, porque compreendo. Deveis repeli-los, porque aceitam o espírito e não a letra? O princípio, e não a forma? Sois livres; se vossa consciência faz disto um dever, ninguém pensará em violentá-la; mas não digo apenas que isto seria um erro; digo mais: seria uma imprudência.

Como dissemos, a vida futura é o objetivo essencial de toda doutrina moral. Sem a vida futura, a moral carece

de base. O triunfo do Espiritismo está precisamente na maneira pela qual apresenta o futuro; além das provas que oferece, o quadro que apresenta é tão claro, tão simples, tão lógico, tão conforme à justiça e à bondade de Deus, que involuntariamente dizemos: Sim, é bem assim que deve ser; é assim que eu imaginava; e, se não havia acreditado, é porque me tinham mostrado a vida futura de outro modo.

Mas, o que é que dá à teoria do futuro um tal poder? O que é que lhe granjeia tantas simpatias? É, dizemos nós, a sua lógica inflexível, que resolve todas as dificuldades até então insolúveis; e isto ela o deve ao princípio da pluralidade das existências. Com efeito, suprimi este princípio e milhares de problemas, cada qual mais insolúvel, se apresentarão imediatamente. A cada passo nos chocaremos contra inúmeras objeções. Essas objeções não eram suscitadas antigamente, isto é, ninguém pensava nelas. Mas hoje, que a criança se fez homem, quer ir ao fundo das coisas; quer ver claro o caminho por onde é conduzido; sonda e pesa o valor dos argumentos que lhe apresentam e, se estes não lhe satisfazem à razão ou o deixam no vago e na incerta, rejeita-os, aguardando coisa melhor. A pluralidade das existências é uma chave que descortina horizontes novos, que dá uma razão de ser a uma multidão de coisas incompreendidas e que explica o inexplicável. Ela concilia

todos os acontecimentos da vida com a justiça e a bondade de Deus. Daí por que os que haviam chegado a duvidar dessa justiça e dessa bondade agora reconhecem o dedo da Providência onde o tinham ignorado. Efetivamente, sem a reencarnação, a que atribuir as ideias inatas? como justificar o idiotismo, o cretinismo, a selvageria, ao lado do gênio e da civilização? a profunda miséria de uns, ao lado da felicidade de outros? as mortes prematuras e tantas outras coisas? Do ponto de vista religioso, certos dogmas, como o do pecado original, o da queda dos anjos, a eternidade das penas, a ressurreição da carne, etc., encontram neste princípio uma interpretação racional, levando à aceitação do seu espírito justamente por aqueles que repeliam a letra.

Em resumo, o homem atual quer compreender. O princípio da reencarnação ilumina o que estava obscuro. Eis por que dizemos que este princípio é uma das causas que faz com que o Espiritismo seja acolhido favoravelmente.

Dir-se-á que a reencarnação não é necessária para crer nos Espíritos e em suas manifestações; e a prova disto é que há crentes que não a admitem. É verdade. Também não dissemos que não se possa ser bom espírita sem crer na reencarnação. Não somos daqueles que atiram pedras aos que não pensam como nós. Apenas

dizemos que eles não abordaram todos os problemas levantados pelo sistema unitário, sem o que teriam reconhecido a impossibilidade de lhes dar uma solução satisfatória. A ideia da pluralidade das existências a princípio foi acolhida com assombro, com desconfiança; depois, pouco a pouco as pessoas se familiarizaram com ela, à medida que reconheciam a impossibilidade de, sem ela, saírem das inúmeras dificuldades suscitadas pela psicologia e pela vida futura. Uma coisa é certa: esse sistema ganha terreno diariamente, enquanto o outro o perde. Hoje, na França, os adversários da reencarnação – falamos dos que estudaram a ciência espírita – são em número imperceptível, em comparação com os seus partidários. Na própria América, onde são mais numerosos, por causas que explicamos em nosso número anterior, o princípio começa a popularizar-se, de modo que podemos concluir que não está longe o tempo em que, sob esse ponto, não haverá nenhuma dissidência.

(⁴⁴)

Junho/1862: Revista Espírita

Trecho do **Discurso do Sr. Allan Kardec na Abertura do Ano Social**, a 1^o de abril de 1862.

Assim, a linha que ela seguiu dá os seus frutos. Os princípios que professa, baseados em observações

conscienciosas, hoje servem de regra à imensa maioria dos espíritas. Vistes caírem, sucessivamente, a maioria dos sistemas que surgiram no começo e apenas alguns ainda conservam raros partidários. Isto é incontestável. Quais, então, as ideias que crescem e quais as que declinam? É uma questão de fato. A doutrina da reencarnação foi o mais controvertido dos princípios e seus adversários nada pouparam para abrir uma brecha, nem mesmo as injúrias e grosserias, supremo argumento daqueles a quem faltam boas razões. Nem por isso deixou de fazer o seu caminho, porque se apoia numa lógica inflexível; porque sem esta alavanca nós nos defrontamos com dificuldades insuperáveis; enfim, porque nada encontraram de mais racional para o substituir. ⁽⁴⁵⁾

Agosto/1862: Revista Espírita

Carta do Sr. Jean Reynaud ao Journal des Débats (trecho dos comentários de Allan Kardec)

Vê-se que não fomos o único nem o primeiro a proclamar a doutrina da pluralidade das existências, também chamada de reencarnação. A obra *Terra e Céu*, de Jean Reynaud, foi publicada antes de *O Livro dos Espíritos*. Pode-se ver o mesmo princípio, exposto em termos explícitos, no encantador opúsculo do Sr. Louis Jourdan, intitulado: *As Súplicas de Ludovico*, cuja primeira

edição é de 1849, da Livraria Nova, Boulevard des Italiens. É que a ideia da reencarnação não é nova; é tão velha quanto o mundo e é encontrada em muitos autores antigos e modernos. Aos que objetam que ela é contrária aos dogmas da Igreja, respondemos que, de duas uma: ou a reencarnação existe, ou não existe. Não há alternativa. Se existe, é uma lei da Natureza. Ora, se um dogma é contrário a uma lei da Natureza, trata-se de saber quem tem razão: se o dogma ou a lei. Quando a Igreja anatematizou e excomungou como culpados de heresia os que acreditavam no movimento da Terra, não impediu que a Terra girasse e que todo o mundo hoje creia nisto. Sucederá o mesmo com a reencarnação. Não é, pois, uma questão de opinião, mas uma questão de fato. Se o fato existe, tudo quanto poderão dizer ou fazer não impedirá a sua existência e, mais cedo ou mais tarde, os mais recalcitrantes deverão aceitá-lo. Deus não consulta as suas conveniências para regular a ordem das coisas e o futuro não tardará a provar quem tem razão.

(46)

Os pandus e os kurus - A Reencarnação na antiguidade

Um dos nossos assinantes nos escreve de Nantes:

“Lendo um livro que trata de algumas obras em

sânscrito, encontrei, numa passagem de um poema chamado *Maha-Barata*, uma exposição da crença daqueles tempos remotos. Grande foi a minha admiração ao encontrar aí a reencarnação, doutrina que, na época, parece ter sido bem compreendida. Eis o fato que levou o Deus *Krishna* a explicar ao chefe dos Pandus a teoria dos brâmanes.

[...].

“- Esses cuja morte choras, respondeu o deus, não merecem que os chores; quer vivam, quer morram, o sábio não tem lágrimas para a vida nem para a morte. O tempo em que eu não existia, em que tu não existias, em que esses guerreiros não existiam, jamais existiu e jamais virá a hora que anunciará nossa morte. Introduzidas em nossos corpos, a alma atravessa a juventude, a idade madura, a decrepitude e, passando a um novo corpo, ali recomeça sua jornada. Indestrutível e eterno, um deus desdobra de suas mãos o Universo onde estamos. Quem aniquilará a alma que ele criou? quem, pois, destruirá a obra do Indestrutível? O corpo, envoltório frágil, altera-se, corrompe-se e morre; mas a alma, a alma eterna que não podemos conceber, jamais perece. Ao combate, Arjuna! Avança os teus corcéis no combate; tu não destróis a alma; a alma não será morta; jamais nasce, jamais morre,

ela não conhece presente, passado ou futuro; é antiga, eterna, sempre virgem, sempre jovem, imutável, inalterável. O que significa cair no combate, degolar os inimigos, senão deixar uma vestimenta ou tirar a vestimenta de alguém? Vai! nada temas; atira sem escrúpulo uma roupa usada; vê sem terror os teus inimigos e os teus irmãos deixarem os corpos perecíveis e suas almas revestirem formas novas. A alma é uma coisa que o gládio não penetra, que o fogo não pode consumir, que as águas não deterioram, que o vento sul não resseca. Pára, pois, de gemer.”

Observação – Com efeito, a ideia da reencarnação está muito bem definida nesta passagem, como aliás, todas as crenças espíritas o estavam na Antiguidade. Só faltava um princípio: o da caridade. Ao Cristo estava reservado proclamar esta suprema lei, fonte de todas as felicidades terrestres e celestes. ⁽⁴⁷⁾

Setembro/1862: Revista Espírita

Trecho do artigo **Carta do Sr. Dombre a um pregador**

Dizem: “Credes na reencarnação, mas a pluralidade das existências é contrária aos dogmas, que admitem apenas uma. Por isto mesmo estais fora da Igreja.”

A isto repetiremos o que temos dito inúmeras vezes: “Outrora expulsastes da Igreja, anatematizastes, excomungastes e condenastes como heréticos os que acreditavam no movimento da Terra.” Respondereis: “Isto foi num tempo de ignorância.” – Seja. Mas se a Igreja é infalível, deveria sê-lo outrora como hoje, não podendo a sua infalibilidade ser submetida às flutuações da ciência mundana. Mas ultimamente, e apenas há um quarto de século, neste século de luz, não tem ela igualmente condenado as descobertas científicas que dizem respeito à formação do globo? O que aconteceu agora? E o que teria acontecido se ela persistisse em repelir de seu seio todos os que acreditam nessas coisas? Não mais haveria católicos, nem mesmo o papa. Por que, então, teve a Igreja de ceder? É porque o movimento dos astros e sua formação repousam nas leis da Natureza e porque, contra essas leis, não há opinião que possa prevalecer.

Quanto à reencarnação, de duas, uma: ou existe, ou não existe; não há meio-termo. Se existe, é porque está nas leis da Natureza. Se um dogma diz o contrário, trata-se de saber quem tem razão, se o dogma ou a Natureza, que é obra de Deus. A reencarnação não é, pois, uma opinião, um sistema, como uma opinião política ou social, que pode ser adotada ou recusada: é um fato ou não é. Se é um fato, e por mais que não agrade a todo o mundo, nada do que disserem a impedirá de ser um fato.

Acreditamos firmemente - falamos por conta própria - que a reencarnação, longe de ser contrária aos dogmas, dá uma explicação lógica de vários deles, fazendo com que sejam aceitos pela maioria dos que os repeliam, porque não os compreendiam. A prova disto está no grande número de pessoas trazidas às crenças religiosas pelo Espiritismo.

Mas admitamos essa incompatibilidade, se quiserdes. Neste caso, apresentaremos a questão sem rodeios: “Quando a pluralidade das existências for reconhecida como uma lei natural - o que não tardará muito - e quando todos reconhecerem esta lei como a única compatível com a justiça de Deus, e como a *única* que pode explicar o que, sem ela, é inexplicável, que fareis?” - Fareis o que fizestes com o movimento da Terra e os seis dias da Criação; e não será difícil conciliar o dogma com esta lei. ⁽⁴⁸⁾

Outubro/1862: Revista Espírita

O Espiritismo e o Espírito Maligno

(Nota de Allan Kardec sobre Deus ter criado os Espíritos simples e ignorantes)

Esta proposição, a respeito do estado primitivo das almas, formulada pela primeira vez em *O Livro dos Espíritos*, é hoje repetida por toda parte nas

comunicações; encontra, assim, a sua consagração simultaneamente nessa concordância e na lógica, porquanto nenhum outro princípio responderia melhor à justiça de Deus. Dando a todos os homens um mesmo ponto de partida, deu a todos a mesma tarefa a desempenhar para atingir o fim. Ninguém é privilegiado pela Natureza; como, porém, têm o livre-arbítrio, uns avançam mais depressa e outros mais lentamente. Tal princípio de justiça é inconciliável com a doutrina que admite a criação da alma ao mesmo tempo que o corpo, admitindo em si mesmo a pluralidade das existências, porque, se a alma é anterior ao corpo, é que ela já viveu.
(⁴⁹)

Novembro/1862: Revista Espírita

Os mistérios da torre de São Miguel, em Bordeaux

História de uma Múmia

(10 de agosto – Médiun: Sra. Guérin, pela escrita)

6. Antes da reencarnação, quando escolheste o gênero de provas, sabíeis que seríeis enterrado vivo?

Resp. – Não; apenas sabia que devia cometer um crime odioso, que encheria minha vida de ardentes remorsos e que a vida terminaria em dores atrozes. Em

breve reencarnarei. Deus teve piedade de minha dor e de meu arrependimento.

Observação - Esta frase: Eu sabia que devia cometer um crime, é explicada adiante, nas perguntas 30 e 31.

7. A justiça perseguiu alguém por ocasião da morte de vossa esposa?

Resp. - Não; acreditaram numa morte súbita. Eu a tinha sufocado.

8. Que motivo vos levou a esse ato criminoso?

Resp. - O ciúme.

9. Foi por descuido que vos enterraram vivo?

Resp. - Sim.

10. Lembrai-vos dos instantes da morte?

Resp. - Foi algo terrível, impossível de descrever. Imaginai estar numa fossa, com dez pés de terra em cima, querer respirar e faltar o ar, querer gritar: “Estou vivo!” e sentir a voz abafada; ver-se morrer e não poder pedir socorro; sentir-se cheio de vida e riscado da lista dos vivos; ter sede e não poder saciá-la; sentir as dores da fome e não poder fazê-la cessar; numa palavra, morrer numa raiva de danado.

11. Naquele momento supremo pensastes que era o

momento da vossa punição?

Resp. - Nada pensei. Morri furioso, batendo nas paredes do caixão, dele querendo sair vivo a todo custo.

Observação - Esta resposta é lógica e se justifica pelas contorções vistas ao se examinar o cadáver, em meio às quais o indivíduo morreu.

12. Já desprendido, vosso Espírito viu o corpo de Guillaume Remone?

Resp. - Logo depois da morte eu ainda me via na terra.

13. Quanto tempo ficastes nesse estado, isto é, com o Espírito ligado ao corpo, embora já não o animasse?

Resp. - Cerca de 15 a dezoito dias.

14. Quando foi possível deixar o corpo, onde vos encontrastes?

Resp. - Vi-me cercado por uma multidão de Espíritos, como eu tomados de dor, não ousando levantar para Deus o coração, ainda ligado à Terra, e desesperançado de receber o seu perdão.

Observação - Ligado ao corpo, e sofrendo ainda a tortura dos últimos instantes, pois se achava entre Espíritos sofredores, sem esperança de perdão, não é o inferno, com seu choro e ranger de dentes? Haverá

necessidade de se construir um forno com chamas e tridentes? Como se sabe, a crença na perpetuidade dos sofrimentos é um dos castigos infligidos aos Espíritos culpados. Tal estado durará enquanto os Espíritos não se arrependerem e duraria sempre, caso jamais se arrependessem, pois Deus só perdoa ao pecador arrependido. Desde que o arrependimento lhe entre no coração, um raio de esperança far-lhe-á entrever a possibilidade de um termo a seus males. Mas não basta o mero arrependimento; Deus quer a expiação e a reparação, e é pelas reencarnações sucessivas que Ele dá aos Espíritos imperfeitos a possibilidade de se melhorarem. Na erraticidade eles tomam resoluções que procuram executar na vida corporal. É assim que, em cada existência, deixando algumas impurezas, conseguem aperfeiçoar-se gradualmente e dão um passo à frente para a felicidade eterna. Assim, a porta da felicidade jamais lhes é fechada, sendo atingida num tempo mais ou menos longo, conforme a vontade e o trabalho que fizerem sobre si mesmos para o merecerem.

Não se pode admitir a onipotência de Deus sem a presciência. Sendo assim, pergunta-se por que Deus, ao criar uma alma, sabendo que devia falir sem poder erguer-se, a tirou do nada para destiná-la a tormentos eternos? Quis, então, criar almas infelizes? Tal proposição

é inconciliável com a ideia da bondade infinita, que é um de seus atributos essenciais. De duas uma: ou Ele sabia, ou não sabia; se não sabia, não é onipotente; se sabia, nem é justo nem bom. Ora, tirar uma parcela do infinito dos atributos de Deus é negar a Divindade. Ao contrário, tudo se concilia com a possibilidade deixada ao Espírito de reparar suas faltas. Deus sabia que, em virtude de seu livre-arbítrio, o Espírito faliria, mas sabia, igualmente, que se ergueria. Sabia que, tomando o mau caminho, retardaria a chegada; contudo, mais cedo ou mais tarde, chegaria; e é para fazê-lo chegar mais depressa que multiplica os avisos sobre o caminho. Será mais culpado se não os escutar e merece o prolongamento das provas. Qual a mais racional dessas duas doutrinas? ⁽⁵⁰⁾

Dezembro/1862: Revista Espírita

Charles Fourier, Louis Jourdan e a Reencarnação

Extraímos a passagem seguinte de uma carta, que um amigo do autor teve a gentileza de nos enviar.

“Imagina qual não foi a minha surpresa quando, na Doutrina Espírita, da qual não fazia a menor ideia, reconheci toda a teoria de Fourier sobre a alma, a vida futura, a missão do homem na vida atual e a reencarnação das almas. Julga tu mesmo. Eis, em resumo,

a teoria de Fourier:

“O homem está ligado ao planeta; vive sua vida e não a deixa nem mesmo morrendo.

“Tem duas existências: a vida atual, que Fourier compara ao sono, e a vida que chama *aromal*, outra vida, numa palavra, que é o despertar. Sua alma passa alternadamente de uma vida a outra e volta periodicamente a reencarnar na vida atual.

“Na vida atual a alma não tem o sentimento de suas vidas anteriores, mas o tem na vida *aromal* e vê todas as suas existências pretéritas.

“As penas na vida *aromal* são os temores que as almas experimentam, quando reencarnam, de serem condenadas a animar o corpo de um infeliz; porque, diz Fourier, veem-se diariamente pessoas implorando caridade à porta dos castelos, dos quais foram proprietárias em suas vidas anteriores. E acrescenta: ‘Se os homens estivessem bem convencidos da verdade que trago ao mundo, cada um se esforçaria por trabalhar pela felicidade de todos.’

“Por esse breve extrato, caro amigo, podes ver o quanto a doutrina de Fourier e o Espiritismo se assemelham, e que, sendo falansteriano, não era difícil fazer de mim um adepto da Doutrina Espírita.”

É impossível ser mais explícito sobre o capítulo da reencarnação. Não é apenas uma ideia vaga de existências sucessivas, através de diferentes mundos: é neste que o homem renasce para se depurar e expiar. Tudo aí está: alternativas da vida espiritual, que chama *aromal*, e da vida corpórea; nesta, esquecimento momentâneo das existências anteriores e lembrança do passado durante a primeira; expiação pelas vicissitudes da vida. Seu quadro dos infelizes, vindo mendigar à porta dos castelos, de que foram donos em existências precedentes, parece calcado nas revelações dos Espíritos. Por que, então, os que hoje tanto se obstinam contra a doutrina da reencarnação, nada disseram quando Fourier dela fez uma das pedras angulares de sua teoria? É que, naquela ocasião, ela lhes parecia confinada nos falanstérios, ao passo que hoje corre o mundo, além de outras razões, facilmente compreensíveis, não havendo necessidade de as desenvolver.

Aliás, ele não foi o único a ter a intuição desta lei da Natureza. O germe dessa ideia é encontrado numa multidão de escritores modernos. O Sr. Louis Jourdan, redator do *Siècle*, formulou-a de modo inequívoco no seu encantador opúsculo *Prières de Ludovic*, publicado pela primeira vez em 1849, por conseguinte, antes que se cogitasse do Espiritismo. Sabe-se que esse livro não é obra de ficção, mas de convicção. Entre outras coisas,

nele se lê o seguinte:

“Para mim, confesso, creio firmemente, apaixonadamente, como se cria nas épocas primitivas, que cada um de nós prepara hoje a sua transformação futura, do mesmo modo que nossa existência atual é produto de existências anteriores.” O livro é inteiramente calcado nesse elemento.

Agora encaremos a questão de outro ponto de vista, para responder a uma interrogação que a respeito nos foi feita várias vezes.

Algumas pessoas se opõem à doutrina da reencarnação porque contraria os dogmas da Igreja, daí concluindo que não deve existir. O que lhes podemos responder?

A resposta é muito simples. A reencarnação não é um sistema que dependa dos homens adotar ou rejeitar, como se faz com um sistema político, econômico ou social. Se existe, é que está na Natureza; é uma lei inerente à Humanidade, como beber, comer e dormir; uma alternativa da vida da alma, como a vigília e o sono são alternativas da vida do corpo. Se for uma lei da Natureza, não será uma opinião favorável que a fará prevalecer, nem uma opinião contrária que a invalidará. A Terra não gira em torno do Sol porque se crê que ela o faça, mas porque obedece a uma lei; e os anátemas

lançados contra esta lei não impediram que a Terra girasse. Dá-se o mesmo com a reencarnação; não será a opinião de alguns homens que os impedirá de renascerem, se tiverem de renascer. Admitindo que a reencarnação é uma lei da Natureza, suponhamos que ela não possa conciliar-se com um dogma; trata-se de saber quem tem razão, se o dogma ou a lei. Ora, quem é o autor de uma lei da Natureza, senão Deus? No caso direi que não é a lei que contraria o dogma, mas o dogma que contraria a lei, levando-se em conta que qualquer lei da Natureza é anterior ao dogma e os homens renasciam antes que o dogma fosse estabelecido. Se houvesse incompatibilidade absoluta entre um dogma e uma lei da Natureza, isto seria prova de que o dogma é obra dos homens, que não conheciam a lei, porquanto Deus não se pode contradizer, desfazendo de um lado aquilo que fez do outro. Sustentar essa incompatibilidade é, pois, fazer o processo do dogma. Segue-se que o dogma é falso? Não, mas simplesmente pode ser susceptível de uma interpretação, como interpretaram o Gênesis quando se reconheceu que os seis dias da criação não se conciliavam com a lei da formação do globo. A religião ganhará com isso, pois encontrará menos incrédulos.

A questão é saber se existe ou não a lei da reencarnação. Para os espíritas há milhares de provas contra uma que é inútil repetir aqui. Direi apenas que o

Espiritismo demonstra que a pluralidade das existências não só é possível, mas necessária, indispensável; e ele encontra a sua prova, abstração feita à revelação dos Espíritos, numa inumerável multidão de fenômenos de ordem moral, psicológica e antropológica. Tais fenômenos são *efeitos que têm uma causa*. Buscando-se a causa, nós a encontramos na reencarnação, posta em evidência pela observação daqueles fenômenos, como a presença do Sol, embora oculto pelas nuvens, é posta em evidência pela luz do dia. Para provar que a lei está errada, ou que não existe, seria preciso explicar melhor, por outros meios, tudo o que ela explica, o que ninguém ainda fez.

Antes da descoberta das propriedades da eletricidade, àquele que tivesse anunciado que, em cinco minutos, poderia corresponder-se a quinhentas léguas, não teriam faltado especialistas que lhe provassem cientificamente, pelas leis da Mecânica, que a coisa era *materialmente* impossível, pois não conheciam outras leis. Para tanto havia necessidade da revelação de uma nova força. Foi assim com a reencarnação. É uma nova lei, que vem projetar luz sobre uma imensidão de questões obscuras e modificará profundamente todas as ideias quando for conhecida.

Assim, não é a opinião de alguns homens que prova a existência dessa lei: são os fatos. Se invocamos o seu

testemunho, é para demonstrar que ela havia sido entrevista e suspeitada por outros antes do Espiritismo, que não é o seu inventor, mas que a desenvolveu e lhe deduziu as consequências. ⁽⁵¹⁾

Ano 1863 - Revista Espírita

Junho/1863: Revista Espírita

Princípio da Não-Retrogradação dos Espíritos

Tendo sido levantadas várias vezes questões sobre o princípio da não-retrogradação dos Espíritos, princípio diversamente interpretado, vamos tentar resolvê-las. O Espiritismo quer ser claro para todos e não deixar aos seus futuros adeptos nenhum motivo para discussão de palavras. Por isso todos os pontos susceptíveis de interpretação serão elucidados sucessivamente.

Os Espíritos não retrogradam, no sentido de que nada perdem do progresso realizado. Podem ficar momentaneamente estacionários, mas de bons não podem tornar-se maus, nem de sábios, ignorantes. Tal o princípio geral, que só se aplica ao estado moral e não à situação material, que de boa pode tornar-se má se o Espírito a tiver merecido.

Façamos uma comparação. Suponhamos um homem do mundo, instruído, mas culpado de um crime que o conduz às galés. Certamente há para ele uma grande descida como posição social e como bem-estar material. À estima e à consideração sucederam o

desprezo e a abjeção. E, contudo, ele nada perdeu quanto ao desenvolvimento da inteligência; levará à prisão as suas faculdades, os seus talentos, os seus conhecimentos. É um homem decaído e é assim que devem ser compreendidos os Espíritos decaídos. Pode Deus, pois, ao cabo de um certo tempo de prova, retirar de um mundo onde não terão progredido moralmente aqueles que o tiverem desconhecido, que se houverem rebelado contra as suas leis, para mandar que expiem os seus erros e o seu endurecimento num mundo inferior, entre seres ainda menos adiantados. Aí serão o que antes eram, moral e intelectualmente, mas numa condição infinitamente mais penosa, pela própria natureza do globo e, sobretudo, pelo meio no qual se acharão. Numa palavra, estarão na posição de um homem civilizado, forçado a viver entre os selvagens, ou de um homem muito distinto, condenado à sociedade dos degradados. Perderam a posição e as vantagens, mas não regrediram ao estado primitivo. De homens adultos não se tornaram crianças. Eis o que se deve entender pela não-retrogradação. Não tendo aproveitado o tempo, é para eles um trabalho a recommençar. Em sua bondade, Deus não os quer deixar por mais tempo entre os bons, cuja paz perturbam. Eis por que os envia entre homens que terão por missão fazer estes últimos progredirem, ensinando-lhes o que sabem. Por esse trabalho poderão eles

próprios se adiantarem e resgatarem suas dívidas, expiando as faltas passadas, como o escravo que pouco a pouco economiza para um dia comprar a liberdade. Mas como o escravo, muitos só economizam dinheiro, em vez de entesourar virtudes, as únicas que podem pagar o resgate.

Esta a situação, até agora, de nossa Terra, mundo de expiação e de prova, onde a raça adâmica, raça inteligente, foi exilada entre as raças primitivas inferiores, que a habitavam antes. Esta a razão pela qual há tantas amarguras aqui, amarguras que estão longe de sentir no mesmo grau os povos selvagens. Certamente há retrogradação do Espírito no sentido de que retarda seu progresso, mas não do ponto de vista das aquisições, em razão das quais e do desenvolvimento de sua inteligência, sua decadência social é mais penosa. É assim que o homem do mundo sofre mais num meio abjeto do que aquele que sempre viveu na lama.

Conforme um sistema que tem algo de especioso à primeira vista, os Espíritos não teriam sido criados para encarnarem e a encarnação seria tão-somente o resultado de sua falta. Tal sistema cai pela mera consideração de que se nenhum Espírito tivesse falido, não haveria homens na Terra, nem em outros mundos. Ora, como a presença do homem é necessária para o

melhoramento material dos mundos; como ele concorre por sua inteligência e atividade para a obra geral, ele é uma das engrenagens essenciais da Criação. Deus não poderia subordinar a realização desta parte de sua obra à queda eventual de suas criaturas, a menos que contasse para tanto com um número sempre suficiente de culpados, de modo a alimentar de operários os mundos criados e por criar. O bom-senso repele tal ideia.

A encarnação é, pois, uma necessidade para o Espírito que, realizando a sua missão providencial, trabalha seu próprio adiantamento pela atividade e pela inteligência, que deve desenvolver, a fim de prover à sua vida e ao seu bem-estar. Mas a encarnação torna-se uma punição quando o Espírito, não tendo feito o que devia, é constrangido a recomeçar sua tarefa, multiplicando penosas existências corporais por sua própria culpa. Um estudante não é graduado senão depois de ter passado por todas as classes. Essas classes são um castigo? Não: são uma necessidade, uma condição indispensável de seu progresso. Mas se, pela preguiça, for obrigado a repetilas, aí está a punição. Poder passar em algumas é um mérito. O que, pois, é certo é que a encarnação na Terra é uma punição para muitos dos que a habitam, porque poderiam tê-la evitado, ao passo que talvez tenham dobrado, triplicado e centuplicado a existência por sua própria culpa, assim retardando sua entrada em mundos

melhores. O que é errado é admitir em princípio a encarnação como um castigo.

Outra questão muitas vezes aventada é esta: Como o Espírito foi criado simples e ignorante, com a liberdade de fazer o bem ou o mal, não haveria queda moral para aquele que tomasse o mau caminho, desde que chega a fazer o mal que antes não fazia?

Esta proposição não é mais sustentável que a precedente. Só há queda na passagem de um estado relativamente bom a um pior. Ora, criado simples e ignorante, o Espírito está, em sua origem, num estado de nulidade moral e intelectual como a criança que acaba de nascer. Se não fez o mal, também não fez o bem. Nem é feliz, nem infeliz. Age sem consciência e sem responsabilidade. Desde que nada tem, nada pode perder, como não pode retrogradar. Sua responsabilidade não começa senão no momento em que se desenvolve o seu livre-arbítrio. Seu estado primitivo não é, pois, um estado de inocência inteligente e raciocinada. Conseqüentemente, o mal que fizer mais tarde, infringindo as leis de Deus, abusando das faculdades que lhe foram dadas, não é um retorno do bem ao mal, mas a consequência do mau caminho por onde se embrenhou.

Isto nos conduz a outra questão. Por exemplo: É possível que Nero, na sua encarnação como Nero, possa

ter feito mais mal que na sua precedente existência? A isto respondemos sim, o que não implica que na existência em que tivesse feito menos mal fosse melhor. Antes de tudo, o mal pode mudar de forma sem ser pior ou menos mal. A posição de Nero, como imperador, tendo-o posto em evidência, o que ele fez ficou mais notado; numa existência obscura pôde ter cometido atos igualmente repreensíveis, conquanto em menor escala, e que passaram despercebidos. Como soberano, pôde mandar incendiar uma cidade; como particular pôde queimar uma casa e fazer perecer a família. Tal assassino vulgar, que mata alguns viandantes para os despojar, se estivesse no trono seria um tirano sanguinário, fazendo em grande escala o que sua posição só lhe permite fazer em escala reduzida.

Considerando a questão de outro ponto de vista, diremos que um homem pode fazer mais mal numa existência que na precedente, mostrar vícios que não tinha, sem que isto implique uma degenerescência moral. Muitas vezes são as ocasiões que faltam para fazer o mal, quando o princípio existe latente; surge a ocasião e os maus instintos se descobrem. A vida ordinária nos oferece numerosos exemplos: tal homem, que era tido como bom, de repente exhibe vícios que ninguém suspeitava, e que causam admiração; é simplesmente porque soube dissimular ou porque uma causa provocou o

desenvolvimento do mau germe. É indubitável que aquele em que os bons sentimentos estão fortemente arraigados nem mesmo tem o pensamento do mal; quando tal pensamento existe, é que o germe existe: muitas vezes só falta a execução.

Depois, como dissemos, embora sob diferentes formas o mal não deixa de ser o mal. O mesmo princípio vicioso pode ser a fonte de uma imensidade de atos diversos, provenientes de uma mesma causa. O orgulho, por exemplo, pode fazer cometer grande número de faltas, às quais se está exposto, enquanto o princípio radical não for extirpado. Pode, pois, o homem, numa existência, ter defeitos que não se tinham manifestado numa outra e que não passam de conseqüências variadas de um mesmo princípio vicioso. Para nós, Nero é um monstro, porque cometeu atrocidades. Mas acreditais que esses homens – pérfidos, hipócritas, verdadeiras víboras que semeiam o veneno da calúnia, despojam as famílias pela astúcia e pelo abuso de confiança, que cobrem suas torpezas com a máscara da virtude para chegarem com mais segurança a seus fins e receberem elogios, quando só merecem a execração – valham mais do que Nero? Com certeza, não. Serem reencarnados num Nero para eles não seria um retrocesso, mas uma ocasião para se mostrarem sob nova face. Como tais, exibirão os vícios que ocultavam; ousarão fazer pela força o que faziam

pela astúcia, eis toda a diferença. Mas essa nova prova lhes tornará o castigo ainda mais terrível se, em vez de aproveitar os meios que lhes são dados para reparar, deles se servirem para o mal. E, entretanto, por pior que seja, cada existência é uma oportunidade de progresso para o Espírito: ele desenvolve a inteligência, adquire experiência e conhecimentos que, mais tarde, o ajudarão a progredir moralmente. ⁽⁵²⁾

Setembro/1863: Revista Espírita

Resposta de Allan Kardec a uma carta recebida com o tema **Sobre a expiação e a prova:**

A expiação implica necessariamente a ideia de um castigo mais ou menos penoso, resultado de uma falta cometida; a prova implica sempre a de uma inferioridade real ou presumida, porquanto, aquele que chegou ao ponto culminante a que aspira, não mais necessita de provas. Em certos casos, a prova se confunde com a expiação, isto é, a expiação pode servir de prova, e reciprocamente. O candidato que se apresenta para receber uma graduação, passa por uma prova. Se falhar, terá de recomeçar um trabalho penoso; esse novo trabalho é a punição da negligência que apresentou no primeiro; a segunda prova torna-se, assim, uma expiação. Para o condenado a quem se faz esperar um

abrandamento ou uma comutação, se bem se conduzir, a pena é, ao mesmo tempo, uma expiação por sua falta e uma prova para sua sorte futura. Se, à sua saída da prisão, não estiver melhor, a prova é nula e um novo castigo desencadeará uma nova prova.

Considerando-se, agora, o homem na Terra, vemos que ele aí suporta males de toda a sorte, muitas vezes cruéis. Esses males têm uma causa. Ora, a menos que os atribuamos ao capricho do Criador, somos forçados a admitir que a causa esteja em nós mesmos, e que as misérias que experimentamos não podem ser o resultado de nossas virtudes; portanto, têm sua fonte nas nossas imperfeições. Se um Espírito encarnasse na Terra em meio à fortuna, honras e todos os prazeres materiais, poder-se-á dizer que sofre a prova do arrastamento; para o que cai na desgraça por sua má conduta ou imprevidência, é a expiação de suas faltas atuais e pode dizer-se que é punido por onde pecou. Mas que dizer daquele que, desde o nascimento, está em luta com as necessidades e as privações, que arrasta uma existência miserável e sem esperança de melhora, que sucumbe ao peso de enfermidades congênitas, sem nada ter feito, *ostensivamente*, para merecer tal sorte? Quer seja uma prova, ou uma expiação, a posição não é menos penosa e não seria mais justa do ponto de vista do nosso correspondente, porquanto, se o homem não se lembra

da falta, também não se lembra de haver escolhido a prova. Tem-se, assim, de buscar alhures a solução da questão.

Como todo efeito tem uma causa, as misérias humanas são efeitos que devem ter uma causa; se esta não estiver na vida atual, deve estar numa vida anterior. Além disso, admitindo a justiça de Deus, tais efeitos devem ter uma relação mais ou menos íntima com os atos precedentes, dos quais são, ao mesmo tempo, castigo para o passado e prova para o futuro. São expiações no sentido de que são consequência de uma falta, e provas em relação ao proveito que delas se retira. Diz-nos a razão que Deus não pode ferir um inocente. Se, pois, formos feridos, é que não somos inocentes: o mal que sentimos é o castigo, a maneira por que o suportamos é a prova.

Mas acontece, muitas vezes, que a falta não se acha nesta vida. Então se acusa a justiça de Deus, nega-se a sua bondade, duvida-se mesmo de sua existência. Aí, precisamente, está a prova mais escabrosa: a dúvida sobre a divindade. Quem quer que admita um Deus soberanamente justo e bom deve dizer que ele não pode agir senão com sabedoria, mesmo naquilo que não compreendemos e, se sofremos uma pena, é porque o merecemos; é, pois, uma expiação. O Espiritismo, pela

grande lei da pluralidade das existências, levanta completamente o véu sobre o que esta questão deixava no escuro. Ele nos ensina que se a falta não foi cometida nesta vida, o foi numa outra e, deste modo, que a justiça de Deus segue o seu curso, punindo-nos por onde havíamos pecado.

A seguir vem a grave questão do esquecimento que, segundo o nosso correspondente, tira aos males da vida o caráter de expiação. É um erro. Dai-lhe o nome que quiserdes: jamais fareis que não sejam a consequência de uma falta. Se o ignorais, o Espiritismo vo-lo ensina. Quanto ao esquecimento das faltas em si, não tem as consequências que lhe atribuis. Temos demonstrado alhures que a lembrança precisa dessas faltas teria inconvenientes extremamente graves, uma vez que nos perturbaria, nos humilharia aos nossos próprios olhos e aos do próximo; trariam perturbação nas relações sociais e, por isto mesmo, entravaria o nosso livre-arbítrio. Por outro lado, o esquecimento não é tão absoluto quanto se supõe; ele só se dá na vida exterior de relação, no interesse da própria Humanidade; mas a vida espiritual não sofre solução de continuidade. Quer na erraticidade, quer nos momentos de emancipação, o Espírito se lembra perfeitamente e essa lembrança lhe deixa uma intuição que se traduz pela voz da consciência, que o adverte do que deve ou não deve fazer. Se não a escuta, é, pois,

culpado. Além disso, o Espiritismo dá ao homem um meio de remontar ao seu passado, se não aos atos precisos, pelo menos aos caracteres gerais desses atos, que ficaram mais ou menos desbotados na vida atual. Das tribulações que suporta, das expiações e provas deve concluir que foi culpado; da natureza dessas tribulações, ajudado pelo estudo de suas tendências instintivas e apoiando-se no princípio de que a mais justa punição é a consequência da falta, ele pode deduzir seu passado moral; suas tendências más lhe ensinam o que resta de imperfeito a corrigir em si. A vida atual é para ele um novo ponto de partida; aí chega rico ou pobre de boas qualidades; basta-lhe, pois, estudar-se a si mesmo para ver o que lhe falta e dizer: “Se sou punido, é porque pequei”, e a própria punição lhe dirá o que fez. Citemos uma comparação:

Suponhamos um homem condenado a tantos anos de trabalhos forçados, sofrendo um castigo especial mais ou menos rigoroso, de acordo com a sua falta; suponhamos, ainda, que ao entrar na cadeia perca a lembrança dos atos que para lá o conduziram. Poderá dizer: “Se estou na prisão, é que sou culpado, porquanto aqui não se põe gente virtuosa. Tratemos, pois, de ficar bom, para não voltarmos quando daqui sairmos.” Quer ele saber o que fez? Estudando a lei penal, saberá quais os crimes que para ali conduzem, porque ninguém é

posto a ferros por uma leviandade. Da duração e da severidade da pena, concluirá o gênero dos que deve ter cometido. Para ter uma ideia mais exata, terá apenas de estudar aqueles para os quais irá sentir-se instintivamente arrastado. Saberá, então, o que deve evitar daí em diante para conservar a liberdade, e a isso será ainda estimulado pelas exortações dos homens de bem, encarregados de o instruir e o dirigir no bom caminho. Se não o aproveitar, sofrerá as consequências. Tal a situação do homem na Terra, onde, tanto quanto o grilheta, não pode ter sido posto por suas perfeições, considerando-se que é infeliz e obrigado a trabalhar. Deus lhe multiplica os ensinamentos de acordo com o seu adiantamento; adverte-o incessantemente e chega mesmo a feri-lo, para o despertar de seu torpor, e aquele que persiste no endurecimento não pode desculpar-se com sua ignorância.

Em resumo, se certas situações da vida humana têm, mais particularmente, o caráter das provas, outras têm, de modo incontestável, o do castigo, e todo castigo pode servir de prova.

É um erro pensar que o caráter essencial da expiação seja o de ser imposta. Vemos diariamente na vida expiações voluntárias, sem falar dos monges que se maceram e se fustigam com a disciplina e o cilício. Nada

há, pois, de irracional em admitir que um Espírito, na erraticidade, escolha ou solicite uma existência terrena que o leve a reparar seus erros passados. Se tal existência lhe tivesse sido imposta, não teria sido menos justa, apesar da ausência momentânea da lembrança, pelos motivos acima desenvolvidos. As misérias da Terra são, pois, expiação, por seu lado efetivo e material, e provas, por suas consequências morais. Seja qual for o nome que se lhes dê, o resultado deve ser o mesmo: o melhoramento. Em presença de um objetivo tão importante, seria pueril fazer de um jogo de palavras uma questão de princípio. Isto provaria que se dá mais importância às palavras que à coisa. (53)

Outubro/1863: Revista Espírita

Trecho do artigo **Reação das Ideias Espiritualistas:**

Um dos princípios mais importantes do Espiritismo é, incontestavelmente, o da pluralidade das existências corpóreas, isto é, da reencarnação, que os cépticos confundem, por má-fé ou por ignorância, com o dogma da metempsicose. Sem este princípio nós nos chocamos com tantas dificuldades insolúveis na ordem moral e psicológica, que muitos filósofos modernos a ele foram conduzidos pela força do raciocínio, como a uma lei

necessária da Natureza; tais são Charles Fourier, Jean Reynaud e muitos outros. Este princípio, hoje discutido abertamente por homens de grande valor, sem que, por isto, sejam espíritas, tem clara tendência a introduzir-se na filosofia moderna. Uma vez de posse dessa chave, a filosofia verá abrir-se à sua frente horizontes novos e as dificuldades mais árduas serão aplainadas como que por encanto. Ora, ele não pode deixar de chegar a isto; para aí será conduzida pela força das coisas, porque a pluralidade das existências não é um sistema, mas uma lei da Natureza, que ressalta da evidência dos fatos. ⁽⁵⁴⁾

Dezembro/1863: Revista Espírita

Elias e João Batista

REFUTAÇÃO

Uma carta que nos foi enviada contém a seguinte passagem:

“Acabo de ter uma discussão com o cura daqui sobre a Doutrina Espírita. A propósito da reencarnação, pediu-me lhe dissesse qual dos corpos tomará o Espírito Elias no juízo final, anunciado pela Igreja, para se apresentar diante de Jesus Cristo; se será o primeiro ou o segundo. Não soube lhe responder. Ele riu e me disse que nós, os espíritas, não éramos fortes.”

Não sabemos qual dos dois provocou a discussão.

Em todo o caso, é sempre uma imprudência engajar-se numa controvérsia quando não se sente força para a sustentar. Se a iniciativa partiu do nosso correspondente, lembrar-lhe-emos o que não cessamos de repetir, que “o Espiritismo se dirige aos que não creem ou que duvidam, e não aos que têm uma fé e aos quais esta fé basta; que não diz a ninguém que renuncie às suas crenças para adotar as nossas”, e nisto ele é conseqüente com os princípios de tolerância e de liberdade de consciência que professa. Por este motivo não poderíamos aprovar as tentativas feitas por certas pessoas, para converter às nossas ideias o clero de qualquer comunhão. Repetiremos, pois, a todos os espíritas: Acolhei prontamente os homens de boa vontade; dai luz aos que a buscam, pois não tereis êxito com os que julgam possuí-la; não violenteis a fé de ninguém, nem a do clero, nem a dos laicos, já que vindes semear em campo árido; ponde a luz em evidência, a fim de que a vejam os que quiserem ver; mostrai os frutos da árvore e dai a comer aos que têm fome, e não aos que se dizem fartos. Se membros do clero vierem a vós com intenções sinceras e sem pensamentos dissimulados, fazei por eles o que faríeis pelos vossos outros irmãos: instrui os que pedirem, mas não busqueis trazer à força os que imaginam que a sua consciência esteja empenhada em pensar de modo diverso do vosso; deixai-lhes a fé que têm, como quereis

que vos deixem a vossa; mostrai-lhes, enfim, que sabeis praticar a caridade segundo Jesus. Se são os primeiros a atacar, temos o direito de responder e de refutar; se abrem a liça é permitido segui-los, sem, contudo, afastar-se da moderação, de que Jesus deu exemplo aos seus discípulos. Se os nossos adversários se afastarem por si mesmos, deve-se deixar-lhes esse triste privilégio, que jamais é prova da verdadeira força. Se de algum tempo para cá nós mesmos entramos no terreno da controvérsia, respondendo à altura a alguns membros do clero, forçoso é convir que a nossa polémica nunca foi agressiva. Se não tivessem sido os primeiros a atacar, jamais seus nomes teriam sido pronunciados por nós. Sempre desprezamos as injúrias e os ataques de que fomos objeto, mas era nosso dever tomar a defesa dos nossos irmãos atacados e da nossa doutrina indignamente desfigurada, pois chegaram a dizer em pleno púlpito que ela pregava o adultério e o suicídio. Dissemos e repetimos, esta provocação é desastrada, porque leva forçosamente ao exame de certas questões, que teria sido melhor deixar adormecidas, porquanto, uma vez aberto o campo, não se sabe onde se vai parar. Mas o medo é mau conselheiro.

Posto isto, vamos tentar dar ao sr. cura supracitado a resposta à pergunta que ele fez. Todavia, não podemos deixar de notar que se o seu interlocutor não era tão forte

quanto ele em teologia, ele mesmo não nos parece muito forte no Evangelho. Sua pergunta equivale à que foi levantada a Jesus pelos saduceus; ele não tinha senão que se referir à resposta de Jesus, que tomamos a liberdade de lembrar-lhe, já que não a sabe.

“Naquele dia aproximaram-se dele alguns saduceus, que dizem não haver ressurreição, e lhe perguntaram: Mestre, disse Moisés que se alguém morrer, não tendo filhos, seu irmão casará com a viúva e suscitará descendência ao falecido. Ora, havia entre nós sete irmãos: o primeiro, tendo casado, morreu, e não tendo descendência, deixou sua mulher a seu irmão; o mesmo sucedeu com o segundo, com o terceiro, até ao sétimo; depois de todos eles, morreu também a mulher. Portanto, na ressurreição, de qual dos sete será ela esposa? porque todos a desposaram. Respondeu-lhes Jesus: Errais, não conhecendo as Escrituras nem o poder de Deus. Porque *na ressurreição nem casam nem se dão em casamento; são, porém, como os anjos no céu*. E quanto à ressurreição dos mortos, não tendes lido o que Deus vos declarou: Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó? Ele não é Deus de mortos, e, sim, de vivos.” (São Mateus, 22:23 a 32).

Uma vez que os homens, depois da ressurreição, serão *como os anjos do céu* e estes não têm corpo carnal,

mas um corpo etéreo e fluídico, então é porque não ressuscitarão em carne e osso. Se João Batista foi Elias é porque se trata da mesma alma, tendo tido duas vestimentas, deixadas na Terra em duas épocas diferentes; ele não se apresentará nem com uma nem com a outra, mas com o invólucro etéreo, apropriado ao mundo invisível. Se as palavras de Jesus não vos parecem bastante claras, lede as de São Paulo (que citamos mais adiante); elas são ainda mais explícitas. Duvidais que João Batista tenha sido Elias? Lede São Mateus, capítulo XI, versículos 13 a 15: “Porque todos os profetas e a Lei profetizaram até João. E, se o quereis reconhecer, *ele mesmo é o Elias que havia de vir*. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.” Aqui não há equívoco; os termos são claros e categóricos, e para não entender é preciso não ter ouvidos, ou querer fechá-los. Sendo estas palavras uma afirmação positiva, de duas uma: Jesus disse a verdade, ou enganou-se. Na primeira hipótese, a reencarnação é por ele atestada; na segunda, é lançar dúvida sobre todos os seus ensinamentos, porque, se ele se enganou num ponto, pode ter-se enganado em outros. Escolhei.

Agora, senhor cura, permiti que, por minha vez, vos dirija uma pergunta, que certamente vos será fácil responder.

Sabeis que o Gênesis, fixando seis dias para a

Criação, não só da Terra, mas do Universo inteiro: Sol, estrelas, Lua, etc., não tinha contado com a Geologia e a Astronomia; que Josué não contara com a lei da gravitação universal. Parece-me que o dogma da ressurreição da carne não contou com a Química. É verdade que a Química é uma ciência diabólica, como todas as que fazem ver claro onde queriam que se visse turvo. Mas, seja qual for a sua origem, ela nos ensina uma coisa positiva: é que o corpo do homem, assim como todas as substâncias orgânicas animais e vegetais, é composto de elementos diversos, cujos princípios são o oxigênio, o hidrogênio, o azoto e o carbono. Ela ainda nos ensina - e notai que é um resultado da experiência - que com a morte esses elementos se dispersam e entram na composição de outros corpos, de sorte que, ao cabo de certo tempo, o corpo inteiro é absorvido. É ainda constatado que o terreno onde sobejam as matérias animais em decomposição são os mais férteis e é na vizinhança dos cemitérios que os incrédulos atribuem a fecundidade proverbial dos jardins dos senhores curas de aldeia. Suponhamos, então, senhor cura, que batatas sejam plantadas nas proximidades de um sepulcro; essas batatas vão alimentar-se dos gases e sais provenientes da decomposição do corpo do morto; essas batatas vão servir para engordar galinhas que, por sua vez, as comereis e as saboreareis, de modo que o vosso próprio

corpo será formado de moléculas do corpo do indivíduo morto, e que não deixarão de ser dele, embora tenham passado por intermediários. Então tereis em vós partes que pertenceram a outros. Ora, quando ressuscitardes ambos no dia do juízo, cada um com seu corpo, como fareis? Guardareis o que tendes do outro, ou o outro vos retomará o que lhe pertence? ou ainda tereis algo da batata ou da galinha? Pergunta no mínimo tão grave quanto a de saber se João Batista ressuscitará com o corpo de João ou o de Elias. Eu a faço na maior simplicidade; mas julgai do embaraço se, como isto é certo, tendes em vós porções de centenas de indivíduos. Aí está, a bem-dizer, a ressurreição da carne; outra, porém, é a do Espírito, que não leva consigo os seus despojos. Vede, a seguir, o que diz São Paulo.

Já que estamos no terreno das perguntas, eis outra, senhor cura, que ouvimos de incrédulos. Certamente é estranha ao assunto que nos ocupa, mas é suscitada por um dos fatos acima referidos. Segundo o Gênesis, Deus criou o mundo em seis dias e repousou no sétimo. É este repouso do sétimo dia que é consagrado pelo de domingo, e cuja estrita observação é uma lei canônica. Se, pois, como o demonstra a Geologia, esses seis dias, em vez de vinte e quatro horas, são alguns milhões de anos, qual será a duração do dia de repouso? Em termos de importância, esta pergunta vale bem as duas outras.

Não creiais, senhor cura, que estas observações sejam o resultado de um menosprezo às Santas Escrituras. Não, bem ao contrário; nós lhes rendemos, talvez, uma homenagem maior que a vossa. Considerando a forma alegórica, nós lhe buscamos o espírito que vivifica, nelas encontramos grandes verdades e por aí levamos os incrédulos a crer e a respeitá-las, ao passo que, apegando-se à letra que mata, fazem-nas dizer coisas absurdas e aumenta-se o número dos cépticos. (55)

Ano 1864 - O Evangelho Segundo o Espiritismo e Revista Espírita

Abril/1864 - O Evangelho Segundo o Espiritismo

Resumo da doutrina de Sócrates e de Platão

I. O homem é *uma alma encarnada*. Antes da sua encarnação, existia unida aos tipos primordiais das ideias do verdadeiro, do bem e do belo; separa-se deles, encarnando, e, *recordando o seu passado*, é mais ou menos atormentada pelo desejo de voltar a ele.

Não se pode enunciar mais claramente a distinção e independência entre o princípio inteligente e o princípio material. É, além disso, a doutrina da preexistência da alma; da vaga intuição que ela guarda de um outro mundo, a que aspira; da sua sobrevivência ao corpo; da sua saída do mundo espiritual, para encarnar, e da sua volta a esse mesmo mundo, após a morte. É, finalmente, o gérmen da doutrina dos anjos decaídos. ⁽⁵⁶⁾

Abril/1864: O Evangelho Segundo o Espiritismo

Ressurreição e reencarnação

4. A reencarnação fazia parte dos dogmas dos judeus, sob o nome de *ressurreição*. Só os saduceus, cuja crença era a de que tudo acaba com a morte, não acreditavam nisso. As ideias dos judeus sobre esse ponto, como sobre muitos outros, não eram claramente definidas, porque apenas tinham vagas e incompletas noções acerca da alma e da sua ligação com o corpo. Criam eles que um homem que vivera podia reviver, sem saberem precisamente de que maneira o fato poderia dar-se. Designavam pelo termo *ressurreição* o que o Espiritismo, mais judiciosamente, chama *reencarnação*. Com efeito, a *ressurreição* dá ideia de voltar à vida o corpo que já está morto, o que a Ciência demonstra ser materialmente impossível, sobretudo quando os elementos desse corpo já se acham desde muito tempo dispersos e absorvidos. A *reencarnação* é a volta da alma ou Espírito à vida corpórea, mas em outro corpo especialmente formado para ele e que nada tem de comum com o antigo. A palavra *ressurreição* podia assim aplicar-se a Lázaro, mas não a Elias, nem aos outros profetas. Se, portanto, segundo a crença deles, João Batista era Elias, o corpo de João não podia ser o de Elias, pois que João fora visto criança e seus pais eram conhecidos. João, pois, podia ser Elias *reencarnado*, porém, não *ressuscitado*.

5. Ora, entre os fariseus, havia um homem

chamado Nicodemos, senador dos judeus – que veio à noite ter com Jesus e lhe disse: “Mestre, sabemos que vieste da parte de Deus para nos instruir como um doutor, porquanto ninguém poderia fazer os milagres que fazes, se Deus não estivesse com ele.”

Jesus lhe respondeu: “Em verdade, em verdade, digo-te: *Ninguém pode ver o Reino de Deus se não nascer de novo.*”

Disse-lhe Nicodemos: “Como pode nascer um homem já velho? Pode tornar a entrar no ventre de sua mãe, para nascer segunda vez?”

Retorquiu-lhe Jesus: “Em verdade, em verdade, digo-te: Se um homem não renasce da água e do Espírito, não pode entrar no Reino de Deus. – O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do Espírito é Espírito. – Não te admires de que Eu te haja dito ser preciso que nasças de novo. – O Espírito sopra onde quer e ouves a sua voz, mas não sabes donde vem ele, nem para onde vai; o mesmo se dá com todo homem que é nascido do Espírito.”

Respondeu-lhe Nicodemos: “Como pode isso fazer-se?” – Jesus lhe observou: “Pois quê! és mestre em Israel e ignoras estas coisas? Digo-te em verdade, em verdade, que não dizemos senão o que sabemos e que não damos testemunho, senão do que temos visto. Entretanto, não

aceitas o nosso testemunho. Mas se não me credes quando vos falo das coisas da Terra, como me creereis quando vos fale das coisas do céu?” (João, 3:1 a 12.)

6. A ideia de que João Batista era Elias e de que os profetas podiam reviver na Terra se nos depara em muitas passagens dos Evangelhos, notadamente nas acima reproduzidas (itens 1, 2, 3). Se fosse errônea essa crença, Jesus não houvera deixado de a combater, como combateu tantas outras. Longe disso, Ele a sanciona com toda a sua autoridade e a põe por princípio e como condição necessária quando diz: “Ninguém pode ver o Reino de Deus se não nascer de novo.” E insiste, acrescentando: “*Não te admires de que Eu te haja dito ser preciso nasças de novo.*”

7. Estas palavras: *Se um homem não renasce da água e do Espírito* foram interpretadas no sentido da regeneração pela água do batismo. O texto primitivo, porém, rezava simplesmente: não renasce da água e do Espírito, ao passo que nalgumas traduções as palavras – *do Espírito* – foram substituídas pelas seguintes: *do Santo Espírito*, o que já não corresponde ao mesmo pensamento. Esse ponto capital ressalta dos primeiros comentários a que os Evangelhos deram lugar, como se comprovará um dia, sem equívoco possível. ⁽⁵⁷⁾

8. Para se apanhar o verdadeiro sentido dessas

palavras, cumpre também se atente na significação do termo água que ali não fora empregado na acepção que lhe é própria.

Muito imperfeitos eram os conhecimentos dos antigos sobre as ciências físicas. Eles acreditavam que a Terra saíra das águas e, por isso, consideravam a água como elemento gerador absoluto. Assim é que em *Gênesis*, capítulo 1, se lê: “O Espírito de Deus era levado sobre as águas; fluava sobre as águas; Que o firmamento seja feito no meio das águas; Que as águas que estão debaixo do céu se reúnam em um só lugar e que apareça o elemento árido; Que as águas *produzam* animais vivos que nadem na água e pássaros que voem sobre a terra e sob o firmamento.”

Segundo essa crença, a água se tornara o símbolo da natureza material, como o Espírito era o da natureza inteligente. Estas palavras: “Se o homem não renasce da água e do Espírito, ou em água e em Espírito”, significam pois: “Se o homem não renasce com seu corpo e sua alma.” É nesse sentido que a princípio as compreenderam.

Tal interpretação se justifica, aliás, por estas outras palavras: *O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do Espírito é Espírito*. Jesus estabelece aí uma distinção positiva entre o Espírito e o corpo. *O que é*

nascido da carne é carne indica claramente que só o corpo procede do corpo e que o Espírito independe deste.

9. *O Espírito sopra onde quer; ouves-lhe a voz, mas não sabes nem donde ele vem, nem para onde vai*: pode-se entender que se trata do Espírito de Deus, que dá vida a quem ele quer, ou da *alma do homem*. Nesta última acepção – “não sabes donde ele vem, nem para onde vai” – significa que ninguém sabe o que foi, nem o que será o Espírito. Se o Espírito, ou alma, fosse criado ao mesmo tempo que o corpo, saber-se-ia donde ele veio, pois que se lhe conheceria o começo. Como quer que seja, essa passagem consagra o princípio da preexistência da alma e, por conseguinte, o da pluralidade das existências.

10. Ora, desde o tempo de João Batista até o presente, o Reino dos Céus é tomado pela violência e são os violentos que o arrebatam; pois que assim o profetizaram todos os profetas até João, e também a lei. Se quiserdes compreender o que vos digo, *ele mesmo é o Elias que há de vir*. Ouça-o aquele que tiver ouvidos de ouvir. (Mateus, 11:12 a 15.)

11. Se o princípio da reencarnação, conforme se acha expresso em João, podia, a rigor, ser interpretado em sentido puramente místico, o mesmo já não acontece com esta passagem de Mateus, que não permite equívoco: *ele mesmo é o Elias que há de vir*. Não há aí

figura, nem alegoria: é uma afirmação positiva. – “Desde o tempo de João Batista até o presente o Reino dos Céus é tomado pela violência.” Que significam essas palavras, uma vez que João Batista ainda vivia naquele momento? Jesus as explica, Ninguém poderá ver o Reino de Deus se não nascer de novo dizendo: “Se quiserdes compreender o que digo, ele mesmo é o Elias que há de vir.” Ora, sendo João o próprio Elias, Jesus alude à época em que João vivia com o nome de Elias. “Até o presente o Reino dos Céus é tomado pela violência”: outra alusão à violência da lei mosaica, que ordenava o extermínio dos infiéis, para que os demais ganhassem a Terra Prometida, Paraíso dos Hebreus, ao passo que, segundo a nova lei, o céu se ganha pela caridade e pela brandura.

E acrescentou: *Ouçã aquele que tiver ouvidos de ouvir*. Essas palavras, que Jesus tanto repetiu, claramente dizem que nem todos estavam em condições de compreender certas verdades.

12. Aqueles do vosso povo a quem a morte foi dada *viverão de novo*; aqueles que estavam mortos em meio a mim ressuscitarão. Despertai do vosso sono e entoai louvores a Deus, vós que habitais no pó; porque o orvalho que cai sobre vós é um orvalho de luz e porque arruinareis a Terra e o reino dos gigantes. (Isaías, 26:19.)

13. É também muito explícita esta passagem de

Isaías: “Aqueles do vosso povo a quem a morte foi dada viverão de novo.” Se o profeta houvera querido falar da vida espiritual, se houvera pretendido dizer que aqueles que tinham sido executados não estavam mortos em Espírito, teria dito: *ainda vivem*, e não: *viverão de novo*. No sentido espiritual, essas palavras seriam um contrassenso, pois que implicariam uma interrupção na vida da alma. No sentido de *regeneração moral*, seriam a negação das penas eternas, pois que estabelecem, em princípio, que *todos os que estão mortos reviverão*.

14. Mas quando o homem há morrido uma vez, quando seu corpo, separado de seu espírito, foi consumido, que é feito dele? – Tendo morrido uma vez, poderia o homem *reviver de novo*? Nesta guerra em que me acho todos os dias da minha vida, espero que chegue a minha mutação. (Jó, 14:10 e 14. Tradução de Lemaistre de Sacy.)

Quando o homem morre, perde toda a sua força, expira. Depois, onde está ele? – Se o homem morre, *viverá de novo*? Esperarei todos os dias de meu combate, até que venha alguma mutação? (Idem. Tradução protestante de Osterwald.)

Quando o homem está morto, vive sempre; acabando os dias da minha existência terrestre, esperarei, porquanto a ela *voltarei de novo*. (Idem. Versão

da Igreja grega.)

15. Nessas três versões, o princípio da pluralidade das existências se acha claramente expresso. Ninguém poderá supor que Jó haja querido falar da regeneração pela água do batismo, que ele decerto não conhecia. “Tendo o homem morrido *uma vez*, poderia *reviver de novo?*” A ideia de morrer uma vez, e de reviver implica a de morrer e reviver muitas vezes. A versão da Igreja grega ainda é mais explícita, se é que isso é possível: “Acabando os dias da minha existência terrena, esperarei, porquanto *a ela voltarei*”, ou, voltarei à existência terrestre. Isso é tão claro, como se alguém dissesse: “Saio de minha casa, mas a ela tornarei.”

“Nesta guerra em que me encontro todos os dias de minha vida, *espero* que se dê a minha mutação.” Jó, evidentemente, pretendeu referir-se à luta que sustentava contra as misérias da vida. Espera a sua mutação, isto é, resigna-se. Na versão grega, *esperarei* parece aplicar-se, preferentemente, a uma nova existência: “Quando a minha existência estiver acabada, *esperarei*, porquanto a ela voltarei.” Jó como que se coloca, após a morte, no intervalo que separa uma existência de outra e diz que lá aguardará o momento de voltar.

16. Não há, pois, duvidar de que, sob o nome de

ressurreição, o princípio da reencarnação era ponto de uma das crenças fundamentais dos judeus, ponto que Jesus e os profetas confirmaram de modo formal; donde se segue que negar a reencarnação é negar as palavras do Cristo. Um dia, porém, suas palavras, quando forem meditadas sem ideias preconcebidas, reconhecer-se-ão autorizadas quanto a esse ponto, bem como em relação a muitos outros.

17. A essa autoridade, do ponto de vista religioso, se adita, do ponto de vista filosófico, a das provas que resultam da observação dos fatos. Quando se trata de remontar dos efeitos às causas, a reencarnação surge como de necessidade absoluta, como condição inerente à Humanidade; numa palavra: como Lei da Natureza. Pelos seus resultados, ela se evidencia, de modo, por assim dizer, material, da mesma forma que o motor oculto se revela pelo movimento. Só ela pode dizer ao homem donde ele vem, para onde vai, por que está na Terra, e justificar todas as anomalias e todas as aparentes injustiças que a vida apresenta.

Sem o princípio da preexistência da alma e da pluralidade das existências, são ininteligíveis, em sua maioria, as máximas do Evangelho, razão por que hão dado lugar a tão contraditórias interpretações. Está nesse princípio a chave que lhes restituirá o sentido verdadeiro.

(58)

Abril/1864: O Evangelho Segundo o Espiritismo

A reencarnação fortalece os laços de família, ao passo que a unicidade da existência os rompe

18. Os laços de família não sofrem destruição alguma com a reencarnação, como o pensam certas pessoas. Ao contrário, tornam-se mais fortalecidos e apertados. O princípio oposto, sim, os destrói.

No Espaço, os Espíritos formam grupos ou famílias entrelaçados pela afeição, pela simpatia e pela semelhança das inclinações. Ditosos por se encontrarem juntos, esses Espíritos se buscam uns aos outros. A encarnação apenas momentaneamente os separa, porquanto, ao regressarem à erraticidade, novamente se reúnem como amigos que voltam de uma viagem. Muitas vezes, até, uns seguem a outros na encarnação, vindo aqui reunir-se numa mesma família, ou num mesmo círculo, a fim de trabalharem juntos pelo seu mútuo adiantamento. Se uns encarnam e outros não, nem por isso deixam de estar unidos pelo pensamento. Os que se conservam livres velam pelos que se acham em cativeiro. Os mais adiantados se esforçam por fazer que os retardatários progridam. Após cada existência, todos têm

avançado um passo na senda do aperfeiçoamento. Cada vez menos presos à matéria, mais viva se lhes torna a afeição recíproca, pela razão mesma de que, mais depurada, não tem a perturbá-la o egoísmo, nem as sombras das paixões. Podem, portanto, percorrer, assim, ilimitado número de existências corpóreas, sem que nenhum golpe receba a mútua estima que os liga.

Está bem-visto que aqui se trata de afeição real, de alma a alma, única que sobrevive à destruição do corpo, porquanto os seres que neste mundo se unem apenas pelos sentidos nenhum motivo têm para se procurarem no mundo dos Espíritos. Duráveis somente o são as afeições espirituais; as de natureza carnal se extinguem com a causa que lhes deu origem. Ora, semelhante causa não subsiste no mundo dos Espíritos, enquanto a alma existe sempre. No que concerne às pessoas que se unem exclusivamente por motivo de interesse, essas nada realmente são umas para as outras: a morte as separa na Terra e no céu.

19. A união e a afeição que existem entre pessoas parentes são um índice da simpatia anterior que as aproximou. Daí vem que, falando-se de alguém cujo caráter, gostos e pendores nenhuma semelhança apresentam com os dos seus parentes mais próximos, se costuma dizer que ela não é da família. Dizendo-se isso,

enuncia-se uma verdade mais profunda do que se supõe. Deus permite que, nas famílias, ocorram essas encarnações de Espíritos antipáticos ou estranhos, com o duplo objetivo de servir de prova para uns e, para outros, de meio de progresso. Assim, os maus se melhoram pouco a pouco, ao contato dos bons e por efeito dos cuidados que se lhes dispensam. O caráter deles se abranda, seus costumes se apuram, as antipatias se esvaem. É desse modo que se opera a fusão das diferentes categorias de Espíritos, como se dá na Terra com as raças e os povos.

20. O temor de que a parentela aumente indefinidamente, em consequência da reencarnação, é de fundo egoístico: prova, naquele que o sente, falta de amor bastante amplo para abranger grande número de pessoas. Um pai, que tem muitos filhos, ama-os menos do que amaria a um deles se fosse único? Mas tranquilizem-se os egoístas: não há fundamento para semelhante temor. Do fato de um homem ter tido dez encarnações, não se segue que vá encontrar, no mundo dos Espíritos, dez pais, dez mães, dez mulheres e um número proporcional de filhos e de parentes novos. Lá encontrará sempre os que foram objeto da sua afeição, os quais se lhe terão ligado na Terra, a títulos diversos, e, talvez, sob o mesmo título.

21. Vejamos agora as consequências da doutrina antirreencarnacionista. Ela, necessariamente, anula a preexistência da alma. Sendo estas criadas ao mesmo tempo que os corpos, nenhum laço anterior há entre elas, que, nesse caso, serão completamente estranhas umas às outras. O pai é estranho a seu filho. A filiação das famílias fica assim reduzida à só filiação corporal, sem qualquer laço espiritual. Não há então motivo algum para quem quer que seja glorificar-se de haver tido por antepassados tais ou tais personagens ilustres. Com a reencarnação, ascendentes e descendentes podem já se terem conhecido, vivido juntos, amado, e podem reunir-se mais tarde, a fim de apertarem entre si os laços de simpatia.

22. Isso quanto ao passado. Quanto ao futuro, segundo um dos dogmas fundamentais que decorrem da não reencarnação, a sorte das almas se acha irrevogavelmente determinada, após uma só existência. A fixação definitiva da sorte implica a cessação de todo progresso, pois desde que haja qualquer progresso já não há sorte definitiva. Conforme tenham vivido bem ou mal, elas vão imediatamente para a mansão dos bem-aventurados ou para o inferno eterno. *Ficam assim, imediatamente e para sempre, separadas e sem esperança de tornarem a juntar-se*, de forma que pais, mães e filhos, maridos e mulheres, irmãos, irmãs e

amigos jamais podem estar certos de se ver novamente; é a ruptura absoluta dos laços de família.

Com a reencarnação e progresso a que dá lugar, todos os que se amaram tornam a encontrar-se na Terra e no Espaço e juntos gravitam para Deus. Se alguns fraquejam no caminho, esses retardam o seu adiantamento e a sua felicidade, mas não há para eles perda de toda esperança. Ajudados, encorajados e amparados pelos que os amam, um dia sairão do lodaçal em que se enterraram. Com a reencarnação, finalmente, há perpétua solidariedade entre os encarnados e os desencarnados, e, daí, estreitamento dos laços de afeição.

23. Em resumo, quatro alternativas se apresentam ao homem para o seu futuro de além-túmulo: 1ª, o nada, de acordo com a doutrina materialista; 2ª, a absorção no todo universal, de acordo com a doutrina panteísta; 3ª, a individualidade, com fixação definitiva da sorte, segundo a doutrina da Igreja; 4ª, a individualidade, com progressão indefinita, conforme a Doutrina Espírita. Segundo as duas primeiras, os laços de família se rompem por ocasião da morte e nenhuma esperança resta às almas de se encontrarem futuramente. Com a terceira, há para elas a possibilidade de se tornarem a ver, desde que sigam para a mesma região, que tanto

pode ser o inferno como o paraíso. Com a pluralidade das existências, inseparável da progressão gradativa, há a certeza na continuidade das relações entre os que se amaram, e é isso o que constitui a verdadeira família. (59)

Abril/1864: O Evangelho Segundo o Espiritismo

Necessidade da Encarnação

26. Uma comparação vulgar fará se compreenda melhor essa diferença. O escolar não chega aos estudos superiores da Ciência, senão depois de haver percorrido a série das classes que até lá o conduzirão. Essas classes, qualquer que seja o trabalho que exijam, são um meio de o estudante alcançar o fim, e não um castigo que se lhe inflige. Se ele é esforçado, abrevia o caminho, no qual, então, menos espinhos encontra. Outro tanto não sucede àquele a quem a negligência e a preguiça obrigam a passar duplamente por certas classes. Não é o trabalho da classe que constitui a punição; esta se acha na obrigação de recomeçar o mesmo trabalho.

Assim acontece com o homem na Terra. Para o Espírito do selvagem, que está apenas no início da vida espiritual, a encarnação é um meio de ele desenvolver a sua inteligência; contudo, para o homem esclarecido, em quem o senso moral se acha largamente desenvolvido e

que é obrigado a percorrer de novo as etapas de uma vida corpórea cheia de angústias, quando já poderia ter chegado ao fim, é um castigo, pela necessidade em que se vê de prolongar sua permanência em mundos inferiores e desgraçados. Aquele que, ao contrário, trabalha ativamente pelo seu progresso moral, além de abreviar o tempo da encarnação material, pode também transpor de uma só vez os degraus intermédios que o separam dos mundos superiores.

Não poderiam os Espíritos encarnar uma única vez em determinado globo e preencher em esferas diferentes suas diferentes existências? Semelhante modo de ver só seria admissível se, na Terra, todos os homens estivessem exatamente no mesmo nível intelectual e moral. As diferenças que há entre eles, desde o selvagem ao homem civilizado, mostram quais os degraus que têm de subir. A encarnação, aliás, precisa ter um fim útil. Ora, qual seria o das encarnações efêmeras das crianças que morrem em tenra idade? Teriam sofrido sem proveito para si, nem para outrem. Deus, cujas leis todas são soberanamente sábias, nada faz de inútil. Pela reencarnação no mesmo globo, quis Ele que os mesmos Espíritos, pondo-se novamente em contato, tivessem ensejo de reparar seus danos recíprocos. Por meio das suas relações anteriores, quis, além disso, estabelecer sobre base espiritual os laços de família e apoiar numa lei

natural os princípios da solidariedade, da fraternidade e da igualdade. (60)

Abril/1864: O Evangelho Segundo o Espiritismo

Justiça das aflições

3. Somente na vida futura podem efetivar-se as compensações que Jesus promete aos aflitos da Terra. Sem a certeza do futuro, estas máximas seriam um contrassenso; mais ainda: seriam um engodo. Mesmo com essa certeza, dificilmente se compreende a conveniência de sofrer para ser feliz. É, dizem, para se ter maior mérito. Mas, então, pergunta-se: por que sofrem uns mais do que outros? Por que nascem uns na miséria e outros na opulência, sem coisa alguma haverem feito que justifique essas posições? Por que uns nada conseguem, ao passo que a outros tudo parece sorrir? Todavia, o que ainda menos se compreende é que os bens e os males sejam tão desigualmente repartidos entre o vício e a virtude; e que os homens virtuosos sofram, ao lado dos maus que prosperam. A fé no futuro pode consolar e infundir paciência, mas não explica essas anomalias, que parecem desmentir a Justiça de Deus. Entretanto, desde que admita a existência de Deus, ninguém o pode conceber sem o infinito das perfeições. Ele

necessariamente tem todo o poder, toda a justiça, toda a bondade, sem o que não seria Deus. Se é soberanamente bom e justo, não pode agir caprichosamente, nem com parcialidade. *Logo, as vicissitudes da vida derivam de uma causa e, pois que Deus é justo, justa há de ser essa causa.* Isso o de que cada um deve bem compenetrar-se. Por meio dos ensinamentos de Jesus, Deus pôs os homens na direção dessa causa, e hoje, julgando-os suficientemente maduros para compreendê-la, lhes revela completamente a aludida causa, por meio do *Espiritismo*, isto é, pela *palavra dos Espíritos*.

Causas atuais das aflições

4. De duas espécies são as vicissitudes da vida, ou, se o preferirem, promanam de duas fontes bem diferentes, que importa distinguir. Umas têm sua causa na vida presente; outras, fora desta vida.

[...].

5. A lei humana atinge certas faltas e as pune. Pode, então, o condenado reconhecer que sofre a consequência do que fez. Mas a lei não atinge, nem pode atingir todas as faltas; incide especialmente sobre as que trazem prejuízo à sociedade e não sobre as que só prejudicam os que as cometem. Deus, porém, quer que todas as suas criaturas progridam e, portanto, não deixa impune qualquer desvio do caminho reto. Não há falta

alguma, por mais leve que seja, nenhuma infração da sua lei, que não acarrete forçosas e inevitáveis consequências, mais ou menos deploráveis. Daí se segue que, nas pequenas coisas, como nas grandes, o homem é sempre punido por aquilo em que pecou. Os sofrimentos que decorrem do pecado são-lhe uma advertência de que procedeu mal. Dão-lhe experiência, fazem-lhe sentir a diferença existente entre o bem e o mal e a necessidade de se melhorar para, de futuro, evitar o que lhe originou uma fonte de amarguras; sem o que, motivo não haveria para que se emendasse. Confiante na impunidade, retardaria seu avanço e, conseqüentemente, a sua felicidade futura.

Entretanto, a experiência, algumas vezes, chega um pouco tarde: quando a vida já foi desperdiçada e turbada; quando as forças já estão gastas e sem remédio o mal. Põe-se então o homem a dizer: “Se no começo dos meus dias eu soubera o que sei hoje, quantos passos em falso teria evitado! *Se houvesse de recomeçar*, conduzir-me-ia de outra maneira. No entanto, já não há mais tempo!” Como o obreiro preguiçoso, que diz: “Perdi o meu dia”, também ele diz: “Perdi a minha vida.” Contudo, assim como para o obreiro o sol se levanta no dia seguinte, permitindo-lhe neste reparar o tempo perdido, também para o homem, após a noite do túmulo, brilhará o sol de uma nova vida, em que lhe será possível

aproveitar a experiência do passado e suas boas resoluções para o futuro.

Causas anteriores das aflições

6. Mas se há males nesta vida cuja causa primária é o homem, outros há também aos quais, pelo menos na aparência, ele é completamente estranho e que parecem atingi-lo como por fatalidade. Tal, por exemplo, a perda de entes queridos e a dos que são o amparo da família. Tais, ainda, os acidentes que nenhuma previsão poderia impedir; os reveses da fortuna, que frustram todas as precauções aconselhadas pela prudência; os flagelos naturais, as enfermidades de nascença, sobretudo as que tiram a tantos infelizes os meios de ganhar a vida pelo trabalho: as deformidades, a idiotia, o cretinismo etc.

Os que nascem nessas condições, certamente nada têm feito na existência atual para merecer, sem compensação, tão triste sorte, que não podiam evitar, que são impotentes para mudar por si mesmos e que os põe à mercê da comiseração pública. Por que, pois, seres tão desgraçados, enquanto, ao lado deles, sob o mesmo teto, na mesma família, outros são favorecidos de todos os modos?

Que dizer, enfim, dessas crianças que morrem em tenra idade e da vida só conheceram sofrimentos? Problemas são esses que ainda nenhuma filosofia pôde

resolver, anomalias que nenhuma religião pôde justificar e que seriam a negação da bondade, da justiça e da providência de Deus, se se verificasse a hipótese de ser criada a alma ao mesmo tempo que o corpo e de estar a sua sorte irrevogavelmente determinada após a permanência de alguns instantes na Terra. Que fizeram essas almas, que acabam de sair das mãos do Criador, para que se vissem, neste mundo, a braços com tantas misérias e para merecerem no futuro uma recompensa ou uma punição qualquer, visto que não hão podido praticar nem o bem, nem o mal?

Todavia, por virtude do axioma segundo o qual *tudo efeito tem uma causa*, tais misérias são efeitos que hão de ter uma causa e, desde que se admita um Deus justo, essa causa também há de ser justa. Ora, ao efeito precedendo sempre a causa, se esta não se encontra na vida atual, há de ser anterior a essa vida, isto é, há de estar numa existência precedente. Por outro lado, não podendo Deus punir alguém pelo bem que fez, nem pelo mal que não fez, se somos punidos, é que fizemos o mal; se esse mal não o fizemos na presente vida, tê-lo-emos feito noutra. É uma alternativa a que ninguém pode fugir e em que a lógica decide de que parte se acha a Justiça de Deus.

O homem, pois, nem sempre é punido, ou punido

completamente, na sua existência atual; mas não escapa nunca às consequências de suas faltas. A prosperidade do mau é apenas momentânea; se ele não expiar hoje, expiará amanhã, ao passo que aquele que sofre está expiando o seu passado. O infortúnio que, à primeira vista, parece imerecido tem sua razão de ser, e aquele que se encontra em sofrimento pode sempre dizer: “Perdoa-me, Senhor, porque pequei.”

7. Os sofrimentos devidos a causas anteriores à existência presente, como os que se originam de culpas atuais, são muitas vezes a consequência da falta cometida, isto é, o homem, pela ação de uma rigorosa justiça distributiva, sofre o que fez sofrer aos outros. Se foi duro e desumano, poderá ser a seu turno tratado duramente e com desumanidade; se foi orgulhoso, poderá nascer em humilhante condição; se foi avaro, egoísta, ou se fez mau uso de suas riquezas, poderá ver-se privado do necessário; se foi mau filho, poderá sofrer pelo procedimento de seus filhos etc.

Assim se explicam pela pluralidade das existências e pela destinação da Terra, como mundo expiatório, as anomalias que apresenta a distribuição da ventura e da desventura entre os bons e os maus neste planeta. Semelhante anomalia, contudo, só existe na aparência, porque considerada tão só do ponto de vista da vida

presente. Aquele que se elevar, pelo pensamento, de maneira a apreender toda uma série de existências, verá que a cada um é atribuída a parte que lhe compete, sem prejuízo da que lhe tocará no mundo dos Espíritos, e verá que a Justiça de Deus nunca se interrompe.

Jamais deve o homem olvidar que se acha num mundo inferior, ao qual somente as suas imperfeições o conservam preso. A cada vicissitude, cumpre-lhe lembrar-se de que, se pertencesse a um mundo mais adiantado, isso não se daria e que só de si depende não voltar a este, trabalhando por se melhorar.

8. As tribulações podem ser impostas a Espíritos endurecidos, ou extremamente ignorantes, para levá-los a fazer uma escolha com conhecimento de causa. Os Espíritos *penitentes*, porém, desejosos de reparar o mal que hajam feito e de proceder melhor, esses as escolhem livremente. Tal o caso de um que, havendo desempenhado mal sua tarefa, pede lha deixem recomeçar, para não perder o fruto de seu trabalho. As tribulações, portanto, são, ao mesmo tempo, expiações do passado, que recebe nelas o merecido castigo, e provas com relação ao futuro, que elas preparam. Rendamos graças a Deus, que, em sua bondade, faculta ao homem reparar seus erros e não o condena irrevogavelmente por uma primeira falta.

9. Não há crer, no entanto, que todo sofrimento suportado neste mundo denote a existência de uma determinada falta. Muitas vezes são simples provas buscadas pelo Espírito para concluir a sua depuração e ativar o seu progresso. Assim, a expiação serve sempre de prova, mas nem sempre a prova é uma expiação. Provas e expiações, todavia, são sempre sinais de relativa inferioridade, porquanto o que é perfeito não precisa ser provado. Pode, pois, um Espírito haver chegado a certo grau de elevação e, nada obstante, desejoso de adiantar-se mais, solicitar uma missão, uma tarefa a executar, pela qual tanto mais recompensado será, se sair vitorioso, quanto mais rude haja sido a luta. Tais são, especialmente, essas pessoas de instintos naturalmente bons, de alma elevada, de nobres sentimentos inatos, que parece nada de mau haverem trazido de suas precedentes existências e que sofrem, com resignação toda cristã, as maiores dores, somente pedindo a Deus que as possam suportar sem murmurar. Pode-se, ao contrário, considerar como expiações as aflições que provocam queixas e impelem o homem à revolta contra Deus.

Sem dúvida, o sofrimento que não provoca queixumes pode ser uma expiação; mas é indício de que foi buscada voluntariamente, antes que imposta, e constitui prova de forte resolução, o que é sinal de

progresso.

10. Os Espíritos não podem aspirar à completa felicidade, até que não se tenham tornado puros: qualquer mácula lhes interdita a entrada nos mundos ditosos. São como os passageiros de um navio onde há pestosos, aos quais se veda o acesso à cidade a que aportem, até que se hajam expurgado. Mediante as diversas existências corpóreas é que os Espíritos se vão expungindo, pouco a pouco, de suas imperfeições. As provações da vida os fazem adiantar-se, quando bem suportadas. Como expiações, elas apagam as faltas e purificam. São o remédio que limpa as chagas e cura o doente. Quanto mais grave é o mal, tanto mais enérgico deve ser o remédio. Aquele, pois, que muito sofre deve reconhecer que muito tinha a expiar e deve regozijar-se à ideia da sua próxima cura. Dele depende, pela resignação, tornar proveitoso o seu sofrimento e não lhe estragar o fruto com as suas impaciências, visto que, do contrário, terá de recomeçar.

Esquecimento do passado

11. Em vão se objeta que o esquecimento constitui obstáculo a que se possa aproveitar da experiência de vidas anteriores. Havendo Deus entendido de lançar um véu sobre o passado, é que há nisso vantagem. Com efeito, a lembrança traria gravíssimos inconvenientes.

Poderia, em certos casos, humilhar-nos singularmente, ou, então, exaltar-nos o orgulho e, assim, entravar o nosso livre-arbítrio. Em todas as circunstâncias, acarretaria inevitável perturbação nas relações sociais.

Frequentemente, o Espírito renasce no mesmo meio em que já viveu, estabelecendo de novo relações com as mesmas pessoas, a fim de reparar o mal que lhes haja feito. Se reconhecesse nelas as a quem odiara, quiçá o ódio se lhe despertaria outra vez no íntimo. De todo modo, ele se sentiria humilhado em presença daquelas a quem houvesse ofendido.

Para nos melhorarmos, outorgou-nos Deus, precisamente, o de que necessitamos e nos basta: a voz da consciência e as tendências instintivas. Priva-nos do que nos seria prejudicial.

Ao nascer, traz o homem consigo o que adquiriu, nasce qual se fez; em cada existência, tem um novo ponto de partida. Pouco lhe importa saber o que foi antes: se se vê punido, é que praticou o mal. Suas atuais tendências más indicam o que lhe resta a corrigir em si próprio e é nisso que deve concentrar-se toda a sua atenção, porquanto, daquilo de que se haja corrigido completamente, nenhum traço mais conservará. As boas resoluções que tomou são a voz da consciência, advertindo-o do que é bem e do que é mal e dando-lhe

forças para resistir às tentações.

Aliás, o esquecimento ocorre apenas durante a vida corpórea. Voltando à vida espiritual, readquire o Espírito a lembrança do passado; nada mais há, portanto, do que uma interrupção temporária, semelhante à que se dá na vida terrestre durante o sono, a qual não obsta a que, no dia seguinte, nos recordemos do que tenhamos feito na véspera e nos dias precedentes.

E não é somente após a morte que o Espírito recobra a lembrança do passado. Pode dizer-se que jamais a perde, pois que, como a experiência o demonstra, mesmo encarnado, adormecido o corpo, ocasião em que goza de certa liberdade, o Espírito tem consciência de seus atos anteriores; sabe por que sofre e que sofre com justiça. A lembrança unicamente se apaga no curso da vida exterior, da vida de relação, mas na falta de uma recordação exata, que lhe poderia ser penosa e prejudicá-lo nas suas relações sociais, forças novas haure ele nesses instantes de emancipação da alma, se os sabe aproveitar.

Motivos de resignação

12. Por estas palavras: *Bem-aventurados os aflitos, pois que serão consolados*, Jesus aponta a compensação que hão de ter os que sofrem e a resignação que leva o padecente a bendizer do sofrimento, como prelúdio da

cura.

Também podem essas palavras ser traduzidas assim: Deveis considerar-vos felizes por sofrerdes, visto que as dores deste mundo são o pagamento da dívida que as vossas passadas faltas vos fizeram contrair; suportadas pacientemente na Terra, essas dores vos poupam séculos de sofrimentos na vida futura. Deveis, pois, sentir-vos felizes por reduzir Deus a vossa dívida, permitindo que a saldeis agora, o que vos garantirá a tranquilidade no porvir.

O homem que sofre assemelha-se a um devedor de avultada soma, a quem o credor diz: “Se me pagares hoje mesmo a centésima parte do teu débito, quitar-te-ei do restante e ficarás livre; se o não fizeres, atormentar-te-ei, até que pagues a última parcela.” Não se sentiria feliz o devedor por suportar toda espécie de privações para se libertar, pagando apenas a centésima parte do que deve? Em vez de se queixar do seu credor, não lhe ficará agradecido?

Tal o sentido das palavras: “Bem-aventurados os aflitos, pois que serão consolados.” São ditosos porque se quitam e porque, depois de se haverem quitado, estarão livres. Se, porém, o homem, ao quitar-se de um lado, endivida-se de outro, jamais poderá alcançar a sua libertação. Ora, cada nova falta aumenta a dívida,

porquanto nenhuma há, qualquer que ela seja, que não acarrete forçosa e inevitavelmente uma punição. Se não for hoje, será amanhã; se não for na vida atual, será noutra. Entre essas faltas, cumpre se coloque na primeira fiada a carência de submissão à vontade de Deus. Logo, se murmurarmos nas aflições, se não as aceitarmos com resignação e como algo que devemos ter merecido, se acusarmos a Deus de ser injusto, nova dívida contraímos, que nos faz perder o fruto que devíamos colher do sofrimento. É por isso que teremos de recomeçar, absolutamente como se, a um credor que nos atormente, pagássemos uma cota e a tomássemos de novo por empréstimo.

Ao entrar no mundo dos Espíritos, o homem ainda está como o operário que comparece no dia do pagamento. A uns dirá o Senhor: “Aqui tens a paga dos teus dias de trabalho”; a outros, aos venturosos da Terra, aos que hajam vivido na ociosidade, que tiverem feito consistir a sua felicidade nas satisfações do amor-próprio e nos gozos mundanos: “Nada vos toca, pois que recebestes na Terra o vosso salário. Ide e recomeçai a tarefa.”

13. O homem pode suavizar ou aumentar o amargor de suas provas, conforme o modo por que encare a vida terrena. Tanto mais sofre ele, quanto mais

longa se lhe afigura a duração do sofrimento. Ora, aquele que a encara pelo prisma da vida espiritual apanha, num golpe de vista, a vida corpórea. Ele a vê como um ponto no infinito, compreende-lhe a curteza e reconhece que esse penoso momento terá presto passado. A certeza de um próximo futuro mais ditoso o sustenta e anima e, longe de se queixar, agradece ao Céu as dores que o fazem avançar. Contrariamente, para aquele que apenas vê a vida corpórea, interminável lhe parece esta, e a dor o oprime com todo o seu peso. Daquela maneira de considerar a vida, resulta ser diminuída a importância das coisas deste mundo, e sentir-se compelido o homem a moderar seus desejos, a contentar-se com a sua posição, sem invejar a dos outros, a receber atenuada a impressão dos reveses e das decepções que experimente. Daí tira ele uma calma e uma resignação tão úteis à saúde do corpo quanto à da alma, ao passo que, com a inveja, o ciúme e a ambição, voluntariamente se condena à tortura e aumenta as misérias e as angústias da sua curta existência. ⁽⁶¹⁾

Maio/1864: Revista Espírita

A Escola Espírita Americana

Algumas pessoas perguntam por que a Doutrina Espírita não é a mesma no antigo e no novo continentes e

em que consiste a diferença. É o que tentaremos explicar.

[...].

De todos os princípios da doutrina, o que encontrou mais oposição na América - e por América deve entender-se exclusivamente os Estados Unidos - foi o da reencarnação. Pode mesmo dizer-se que é a única divergência capital, prendendo-se as outras mais à forma do que ao fundo, e isto porque ali os Espíritos não a ensinaram. Expliquemos as razões disto. Os Espíritos procedem em toda parte com sabedoria e prudência; para se fazerem aceitar, evitam chocar muito bruscamente as ideias preconcebidas. Não irão dizer de chofre a um muçulmano que Maomé é um impostor. Nos Estados Unidos o dogma da reencarnação teria vindo chocar-se contra os preconceitos de cor, tão profundamente arraigados naquele país; o essencial era fazer aceitar o princípio fundamental da comunicação do mundo visível com o mundo invisível; as questões de detalhe viriam a seu tempo. Ora, é indubitável que esse obstáculo acabará por desaparecer, e que um dos resultados da guerra civil será o gradativo enfraquecimento de preconceitos, verdadeira anomalia numa nação tão liberal.

Se, de maneira geral, a ideia da reencarnação ainda não é aceita nos Estados Unidos, ela o é individualmente por alguns, se não como princípio absoluto, ao menos

com certas restrições, o que já é alguma coisa. Quanto aos Espíritos, sem dúvida julgando que o momento é propício, começam a ensinar com cautela em certos lugares e sem rodeios em outros. Uma vez levantada, a questão percorrerá longa distância. Aliás, temos sob os olhos comunicações já antigas, obtidas naquele país, nas quais, sem estar formalmente expressa, a pluralidade das existências é a consequência forçada dos princípios emitidos; aí se vê brotar a ideia. Assim, não há que duvidar que, em pouco tempo, o que hoje ainda se chama escola americana fundir-se-á na grande unidade que se estabelece por toda parte. (62)

Novembro/1864: Revista Espírita

Uma lembrança de existências passadas

O autor do artigo (63) não acompanha este fato de nenhuma reflexão. Depois de ter exaltado o alto mérito de Méry e sua grande inteligência, foi inconsequente ao tachá-lo de louco. Se, pois, Méry é um homem de bom-senso, de alto valor intelectual; se a crença de já ter vivido é nele uma convicção; se essa convicção não é produto de um sistema de sua maneira de ver, mas o resultado de uma lembrança retrospectiva e de um fato material, a coisa não é de chamar a atenção de todo homem sério? Vejamos a que consequências incalculáveis

este simples fato nos conduz.

Se Méry já viveu, isto não deve constituir uma exceção, porquanto as leis da Natureza são as mesmas para todos e, assim, todos os homens também devem ter vivido; se já vivemos, por certo não é o corpo que renasce, mas o princípio inteligente, a alma, o Espírito. Temos, pois, uma alma. Uma vez que Méry conservou a lembrança de várias existências, e desde que os lugares lhe recordam o que viu outrora, com a morte do corpo a alma não se perde no todo universal; conserva, pois, a sua individualidade, a consciência do seu *eu*.

Lembrando-se Méry do que foi há dois mil anos, em que se tornou sua alma no intervalo? Precipitou-se no oceano do infinito ou se perdeu nas profundezas do espaço? Não; sem isto ela não reencontraria sua individualidade de outrora. Então deve ter ficado na esfera da atividade terrestre, vivendo a vida espiritual, em nosso meio ou no espaço que nos rodeia, até retomar um novo corpo. Não sendo Méry único no mundo, deve haver em torno de nós uma população inteligente, invisível.

Renascendo para a vida corporal, depois de um intervalo mais ou menos longo, a alma renasce no estado primitivo? como alma nova? ou aproveita as ideias adquiridas em suas existências anteriores? A lembrança

retrospectiva resolve a questão por um fato: Se Méry tivesse perdido as ideias adquiridas, não teria reconhecido a língua que falava outrora; a visão dos lugares nada lhe teria recordado.

Mas se já vivemos, por que não reviveríamos ainda? Por que esta existência seria a última? Se renascemos com o desenvolvimento intelectual realizado, a intuição que trazemos das ideias adquiridas é um fundo que ajuda a aquisição de novas ideias, que torna o estudo mais fácil. Se, numa existência, o homem for apenas um matemático pela metade, precisará de menos trabalho para ser um matemático completo. É uma consequência lógica. Se se tornou mais ou menos bom, se se corrigiu de alguns defeitos, terá menos dificuldade para tornar-se ainda melhor, e assim por diante.

Nada do que adquirimos em inteligência, em saber e em moralidade fica perdido; quer morramos jovens ou velhos, quer tenhamos ou não tempo de aproveitá-lo na existência presente, colheremos os seus frutos em existências subsequentes. As almas que animam os franceses civilizados de hoje podem, então, ser as mesmas que animavam os bárbaros francos, ostrogodos, visigodos, os gauleses selvagens, os conquistadores romanos, os fanáticos da Idade Média, mas que, a cada existência, deram um passo à frente, apoiadas nos passos

precedentes, e que progredirão ainda. Eis, pois, resolvido o grande problema da Humanidade, contra o qual se chocaram tantos filósofos! Está resolvido pelo simples fato da pluralidade das existências. Mas quantos problemas não de encontrar a sua solução na solução deste! Que horizontes novos isto não abre! É toda uma revolução nas crenças e nas ideias.

Assim raciocinará o pensador sério, o homem refletido. Um fato é um ponto de partida, do qual tira consequências. Ora, quais são os pensamentos que o caso de Méry desperta no autor do artigo? Ele próprio os resume nestas palavras: “Há teorias singulares, que para ele são convicções.”

Mas se esse autor vê em tudo isto apenas uma coisa bizarra, pouco digna de sua atenção, não se dá o mesmo com todo o mundo. Alguém encontra em seu caminho um diamante bruto que, por lhe desconhecer o valor, não se digna apanhar, enquanto outra pessoa saberá apreciá-lo e tirar proveito.

Hoje as ideias espíritas se produzem sob todas as formas; estão na ordem do dia e, sem querer confessá-las, a imprensa as registra e as semeia em profusão, crendo que apenas enriquece suas colunas de facécias. Não é impressionante que todos os adversários da ideia, sem exceção, trabalhem sem trégua para a sua

propagação? Gostariam de falar o que a força das coisas os arrasta a falar. Assim o quer a Providência - para os que creem na Providência.

Dirão que raciocinamos sobre um fato isolado, incapaz de fazer lei, porquanto, se a pluralidade das existências fosse uma condição inerente à Humanidade, por que nem todos os homens se recordam, como Méry? A isto respondemos: Dai-vos ao trabalho de estudar o Espiritismo e o sabereis. Não repetiremos, pois, o que cem vezes foi demonstrado em relação à inutilidade da lembrança, para aproveitar a experiência adquirida nas existências precedentes e o perigo dessa lembrança para as relações sociais.

Mas há outra causa para esse esquecimento, de certo modo fisiológica, devida, ao mesmo tempo, à materialidade do nosso envoltório e à identificação do nosso Espírito pouco adiantado com a matéria. À medida que o Espírito se depura, os laços materiais são menos tenazes, o véu que obscurece o passado menos opaco; assim, a faculdade da lembrança retrospectiva segue o desenvolvimento do Espírito. O fato é raro em nossa Terra, porque a Humanidade ainda é muito material; mas seria erro supor que Méry seja um exemplo único. De vez em quando Deus permite que um Méry se apresente, a fim de trazer aos homens o conhecimento da grande lei

da pluralidade das existências, a única que explica a origem de suas qualidades boas ou más, mostra-lhe a justiça das misérias que aqui suporta e lhe traça a rota do futuro.

A inutilidade da lembrança para aproveitar o passado é o que costumam mais a compreender os que não estudaram o Espiritismo; para os espíritas é uma questão elementar. Sem repetir o que já foi dito a respeito, a seguinte comparação poderá facilitar o seu entendimento.

O aluno percorre a série de classes, desde a oitava até a filosofia. O que aprendeu na oitava lhe serve para aprender o que ensinam na sétima. Suponhamos agora que no fim da oitava tenha perdido toda a lembrança do tempo passado nesta classe; nem por isto seu Espírito será menos desenvolvido e dotado de conhecimentos adquiridos; apenas não se lembrará nem onde nem como os adquiriu, mas, em face do progresso realizado, estará apto a aproveitar as lições da sétima. Imaginemos, ainda, que na oitava tenha sido preguiçoso, colérico, indócil, mas que, tendo sido castigado e moralizado, seu caráter se tenha modificado, tornando-se laborioso, doce e obediente; levará essas qualidades para a nova classe, que lhe parecerá ser a primeira. De que lhe serviria saber que foi fustigado pela preguiça, se agora já não é

preguiçoso? O essencial é que chegue na sétima melhor e mais capaz do que era na oitava. Assim será de classe em classe.

Pois bem! o que não acontece ao escolar, nem ao homem nos diferentes períodos de sua vida, existe para ele de uma existência a outra: eis toda a diferença; mas o resultado é exatamente o mesmo, embora em maior escala. (64)

Novembro/1864: Revista Espírita

Comentário de Allan Kardec sobre a mensagem assinada por Latour:

O Espírito faz alusão ao temor que sua presença inspirava ao médium.

“Sofro, diz ele ainda, por esse arrependimento, que me mostra a enormidade de minhas faltas.” Há nisto um pensamento profundo. Realmente, o Espírito não compreende a gravidade de seus erros senão quando se arrepende; o arrependimento traz o pesar, o remorso, sentimento doloroso, que é a transição do mal para o bem, da doença moral para a saúde moral. É para se furtarem a isto que os Espíritos perversos se tornam inflexíveis à voz da consciência, como os doentes que repelem o remédio que os deve curar. Procuram iludir-se e atordoar-se, persistindo no mal. Latour chegou a um

período em que o endurecimento acaba por ceder; o remorso entrou em seu coração; seguiu-se o arrependimento; compreende a extensão do mal que fez; vê a sua abjeção e sofre com isto. Eis por que diz: “Sofro por esse arrependimento.” Em sua existência precedente, deveria ter sido pior que nesta, porquanto, se se tivesse arrependido como o fez agora, sua vida teria sido melhor. As resoluções tomadas agora influirão sobre sua existência terrestre futura; a que acaba de deixar, por mais criminosa que tenha sido, marcou-lhe uma etapa de progresso. É mais que provável que, antes de começá-la, ele fosse, na erraticidade, um desses Espíritos maus, rebeldes, obstinados no mal, como se veem tantos.

Muitas pessoas perguntaram que proveito poder-se-ia tirar das existências passadas, já que não se lembram do que foram, nem do que fizeram.

Esta questão está completamente resolvida, levando-se em conta que, se o mal que praticamos estivesse apagado, e se dele não restasse traço algum em nossos corações, sua lembrança seria inútil, uma vez que com eles não mais temos de nos preocupar. Quanto àquilo de que não nos corrigimos completamente, nós o conhecemos por nossas tendências atuais; é para estas que devemos concentrar toda a nossa atenção. Basta saber o que somos, sem que seja necessário saber o que

fomos.

Durante a vida, quando se considera a dificuldade da reabilitação do mais arrependido dos culpados, da reprovação de que é objeto, deve-se agradecer a Deus por ter lançado um véu sobre o passado. Se Latour tivesse sido condenado em tempo hábil, e mesmo se tivesse sido absolvido, seus antecedentes levariam a sociedade a rejeitá-lo. Apesar do seu arrependimento quem o teria admitido na intimidade? Os sentimentos que hoje manifesta como Espírito nos fazem esperar que, na próxima existência terrena, será um homem de bem, estimado e considerado. Mas supõe que se saiba quem foi Latour: a reprovação ainda o perseguirá. O véu lançado sobre o passado abre-lhe a porta da reabilitação; poderá sentar-se sem temor e sem desonra entre as mais distintas pessoas. Quantos não gostariam, fosse qual fosse o preço, de apagar da memória dos homens certos anos de sua existência!

Que se encontre, então, uma doutrina que melhor se concilie com a justiça e a bondade de Deus! Aliás, esta doutrina não é uma teoria, mas um resultado da observação. Não foram os espíritas que a imaginaram; eles viram e observaram as diversas situações em que se apresentam os Espíritos; procuraram a sua explicação, da qual saiu a doutrina. Se a aceitaram é porque ela resulta

dos fatos e lhes pareceu mais racional que todas as concebidas até hoje sobre o futuro da alma. (65)

Ano 1865 - Revista Espírita, O que é o Espiritismo e O Céu e o Inferno

Março/1865: Revista Espírita

Trecho do artigo **Onde é o Céu?**

Os Espíritos são criados simples e ignorantes, mas dotados de aptidão para tudo conhecerem e para progredirem, em virtude do seu livre-arbítrio. Pelo progresso adquirem novos conhecimentos, novas faculdades, novas percepções e, conseqüentemente, novos gozos desconhecidos dos Espíritos inferiores; eles veem, ouvem, sentem e compreendem o que os Espíritos atrasados não podem ver, sentir, ouvir ou compreender. A felicidade está na razão direta do progresso realizado, de sorte que, de dois Espíritos, um pode não ser tão feliz quanto o outro, unicamente por não possuir o mesmo adiantamento intelectual e moral, sem que por isso precisem estar, cada qual, em lugar distinto. Ainda que juntos, pode um estar em trevas, enquanto que tudo resplandece para o outro, tal como um cego e um vidente que se dão as mãos: este percebe a luz da qual aquele não recebe a mínima impressão. Sendo a felicidade dos Espíritos inerente às suas qualidades, haurem-na eles em toda parte em que se encontram, seja à superfície da

Terra, no meio dos encarnados, ou no Espaço.

Uma comparação vulgar fará compreender melhor esta situação. Se se encontrarem em um concerto dois homens, um, bom músico, de ouvido educado, e outro, desconhecedor da música, de sentido auditivo pouco delicado, o primeiro experimentará sensação de felicidade, enquanto o segundo permanecerá insensível, porque um compreende e percebe o que nenhuma impressão produz no outro. Assim sucede quanto a todos os gozos dos Espíritos, que estão na razão da sua sensibilidade. O mundo espiritual tem esplendores por toda parte, harmonias e sensações que os Espíritos inferiores, submetidos à influência da matéria, não entreveem sequer, e que somente são acessíveis aos Espíritos purificados.

O progresso nos Espíritos é o fruto do próprio trabalho; mas, como são livres, trabalham no seu adiantamento com maior ou menor atividade, com mais ou menos negligência, segundo sua vontade, acelerando ou retardando o progresso e, por conseguinte, a própria felicidade. Enquanto uns avançam rapidamente, outros permanecem estagnados, durante longos séculos, nas fileiras inferiores. São eles, pois, os próprios autores da sua situação, feliz ou desgraçada, conforme estas palavras do Cristo: *A cada um segundo as suas obras.*

Todo Espírito que se atrasa não pode queixar-se senão de si mesmo, assim como o que se adianta tem o mérito exclusivo do seu esforço; aos seus olhos, a felicidade conquistada tem maior apreço.

A suprema felicidade só é compartilhada pelos Espíritos perfeitos, ou, por outra, pelos Espíritos puros, que não a conseguem senão depois de haverem progredido em inteligência e moralidade. O progresso intelectual e o progresso moral raramente marcham juntos, mas o que o Espírito não consegue em dado tempo, alcança em outro, de modo que os dois progressos acabam por atingir o mesmo nível. Eis por que se veem muitas vezes homens inteligentes e instruídos pouco adiantados moralmente, e vice-versa.

A encarnação é necessária ao duplo progresso moral e intelectual do Espírito: ao progresso intelectual pela atividade obrigatória do trabalho; ao progresso moral pela necessidade recíproca dos homens entre si. A vida social é a pedra de toque das boas ou más qualidades. A bondade, a maldade, a doçura, a violência, a benevolência, a caridade, o egoísmo, a avareza, o orgulho, a humildade, a sinceridade, a franqueza, a lealdade, a má-fé, a hipocrisia, numa palavra, tudo que constitui o homem de bem ou o perverso tem por móvel, por alvo e por estímulo as relações do homem com os

seus semelhantes. Para o homem que vivesse insulado não haveria vícios nem virtudes; preservando-se do mal pelo insulamento, o bem de si mesmo se anularia.

Uma só existência corporal é manifestamente insuficiente para o Espírito adquirir todo o bem que lhe falta e eliminar o mal que lhe sobra. Como poderia o selvagem, por exemplo, em uma só encarnação nivelar-se moral e intelectualmente ao mais adiantado europeu? É materialmente impossível. Deve ele, pois, ficar eternamente na ignorância e barbaria, privado dos gozos que só o desenvolvimento das faculdades pode proporcionar-lhe? O simples bom-senso repele tal suposição, que seria não somente a negação da justiça e bondade divinas, mas das próprias leis evolutivas e progressivas da Natureza. Mas Deus, que é soberanamente justo e bom, concede ao Espírito tantas encarnações quantas as necessárias para atingir seu objetivo – a perfeição. Em cada existência nova traz o Espírito o que adquiriu nas anteriores, em aptidões, conhecimentos intuitivos, inteligência e moralidade. Cada existência é assim um passo avante no caminho do progresso, a menos que, por preguiça, negligência ou obstinação no mal, não a aproveite, caso em que deve recomeçar. Dele, portanto, depende aumentar ou diminuir o número de suas encarnações, sempre mais ou menos penosas e laboriosas.

No intervalo das existências corporais o Espírito torna a entrar no mundo espiritual, onde é feliz ou desgraçado segundo o bem ou o mal que fez. Uma vez que o estado espiritual é o estado definitivo do Espírito e o corpo espiritual não morre, deve ser esse também o seu estado normal. O estado corporal é transitório e passageiro. É no estado espiritual sobretudo que o Espírito colhe os frutos do progresso realizado pelo trabalho da encarnação; é também nesse estado que se prepara para novas lutas e toma as resoluções que há de pôr em prática na sua volta à Humanidade.

A reencarnação pode dar-se na Terra ou em outros mundos. Há entre os mundos alguns mais adiantados onde a existência se exerce em condições menos penosas que na Terra, física e moralmente, mas onde também só são admitidos Espíritos chegados a um grau de perfeição relativo ao estado desses mundos.

A vida nos mundos superiores já é uma recompensa, visto nos acharmos isentos, aí, dos males e vicissitudes terrenos. Onde os corpos, menos materiais, quase fluídicos, não mais são sujeitos às moléstias, às enfermidades, e tampouco têm as mesmas necessidades. Excluídos os Espíritos maus, gozam os homens de plena paz, sem outra preocupação além da do adiantamento pelo trabalho intelectual. Reina lá a verdadeira

fraternidade, porque não há egoísmo; a verdadeira igualdade, porque não há orgulho, e a verdadeira liberdade por não haver desordens a reprimir, nem ambiciosos que procurem oprimir o fraco. Comparados à Terra, esses mundos são verdadeiros paraísos, quais pousos ao longo do caminho do progresso conducente ao estado definitivo. Sendo a Terra um mundo inferior destinado à purificação dos Espíritos imperfeitos, está nisso a razão do mal que aí predomina, até que praza a Deus fazer dela morada de Espíritos mais adiantados. É assim que o Espírito, progredindo gradualmente à medida que se desenvolve, chega ao apogeu da felicidade; porém, antes de ter atingido a culminância da perfeição, goza de uma felicidade relativa ao seu progresso. A criança também frui os prazeres da infância, mais tarde os da mocidade, e finalmente os mais sólidos, da madureza.

[...].

A encarnação é inerente à inferioridade dos Espíritos, deixando de ser necessária desde que estes, transpondo-lhe os limites, ficam aptos para progredir no estado espiritual, ou nas existências corporais de mundos superiores, que nada têm da materialidade terrestre. Da parte destes a encarnação é voluntária, tendo por fim exercer sobre os encarnados uma ação mais direta e

tendente ao cumprimento da missão que lhes compete junto dos mesmos. Desse modo aceitam abnegadamente as vicissitudes e sofrimentos da encarnação. ⁽⁶⁶⁾

Julho/1865: O que é o Espiritismo ⁽⁶⁷⁾

Padre. – Deixemos a questão dos demônios; bem sei que ela é diversamente interpretada pelos teólogos; porém, o sistema da reencarnação parece-me mais difícil de conciliar com os dogmas, pois que ele não é mais que a renovação da metempsicose de Pitágoras.

A. K. – Não é esta a ocasião própria de discutir uma questão que exige tão longos desenvolvimentos: vós a encontrareis tratada em *O livro dos espíritos* (questões 166 e seg., 222 e seg. e 1.010) e em *O evangelho segundo o espiritismo* (capítulos IV e V); não acrescentarei senão duas palavras.

A metempsicose dos antigos consistia na transmigração da alma do homem nos animais, o que implica uma degradação. Ademais, essa doutrina não era o que vulgarmente se crê. A transmigração pelos corpos dos animais não era considerada como condição inerente à natureza da alma humana, mas como punição temporária; é assim que se admitia que as almas dos assassinos fossem habitar os corpos dos animais ferozes, para neles receberem castigos; as dos impudicos, os

porcos e javalis; as dos inconstantes e estouvados, os das aves; as dos preguiçosos e ignorantes, os dos animais aquáticos. Depois de alguns milhares de anos, mais ou menos, conforme a culpabilidade, a alma, saindo dessa espécie de prisão, voltava à humanidade. A encarnação animal não era, pois, uma condição absoluta; ela, como se vê, aliava-se à encarnação humana, e a prova é que a punição dos homens tímidos consistia em passar a corpos de mulheres, expostas ao desprezo e às injúrias. (68) Era uma espécie de espantinho para os simples, antes que um artigo de fé para os filósofos. Assim como dizemos às crianças: “Se fordes más, o lobo vos comerá”, os antigos diziam aos criminosos: “Vós vos tornareis em lobos”, e hoje se diz: “O diabo vos agarrará e levará para o inferno.”

A pluralidade das existências, segundo o Espiritismo, difere essencialmente da metempsicose, em não admitir aquele a encarnação da alma humana nos corpos de animais, mesmo como castigo. Os Espíritos ensinam que a alma não retrograda, mas progride sempre. Suas diferentes existências corpóreas se cumprem na humanidade, sendo cada uma um passo que a alma dá na senda do progresso intelectual e moral; o que é coisa muito diversa da metempsicose.

Não podendo adquirir um desenvolvimento

completo em uma só existência, muitas vezes abreviada por causas acidentais, Deus lhe permite continuar, em nova encarnação, o que ela não pôde acabar em outra, ou recomeçar o que fez errado. A expiação na vida corporal consiste nas tribulações que nela sofremos.

Quanto à questão de saber se a pluralidade das existências da alma é ou não contrária a certos dogmas da Igreja, limito-me a dizer o seguinte:

Ou a reencarnação existe, ou não; se existe, é uma Lei da natureza. Para provar que ela não existe, seria necessário demonstrar que vai de encontro, não aos dogmas, mas a essas leis, e que há outra mais clara e logicamente melhor que ela, explicando as questões que só ela pode resolver. Além disso, é fácil demonstrar que certos dogmas encontram nela sanção racional, hoje aceitos por aqueles que os repeliam outrora, por falta de compreensão. Não se trata, pois, de destruir, mas de interpretar; é o que pela força das coisas será feito mais tarde.

Aqueles que não queiram aceitar a interpretação ficam perfeitamente livres, como ainda hoje o são, de crer que é o Sol que gira ao redor da Terra. A ideia da pluralidade das existências se vulgariza com pasmosa rapidez, em razão de sua extrema lógica e conformidade com a Justiça de Deus. Quando ela for reconhecida como

verdade natural e aceita por todos, que fará a Igreja?

Em resumo: a reencarnação não é um sistema imaginado para satisfação das necessidades de um ideal, nem uma opinião pessoal; é ou não um fato. *Se está demonstrado que certos efeitos existentes são materialmente impossíveis sem a reencarnação, é preciso admitirmos que eles são a consequência desta; logo, se está em a natureza, não pode ser anulada por uma opinião contrária.* (69)

Julho/1865: O que é o Espiritismo

O homem durante a vida terrena

118. *Qual a origem das ideias inatas, das disposições precoces, das aptidões instintivas para uma arte ou ciência, abstração feita da instrução?*

As ideias inatas não podem ter senão duas fontes: a criação das almas mais perfeitas umas que as outras, no caso de serem criadas ao mesmo tempo que o corpo, ou um progresso por elas adquirido anteriormente à encarnação.

Sendo a primeira hipótese incompatível com a justiça de Deus, só fica de pé a segunda.

As ideias inatas são o resultado dos conhecimentos adquiridos nas existências anteriores, são ideias que se

conservaram no estado de intuição, para servirem de base à aquisição de outras novas.

135. *Por que há homens idiotas e imbecis?*

A posição dos idiotas e dos imbecis seria a menos conciliável com a Justiça de Deus, na hipótese da unicidade da existência. Por miserável que seja a condição em que o homem nasça, ele poderá sair dela por sua inteligência e trabalho; o idiota e o imbecil, porém, são votados, desde o nascimento até a morte, ao embrutecimento e ao desprezo; para eles não há compensação possível. Por que foi, então, sua alma criada idiota?

Os estudos espíritas, feitos acerca dos imbecis e idiotas, provam que suas almas são tão inteligentes como as dos outros homens; que essa enfermidade é uma expiação infligida a Espíritos que abusaram da inteligência, e sofrem cruelmente por se sentirem presos, em laços que não podem quebrar, e pelo desprezo de que se veem objeto, quando, talvez, tenham sido tão considerados em encarnação precedente. (Ver *Revista espírita*, junho de 1860, O Espírito de um idiota; Idem, outubro de 1861, Os cretinos.) (70)

Agosto/1865: O Céu e o Inferno

Só transcreveremos o último parágrafo do artigo **O**

Céu, por ser acréscimo ao que já foi citado em Março/1865. (71)

A encarnação é inerente à inferioridade dos Espíritos, deixando de ser necessária desde que estes, transpondo-lhe os limites, ficam aptos para progredir no estado espiritual, ou nas existências corporais de mundos superiores, que nada têm da materialidade terrestre. Da parte destes a encarnação é voluntária, tendo por fim exercer sobre os encarnados uma ação mais direta e tendente ao cumprimento da missão que lhes compete junto dos mesmos. Desse modo aceitam abnegadamente as vicissitudes e sofrimentos da encarnação. (72)

Impossibilidade material das penas eternas

18. Até aqui, só temos combatido o dogma das penas eternas com o raciocínio. Demonstremo-lo agora em contradição com os fatos positivos que observamos, provando-lhe a impossibilidade.

Por este dogma a sorte das almas, irrevogavelmente fixada depois da morte, é, como tal, um travão definitivo aplicado ao progresso.

Ora, a alma progride ou não? Eis a questão: Se progride, a eternidade das penas é impossível.

E poder-se-á duvidar desse progresso, vendo a variedade enorme de aptidões morais e intelectuais

existentes sobre a Terra, desde o selvagem ao homem civilizado, aferindo a diferença apresentada por um povo de um a outro século? Se se admite não ser das mesmas almas, é força admitir que Deus criou almas em todos os graus de adiantamento, segundo os tempos e lugares, favorecendo umas e destinando outras à perpétua inferioridade - o que seria incompatível com a justiça, que, aliás, deve ser igual para todas as criaturas.

19. É incontestável que a alma atrasada moral e intelectualmente, como a dos povos bárbaros, não pode ter os mesmos elementos de felicidade, as mesmas aptidões para gozar dos esplendores do Infinito, como a alma cujas faculdades estão largamente desenvolvidas. Se, portanto, estas almas não progredirem, não podem em condições mais favoráveis gozar na eternidade senão de uma felicidade, por assim dizer, negativa.

Para estar de acordo com a rigorosa justiça, chegaremos, pois, à conclusão de que as almas mais adiantadas são as atrasadas de outro tempo, com progressos posteriormente realizados. Aqui, então, atingimos a questão magna da *pluralidade das existências* como meio único e racional de resolver a dificuldade. Fazemos abstração, porém, dessa questão e consideremos a alma sob o ponto de vista de uma única existência.

20. Figuremos um rapaz de 20 anos, desses que comumente se encontram, ignorante, viciado por índole, cético, negando-se a sua alma e a Deus, entregue à desordem e cometendo toda sorte de malvadeza. Esse rapaz encontra-se, depois, num meio favorável, melhor; trabalha, instrui-se, corrige-se gradualmente e acaba por tornar-se crente e piedoso. Eis aí um exemplo palpável do progresso da alma durante a vida, exemplo que se reproduz todos os dias. Esse homem morre em avançada idade, como um santo, e naturalmente certa se lhe torna a salvação; mas qual seria a sua sorte se um acidente lhe pusesse termo à existência, trinta ou quarenta anos mais cedo? Ele estava nas condições exigidas para ser condenado, e, se o fosse, todo o progresso se lhe tornaria impossível.

E assim, segundo a doutrina das penas eternas, teremos um homem salvo somente pela circunstância de viver mais tempo, circunstância, aliás, fragilíssima, uma vez que um acidente qualquer poderia tê-la anulado fortuitamente. Desde que sua alma pôde progredir em um tempo dado, por que razão não mais poderia progredir depois da morte, se uma causa alheia à sua vontade a tivesse impedido de fazê-lo durante a vida? Por que lhe recusaria Deus os meios de regenerar-se na outra vida, concedendo-lhos nesta? Neste caso, o arrependimento veio, posto que tardio, mas se desde o momento da

morte se impusesse irrevogável condenação, esse arrependimento seria infrutífero por todo o sempre, como destruídas seriam as aptidões dessa alma para o progresso, para o bem.

21. O dogma da eternidade absoluta das penas é, portanto, incompatível com o progresso das almas, ao qual opõe uma barreira insuperável. Esses dois princípios destroem-se, e a condição indeclinável da existência de um é o aniquilamento do outro. Qual dos dois existe de fato? A lei do progresso é evidente: não é uma teoria, é um fato corroborado pela experiência: é uma Lei da natureza, divina, imprescritível. E, pois, que esta lei existe inconciliável com a outra, é porque a outra não existe. Se o dogma das penas eternas existisse verdadeiramente, Santo Agostinho, Paulo e tantos outros jamais teriam visto o Céu, caso morressem antes de realizar o progresso que lhes trouxe a conversão.

A esta última asserção respondem que a conversão dessas santas personagens não é um resultado do progresso da alma, porém, da graça que lhes foi concedida e de que foram tocadas.

Porém, isto é simples jogo de palavras. Se esses santos praticaram o mal e depois o bem, é que melhoraram; logo, progrediram. E por que lhes teria Deus concedido como especial favor a graça de se corrigirem?

Sim, por que a eles, e não a outros? Sempre, sempre a doutrina dos privilégios, incompatível com a Justiça de Deus e com seu igual amor por todas as criaturas.

Segundo a Doutrina Espírita, de acordo mesmo com as palavras do Evangelho, com a lógica e com a mais rigorosa justiça, o homem só merece por suas obras, durante esta vida e depois da morte, nada devendo ao favoritismo: Deus o recompensa pelos esforços e pune pela negligência, isto por tanto tempo quanto nela persistir. (73)

Código penal da vida futura

(Desse tópico só citaremos os pontos no que respeita ao futuro da alma que têm a ver com a reencarnação)

8º) Sendo infinita a Justiça de Deus, o bem e o mal são rigorosamente considerados, não havendo uma só ação, um só pensamento mau que não tenha consequências fatais, como não há uma única ação meritória, um só bom impulso da alma que se perca, *mesmo para os mais perversos, visto que tais ações constituem um começo de progresso.*

9º) Toda falta cometida, todo mal realizado é uma dívida contraída que deverá ser paga; se não o for em uma existência, sê-lo-á na seguinte ou seguintes, porque

todas as existências são solidárias entre si. Aquele que se quita numa existência não terá necessidade de pagar uma segunda vez.

16º) O *arrependimento* é o primeiro passo para a regeneração, mas não é suficiente, sendo necessárias ainda a *expição* e a *reparação*.

Arrependimento, expiação e reparação são as três condições necessárias para apagar os traços de uma falta e suas consequências. O *arrependimento* suaviza as dores da *expição*, abrindo pela esperança o caminho da reabilitação; só a *reparação*, contudo, pode anular o efeito destruindo-lhe a causa. Do contrário, *o perdão seria uma graça, e não uma anulação das faltas cometidas*.

17º) O *arrependimento* pode dar-se por toda parte e em qualquer tempo; se for tardio, o culpado sofrerá por muito mais tempo.

A *expição* consiste nos sofrimentos físicos e morais que são a consequência da falta cometida, seja na vida atual, seja na vida espiritual após a morte, ou ainda em nova existência corpórea, até que os últimos vestígios da falta tenham desaparecido.

A *reparação* consiste em fazer o bem a quem se havia feito o mal. Quem não repara os seus erros nesta

vida, por fraqueza ou má vontade, achar-se-á numa existência posterior em contato com as mesmas pessoas a quem prejudicou, e em condições voluntariamente escolhidas, de modo a demonstrar-lhes o seu devotamento e fazer-lhes tanto bem quanto mal lhes tenha feito.

Nem todas as faltas acarretam prejuízo direto e efetivo. Em tais casos a reparação se opera fazendo-se o que se deveria fazer e não foi feito; cumprindo os deveres desprezados, as missões não executadas; praticando o bem em compensação ao mal praticado, isto é, tornando-se humilde se foi orgulhoso, amável se foi austero, caridoso se foi egoísta, benevolente se foi perverso, laborioso se foi ocioso, útil se foi inútil, moderado se foi dissoluto, exemplar se foi mau etc. É assim que o Espírito progride, aproveitando-se do próprio passado.

Nota de Allan Kardec: A necessidade da reparação é um princípio de rigorosa justiça, que se pode considerar como a verdadeira lei de reabilitação moral dos Espíritos. Entretanto, até agora é uma doutrina que religião alguma proclamou. Algumas pessoas a repelem porque acham mais cômodo se quitarem das más ações por um simples arrependimento, mediante algumas fórmulas que não custam mais que palavras. Crendo-se quites com isso, só mais tarde verão que não bastava apenas o arrependimento. Nós poderíamos lhes perguntar se esse princípio não é consagrado pela lei humana e se

a Justiça divina pode ser inferior à dos homens. E mais, se essas leis se dariam por desafrentadas, desde que o indivíduo que as transgredisse, por abuso de confiança, se limitasse a dizer que as respeita infinitamente. Por que recuariam diante da obrigação que todo homem honesto se impõe como dever, segundo o grau de suas forças? Quando esta perspectiva de reparação for inculcada na crença das massas, será um outro freio aos seus desmandos, e bem mais poderoso que o inferno e as penas eternas, porque interessa à vida em sua plena atualidade, podendo o homem compreender a procedência das circunstâncias que a tornam penosa ou a sua verdadeira situação.

19º) Como o Espírito tem sempre o livre-arbítrio, seu progresso por vezes é lento, e tenaz a sua obstinação no mal. Nesse estado pode persistir anos e séculos; entretanto, chega, por fim, um momento em que a sua teimosia se modifica pelo sofrimento e, a despeito da sua bazófia, reconhece o poder superior que o domina. Então, desde que se manifestam os primeiros clarões de arrependimento, Deus lhe faz entrever a esperança. Nenhum Espírito está condenado a não progredir, seja quando for; de outro modo, estaria fatalmente destinado à eterna inferioridade e escaparia da lei do progresso, que rege providencialmente todas as criaturas.

20º) Sejam quais forem a inferioridade e a perversidade dos Espíritos, *Deus jamais os abandona*. Todos têm seu anjo da guarda que por eles vela, que lhes

espreitam os movimentos da alma e se esforçam por suscitar-lhes bons pensamentos, desejos de progredir e de reparar em nova existência o mal que praticaram. Contudo, a interferência desse guia protetor faz-se quase sempre de maneira oculta, sem exercer qualquer pressão, pois o Espírito deve progredir por *impulso da própria vontade*, e não por um constrangimento qualquer. Agirá bem ou mal em virtude do seu livre-arbítrio, mas sem ser *fatalmente* impelido num sentido ou em outro. Se persistir no mal, sofrerá as consequências por tanto tempo quanto durar essa persistência; desde, porém, que dê um passo em direção ao bem, sentirá imediatamente os seus efeitos benéficos.

OBSERVAÇÃO - Seria erro supor que, em virtude da lei de progresso, a certeza de atingir mais cedo ou mais tarde a perfeição e a felicidade pode estimular o homem a perseverar no mal, contanto que se arrependa depois: primeiro porque o Espírito inferior não divisa o termo da sua situação; e segundo porque, sendo ele o autor da própria infelicidade, acaba por compreender que depende de si fazê-la cessar; que será tanto mais infeliz quanto maior for o tempo em que perseverar no mal; finalmente, que o sofrimento nunca cessará se ele próprio não lhe der fim. Seria, pois, um cálculo equivocado, cujas consequências o Espírito seria o primeiro a reconhecer.

Com o dogma das penas irremissíveis é que se verifica, precisamente, essa hipótese, já que lhe é interdita para sempre toda ideia de esperança, não tendo, pois, o homem qualquer interesse em converter-se ao bem, para ele sem proveito.

Diante dessa lei cai a objeção tirada da presciência divina. De fato Deus sabe, ao criar uma alma, se ela tomará ou não o bom caminho, pois que dispõe do seu livre-arbítrio; sabe que será punida se fizer o mal; mas sabe também que tal castigo temporário é um meio de fazê-la compreender o erro e de levá-la ao bom caminho, onde entrará mais cedo ou mais tarde. Segundo a doutrina das penas eternas, Deus sabe que essa alma falirá e, portanto, que está previamente condenada a torturas sem-fim.

21º) Cada criatura só é responsável pelas próprias faltas. Ninguém sofre por erros alheios, a não ser que os tenha gerado, quer provocando-os pelo exemplo, quer não os impedindo quando poderia fazê-lo. Assim, por exemplo, o suicida é sempre punido; mas aquele que maldosamente impele alguém ao desespero e o leva a suicidar-se, esse sofre ainda maior pena.

27º) O único meio de evitar ou atenuar as consequências futuras de uma falta é desfazer-se o mais possível dos seus defeitos na vida presente, reparando

aqui mesmo o mal praticado para não ter de repará-lo mais tarde e de maneira mais terrível. Quanto mais demorarmos em combater os nossos defeitos, tanto mais rigorosas e penosas serão as consequências e a reparação que tivermos de fazer.

28º) A situação do Espírito, desde a sua entrada no mundo espiritual, não é outra senão a que ele mesmo preparou para si na vida corpórea. Mais tarde lhe será concedida outra encarnação para novas provas de expiação e reparação, com maior ou menor proveito, o que vai depender do seu livre-arbítrio; se não souber aproveitá-la, terá de recomeçar outras, cada vez em condições mais penosas, de sorte que se pode dizer que *aquele que muito sofre na Terra, tinha muito a expiar*; e os que gozam uma felicidade aparente, a despeito dos seus vícios e inutilidades, haverão de pagá-la muito caro numa existência posterior. Foi nesse sentido que Jesus falou: “Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados.” (*O evangelho segundo o espiritismo*, cap. V.)

29º) Certamente a misericórdia de Deus é infinita, mas não é cega. O culpado que ela perdoou não fica dispensado de reparar suas faltas e, enquanto não houver satisfeito à justiça, sofre as consequências dos seus erros. Por infinita misericórdia devemos entender que Deus não é inexorável, pois deixa sempre aberto ao culpado o

caminho da redenção.

30º) Por serem temporárias e subordinadas ao arrependimento e à reparação, que dependem da vontade humana, as penas constituem, ao mesmo tempo, castigos e remédios que auxiliam a curar as chagas do mal. Os Espíritos em prova não são, pois, quais galés, condenados a trabalhos forçados, devendo, ao contrário, ser vistos como doentes de hospital. Como estes, padecem de enfermidades que muitas vezes resultam da própria incúria, reclamando meios curativos mais ou menos dolorosos. A cura será tanto mais rápida quanto mais estritamente observadas forem as prescrições do médico assistente. Se os doentes, pelo próprio descuido de si mesmos, deixarem que a enfermidade se prolongue, o médico nada terá a ver com isso.

31º) Às penas que o Espírito sofre na vida espiritual vêm somar-se as da vida corpórea, que são consequentes às imperfeições do homem, às suas paixões, ao mau uso das suas faculdades e à expiação de faltas presentes e passadas. É na vida corpórea que o Espírito repara o mal praticado em existências anteriores, pondo em prática resoluções tomadas na vida espiritual. Assim se explicam as misérias e vicissitudes mundanas que, à primeira vista, parecem não ter razão de ser, quando na verdade são justas, já que foram determinadas no passado e servem

para o nosso adiantamento. (74)

32º) Deus, pergunta-se, não daria maior prova de amor por suas criaturas se as tivesse criado infalíveis e, por conseguinte, isentas das vicissitudes inerentes à imperfeição? Para tanto, seria preciso que Ele criasse seres perfeitos, nada mais tendo a adquirir, quer em conhecimentos, quer em moralidade. É fora de dúvida que Deus poderia fazê-lo, e se não o fez é que em sua sabedoria quis que o progresso constituísse lei geral. Os homens são imperfeitos e, como tais, sujeitos a vicissitudes mais ou menos penosas. Esse é um fato que temos de aceitar, já que existe. Concluir por isso que Deus não é bom nem justo, seria revoltar-se contra a sua Lei.

Haveria injustiça se Ele houvesse criado seres privilegiados, mais ou menos favorecidos, fruindo gozos sem qualquer esforço, que outros não atingem senão pelo trabalho ou que jamais pudessem atingir. Ao contrário, a Justiça divina patenteia-se na igualdade absoluta que preside à criação de todos os Espíritos; todos têm o mesmo ponto de partida e ninguém se distingue em sua formação por ser mais favorecido do que outro; nenhum cuja marcha progressiva se facilite por exceção: os que chegam ao fim têm passado, como os demais, pelas fases da inferioridade e respectivas provas.

Admitindo-se isso, nada mais justo que a liberdade de ação concedida a cada um. O caminho da felicidade se abre para todos, o objetivo de todos é o mesmo, as condições para atingi-lo são as mesmas, e a lei, gravada em todas as consciências, é ensinada a todos. Deus fez da felicidade o prêmio do trabalho, e não do favoritismo, para que cada um tivesse seu mérito. Todos são livres para trabalhar ou nada fazer em favor do seu progresso; aquele que trabalha muito e depressa recebe a recompensa mais cedo; quem se desgarrar ou perde tempo no caminho retarda a chegada e não pode queixar-se senão de si mesmo. O bem e o mal são voluntários e facultativos; sendo livre, o homem não é fatalmente impelido nem para um, nem para outro. ⁽⁷⁵⁾

Dezembro/1865: Revista Espírita

Trecho do artigo **Um camponês filósofo**

[...] essas inteligências, que deveriam ter brilhado numa esfera social elevada, estão hoje relegadas às classes mais inferiores? Outro problema não menos insolúvel sem a chave fornecida pelo Espiritismo. Diz este: provas ou expiações voluntárias escolhidas por essas mesmas inteligências que, em vista de seu adiantamento moral, quiseram nascer num meio ínfimo, fosse por humildade, fosse para adquirir conhecimentos práticos que lhes serão aproveitados em outra existência.

A Providência permite que assim seja para sua própria instrução e para a dos homens, pondo estes no caminho da origem das faculdades pela pluralidade das existências. (76)

Ano 1866 - Revista Espírita

Janeiro/1866: Revista Espírita

As Mulheres têm Alma?

[...].

As almas se encarnam, isto é, revestem temporariamente um envoltório carnal, para elas semelhante a uma pesada vestimenta, de que a morte as desembaraça. Esse invólucro material, pondo-as em contato com o mundo material, nesse estado elas concorrem ao progresso material do mundo que habitam; a atividade a que são obrigadas a desenvolver, seja para a conservação da vida, seja para alcançarem o bem-estar, auxilia-lhes o avanço intelectual e moral. A cada encarnação a alma chega mais desenvolvida; traz novas ideias e os conhecimentos adquiridos nas existências anteriores. Assim se efetua o progresso dos povos; os homens civilizados de hoje são os mesmos que viveram na Idade Média e nos tempos de barbárie, e que progrediram; os que viverem nos séculos futuros serão os de hoje, porém mais avançados, intelectual e moralmente.

Os sexos só existem no organismo; são necessários à reprodução dos seres materiais. Mas os Espíritos, sendo criação de Deus, não se reproduzem uns pelos outros, razão pela qual os sexos seriam inúteis no mundo espiritual.

Os Espíritos progredem pelos trabalhos que realizam e pelas provas que devem sofrer, como o operário se aperfeiçoa em sua arte pelo trabalho que faz. Essas provas e esses trabalhos variam conforme sua posição social. Devendo os Espíritos progredir em tudo e adquirir todos os conhecimentos, cada um é chamado a concorrer aos diversos trabalhos e a sujeitar-se aos diferentes gêneros de provas. É por isso que, alternadamente, nascem ricos ou pobres, senhores ou servos, operários do pensamento ou da matéria.

Assim se acha fundado, sobre as próprias leis da Natureza, o princípio da igualdade, pois o grande da véspera pode ser o pequeno do dia seguinte e reciprocamente. Desse princípio decorre o da fraternidade, visto que, em nossas relações sociais, reencontramos antigos conhecimentos, e no infeliz que nos estende a mão pode encontrar-se um parente ou um amigo.

É com o mesmo objetivo que os Espíritos se

encarnam nos diferentes sexos; aquele que foi homem poderá renascer mulher, e aquele que foi mulher poderá nascer homem, a fim de realizar os deveres de cada uma dessas posições, e sofrer-lhes as provas.

A Natureza fez o sexo feminino mais fraco que o outro, porque os deveres que lhe incumbem não exigem igual força muscular e seriam até incompatíveis com a rudeza masculina. Nela a delicadeza das formas e a finura das sensações são admiravelmente apropriadas aos cuidados da maternidade. Aos homens e às mulheres, são, pois, atribuídos deveres especiais, igualmente importantes na ordem das coisas; são dois elementos que se completam um pelo outro.

Sofrendo o Espírito encarnado a influência do organismo, seu caráter se modifica conforme as circunstâncias e se dobra às necessidades e exigências que lhe impõe esse mesmo organismo. Esta influência não se apaga imediatamente após a destruição do envoltório material, assim como não perde instantaneamente os gostos e hábitos terrenos. Depois, pode acontecer que o Espírito percorra uma série de existências no mesmo sexo, o que faz que, durante muito tempo, possa conservar, no estado de Espírito, o caráter de homem ou de mulher, cuja marca nele ficou impressa. Somente quando chegado a um certo grau de

adiantamento e de desmaterialização é que a influência da matéria se apaga completamente e, com ela, o caráter dos sexos. Os que se nos apresentam como homens ou como mulheres, é para nos lembrar a existência em que os conhecemos.

Se essa influência se repercute da vida corporal à vida espiritual, o mesmo se dá quando o Espírito passa da vida espiritual à vida corporal. Numa nova encarnação ele trará o caráter e as inclinações que tinha como Espírito; se for avançado, será um homem avançado; se for atrasado, será um homem atrasado. Mudando de sexo, sob essa impressão e em sua nova encarnação, poderá conservar os gostos, as inclinações e o caráter inerentes ao sexo que acaba de deixar. Assim se explicam certas anomalias aparentes que se notam no caráter de certos homens e de certas mulheres.

Não existe, pois, diferença entre o homem e a mulher, senão no organismo material, que se aniquila com a morte do corpo; mas quanto ao Espírito, à alma, ao ser essencial, imperecível, ela não existe, porque não há duas espécies de almas. Assim o quis Deus em sua justiça, para todas as suas criaturas. Dando a todas um mesmo princípio, fundou a verdadeira igualdade. A desigualdade só existe temporariamente no grau de adiantamento; mas todas têm direito ao mesmo destino,

ao qual cada uma chega por seu trabalho, porque Deus não favoreceu ninguém à custa dos outros. (77)

Fevereiro/1866: Revista Espírita

Trecho do artigo **Antropofagia**

Os antropófagos são homens: ninguém jamais o duvidou. Ora, não admitindo o dogma católico a preexistência da alma, mas a criação de uma alma nova ao nascimento de cada corpo, resulta que nalgum lugar Deus cria almas de comedores de homens e aqui almas capazes de se tornarem santos. Por que esta diferença? É um problema cuja solução a Igreja jamais deu e, contudo, é uma pedra angular essencial. Conforme sua doutrina, a recrudescência da antropofagia não se pode explicar senão assim: é que neste momento a Deus apraz criar um maior número de almas antropófagas, solução pouco satisfatória e, sobretudo, pouco conseqüente com a bondade de Deus.

A dificuldade aumenta se se considerar o futuro dessas almas. Em que se tornam depois da morte? Serão tratadas do mesmo modo que as que têm consciência do bem e do mal? Isto não seria justo nem racional. Com o seu dogma a Igreja, em vez de explicar, fica num impasse, do qual não pode sair senão apelando para o mistério, que não precisa ser compreendido, espécie de

non possumus que corta pela raiz as questões embaraçosas.

Pois bem! Esse problema que a Igreja não pode resolver, o Espiritismo encontra sua solução mais simples e racional na lei da pluralidade das existências, à qual todos os seres estão submetidos, e em virtude da qual progridem. Assim, as almas dos antropófagos estão perto de sua origem, suas faculdades intelectuais e morais ainda são obtusas, pouco desenvolvidas e, por isso mesmo, nelas dominam os instintos animais.

Mas essas almas não estão destinadas a ficar perpetuamente nesse estado inferior, que as privaria para sempre da felicidade das almas mais adiantadas; crescem em raciocínio, esclarecem-se, depuram-se, instruem-se e melhoram em existências sucessivas. Revivem nas raças selvagens, enquanto não ultrapassarem os limites da selvageria. Chegadas a um certo grau, deixam esse meio para encarnar-se numa raça um pouco mais adiantada; desta a uma outra e assim por diante, sobem em grau, em razão dos méritos que adquiriram e das imperfeições de que se despojaram, até que tenham atingido o grau de perfeição de que é susceptível a criatura. A via do progresso não está fechada a nenhuma, de tal sorte que a mais atrasada pode aspirar à suprema felicidade. Mas umas, em virtude do seu livre-arbítrio, que é o apanágio

da Humanidade, trabalham com ardor por sua depuração e por sua instrução, em se despojar dos instintos materiais e das fraldas da origem, porque, a cada passo que dão para a perfeição veem mais claro, compreendem melhor e são mais felizes. Essas avançam mais prontamente, gozam mais cedo: eis a sua recompensa. Outras, sempre em virtude de seu livre-arbítrio, demoram-se no caminho, como estudantes preguiçosos e de má vontade, ou como operários negligentes; chegam mais tarde, sofrem mais tempo: eis a sua punição ou, se quiserem, o seu inferno. Assim se confirma, pela pluralidade das existências progressivas, a admirável lei de unidade e de justiça que caracteriza todas as obras da Criação. Comparai esta doutrina à da Igreja, sobre o passado e o futuro das almas e vede qual a mais racional, a mais conforme à justiça divina e que melhor explica as desigualdades sociais.

A antropofagia é, seguramente, um dos mais baixos graus da escala humana na Terra, porque o selvagem que não come mais o seu semelhante já está em progresso. Mas de onde vem a recrudescência desse instinto bestial? É de notar, antes de mais, que é apenas local e que, em suma, o canibalismo desapareceu em grande parte da Terra. É inexplicável sem o conhecimento do mundo invisível e de suas relações com o mundo visível. Pelas mortes e nascimentos, eles se alimentam

incessantemente um do outro. Ora, os homens imperfeitos não podem fornecer ao mundo invisível almas perfeitas, e as almas perversas, encarnando-se, não podem fazer senão homens maus. Quando as catástrofes e flagelos se apoderam ao mesmo tempo de grande número de homens, há uma chegada em massa no mundo dos Espíritos. Devendo essas mesmas almas reviver, em virtude da lei da Natureza, e para o seu adiantamento, as circunstâncias podem igualmente trazê-las em massa para a Terra. (78)

Junho/1866: Revista Espírita

Monomania Incendiária Precoce

ESTUDO MORAL

Lê-se no *Salut Public* de Lyon, de 23 de fevereiro de 1866:

“A questão médico-legal da monomania homicida e da monomania incendiária, diz o *Moniteur Judiciaire*, foi agitada e ainda o será muitas vezes, conforme toda a probabilidade, diante dos tribunais e das cortes de apelação.

“A propósito da monomania incendiária, podemos citar uma criança de Lyon, atualmente com quatro anos e meio, filho de honestos operários da seda, domiciliados em Guillotièrre, que parece trazer, no último grau, o

instinto do incêndio. Apenas seus olhos se abriam à luz e a visão das chamas parecia alegrá-lo. Aos dezoito meses sentia prazer em acender fósforos; aos dois anos punha fogo nos quatro cantos de um colchão e destruía em parte o modesto mobiliário de seus pais. Hoje, às reprimendas que lhe fazem, só responde com ameaças de incêndio, e ainda na semana passada tentava, com um pouco de palha e pedaços de papel, incendiar a alcova onde dormem seus pais.

“Deixemos aos especialistas o cuidado de pesquisar as causas de tal monomania. Se ela não desaparecesse com a idade, que sorte estaria reservada ao infeliz que por ela é atingido?”

O autor do artigo diz que deixa aos *especialistas* o cuidado de pesquisar as causas de tal monomania. De que especialistas quer falar? Dos médicos em geral, dos alienistas, dos sábios, dos frenologistas, dos filósofos ou dos teólogos? Cada um deles vai encarar a questão do ponto de vista de suas crenças materialistas, espiritualistas ou religiosas. Os materialistas, negando todo princípio inteligente distinto da matéria, são incontestavelmente os menos aptos a resolvê-la de maneira completa. Fazendo do organismo a única fonte das faculdades e das tendências, reduzem o homem a uma máquina movida fatalmente por uma força

irresistível, sem livre-arbítrio e, por conseguinte, sem responsabilidade moral de seus atos. Com um tal sistema, todo criminoso pode desculpar-se com sua constituição, pois dele não dependeu fazê-la melhor. Numa sociedade onde tal princípio fosse admitido como verdade absoluta, não haveria culpados, moralmente falando, e seria tão ilógico levar os homens à justiça quanto os animais.

Não falamos aqui senão das consequências sociais das doutrinas materialistas; quanto à sua impotência para resolver todos os problemas morais, ela está suficientemente demonstrada. Dir-se-á, com alguns, que as tendências são hereditárias, como os vícios de constituição? Opor-se-lhes-iam os inumeráveis fatos em que os pais mais virtuosos têm filhos instintivamente viciosos, e reciprocamente. No caso que nos ocupa, é notório que a criança não herdou sua monomania incendiária de nenhum membro da família.

Sem dúvida os espiritualistas reconhecerão que essa tendência se deve a uma imperfeição da alma ou Espírito, mas não deixarão de ser detidos por dificuldades insuperáveis, apenas com os elementos que hoje se possuem. E a prova de que os dados atuais da Ciência, da Filosofia e da Teologia não fornecem nenhum princípio sólido para a solução dos problemas desta natureza, é que não há um só que seja bastante evidente,

suficientemente racional para ligar a maioria, e que se está reduzido às opiniões individuais, todas divergentes umas das outras.

Os teólogos que admitem como artigo de fé a criação da alma no nascimento de cada corpo, são, talvez, os mais embaraçados para conciliarem essas perversidades nativas com a justiça e a bondade de Deus. Conforme sua doutrina, eis, pois, uma criança concebida com instinto incendiário, votada, desde a sua formação, ao crime e a todas as suas consequências, para a vida presente e para a vida futura! Como há crianças instintivamente boas e más, então Deus criou almas boas e outras más? É a consequência lógica. Por que essa parcialidade? Com a doutrina materialista o culpado se desculpa com a sua organização; com a da Igreja, pode apegar-se a Deus, dizendo que não é sua falta se ele o criou com defeitos.

É de admirar que haja pessoas que renegam Deus quando o mostram injusto e cruel em seus atos, parcial para com as suas criaturas? É a maneira pela qual a maior parte das religiões o representa que faz os incrédulos e os ateus. Se dEle sempre se tivesse feito um quadro em todos os pontos conciliável com a razão, não haveria incrédulos; é por não poder aceitá-lo tal qual o fazem, que tanta gente procura fora dele a explicação das

coisas.

Todas as vezes que a Teologia, pressionada pela inexorável lógica dos fatos, se acha num impasse, refugia-se atrás destas palavras: “Mistério incompreensível!” Pois bem! A cada dia vemos levantar-se uma ponta do véu do que outrora era mistério, e a questão que nos ocupa está neste número.

Esta questão está longe de ser pueril e seria erro aí não ver senão um fato isolado, ou, se quiserem, uma anomalia, uma bizarrice da Natureza, sem consequência. Ela toca em todas as questões de educação e de moralização da Humanidade e, por isto mesmo, nos mais graves problemas de economia social. É pesquisando a causa primeira dos instintos e das inclinações inatas que se descobrirão os meios mais eficazes de combater os maus e desenvolver os bons. Quando esta causa for conhecida, a educação possuirá a mais poderosa alavanca moralizadora que jamais teve.

Não se pode negar a influência do meio e do exemplo sobre o desenvolvimento dos bons e dos maus instintos, porque o contágio moral é tão manifesto quanto o contágio físico. Contudo, essa influência não é exclusiva, pois se veem seres perversos nas mais honradas famílias, ao passo que outros saem puros do lameiro. Há, pois, incontestavelmente, disposições inatas,

e se tivéssemos dúvida, o fato que nos ocupa disso seria uma prova irrecusável. Assim, eis uma criança que, antes de saber falar, se compraz à vista da destruição pelo fogo; que, aos dois anos, incendeia voluntariamente um mobiliário, e que, aos quatro anos, compreende de tal modo o que faz, que responde às reprimendas com ameaças de incêndio.

Ó vós todos, médicos e sábios que pesquisais com tanta avidez os menores casos patológicos insólitos, para deles fazer objeto de vossas meditações, por que não estudais com o mesmo cuidado esses fenômenos estranhos que se pode, com razão, qualificar de patologia moral! Por que não vos inteirais deles, nem lhes descobris a fonte! Com isto a Humanidade ganharia, pelo menos tanto quanto pela descoberta de um filete nervoso. Infelizmente, a maioria dos que não desdenham ocupar-se com essas questões o fazem partindo de uma ideia preconcebida, à qual tudo querem sujeitar: o materialismo às leis exclusivas da matéria, o espiritualismo à ideia que faz da natureza da alma, conforme suas crenças. Antes de concluir, o mais sensato é estudar todos os sistemas, todas as teorias, com imparcialidade, e ver o que resolve melhor e mais logicamente o maior número de dificuldades.

A diversidade das aptidões intelectuais e morais

inatas, independentes da educação e de toda aquisição na vida presente é um fato notório: é o conhecido. Partindo desse fato para chegar ao desconhecido, diremos que se a alma for criada ao nascimento do corpo, torna-se evidente que Deus cria almas de todas as qualidades. Ora, sendo tal doutrina inconciliável com o princípio da soberana justiça, forçosamente deve ser afastada. Mas se a alma não for criada ao nascimento do indivíduo, é que existia antes. Com efeito, é na preexistência da alma que se encontra a única solução possível e racional da questão e de todas as anomalias aparentes das faculdades humanas. As crianças que instintivamente têm aptidões transcendentais para uma arte ou uma ciência, que possuem certos conhecimentos sem os haver aprendido, como os calculadores naturais, como aqueles aos quais a música, ao nascer, parece familiar; esses linguistas natos, como uma senhora da qual teremos, mais tarde, ocasião de falar e que, aos nove anos, dava lições de grego e de latim aos seus irmãos, e aos doze lia e traduzia o hebraico, devem ter aprendido estas coisas em algum lugar; já que não foi nesta existência, deve ter sido em outra.

Sim, o homem já viveu, não uma, mas talvez mil vezes; em cada existência suas ideias se desenvolveram; adquiriu conhecimentos, dos quais traz a intuição na vida seguinte, e que o ajudam a adquirir novas. Dá-se outro

tanto com o progresso moral. Os vícios de que se desfez não aparecem mais; os que conservou se reproduzem até que deles se tenha corrigido definitivamente.

Numa palavra, o homem nasce tal qual se fez ele próprio. Os que viveram mais, adquiriram mais e aproveitaram melhor são mais adiantados que os outros; tal é a causa da diversidade dos instintos e das aptidões que se notam entre eles; tal é, também, a razão pela qual vemos, na Terra, selvagens, bárbaros e homens civilizados. A pluralidade das existências é a chave de uma imensidão de problemas morais e é por não haver conhecido este princípio que tantas questões ficaram insolúveis. Que o admitam apenas a título de hipótese, se quiserem, e verão aplainar-se todas essas dificuldades.

O homem civilizado chegou a um ponto em que não mais se contenta com a fé cega; quer dar-se conta de tudo, saber o porquê e o como de cada coisa; preferirá, pois, uma filosofia que explica, à que nada explica. Aliás, a ideia da pluralidade das existências, como todas as grandes verdades, germina numa porção de cérebros, fora do Espiritismo; e como satisfaz à razão, não está longe o tempo em que será posta entre as leis que regem a Humanidade.

Que dirão agora da criança objeto deste artigo? Seus instintos atuais se explicam por seus antecedentes.

Nasceu incendiário, como outros nasceram poetas e artistas, porque, sem a menor dúvida, foi incendiário em outra existência e lhe conservou o instinto.

Mas então, perguntarão, se cada existência é um progresso, na presente o progresso é nulo para ele.

Isto não é uma razão. De seus instintos atuais não se deve concluir que o progresso seja nulo. O homem não se despoja subitamente de todas as suas imperfeições. Essa criança provavelmente teria outras, que a tornavam pior do que é hoje. Ora, ainda que só tivesse avançado um passo, mesmo que tivesse apenas o arrependimento e o desejo de melhorar-se, seria sempre um progresso. Se esse instinto nele se manifesta de maneira tão precoce e para desde cedo chamar a atenção sobre as suas tendências, a fim de que os pais e os que forem encarregados de sua educação se empenhem em reprimi-las antes que se desenvolvam. Talvez ele mesmo tenha pedido que assim fosse, e de nascer numa família honrada, pelo desejo de progredir.

É uma grande tarefa para seus pais, pois é uma alma extraviada que lhes é confiada para ser conduzida ao reto caminho, e grande seria sua responsabilidade se não o fizessem, com esse objetivo, tudo quanto estivesse em seu poder. Se seu filho ficasse doente, cuidariam dele com solicitude. Devem olhá-lo como atacado por uma

moléstia moral grave, que requer cuidados não menos assíduos.

De acordo com todas essas considerações, cremos sem vaidade que os Espíritos são os melhores especialistas em tal circunstância, porque se dedicam ao estudo dos fenômenos morais e os apreciam, não segundo ideias pessoais, mas conforme leis naturais. ⁽⁷⁹⁾

Julho/1866: Revista Espírita

Trecho artigo **Morte de Joseph Méry**

Dissemos que o Sr. Méry ⁽⁸⁰⁾ era espírita por intuição. Ele não só acreditava na alma e na sua sobrevivência, no mundo espiritual que nos cerca, mas na pluralidade das existências; nele essa crença era o resultado de lembranças. Estava persuadido de ter vivido em Roma sob Augusto, na Alemanha, nas Índias, etc. Certos detalhes estavam presentes tão bem à sua memória que ele descrevia com exatidão lugares que jamais tinha visto. É a esta faculdade que o autor do artigo precitado faz alusão, quando diz: “Sua imaginação inesgotável criava as regiões que não tinha visto, adivinhava os costumes, descrevendo os habitantes com uma fidelidade tanto mais maravilhosa porque *a possuía mau grado seu.*”

[...] Essa faculdade era perfeitamente conhecida de

seus confrades em literatura. Que pensavam disto? Para alguns não passava de *singular* efeito da imaginação. Como, porém, o Sr. Méry era um homem estimado, de caráter simples e reto, que sabiam incapaz de uma impostura – a exatidão de certas descrições locais tinha sido reconhecida – e não se podia racionalmente tachá-la de loucura, muitos diziam que aí podia haver algo de verdadeiro; por isso esses fatos foram lembrados num dos discursos pronunciados junto ao seu túmulo. Ora, se tivessem considerado como aberrações de seu espírito, teriam passado em silêncio. É, pois, em presença de um imenso concurso de ouvintes, da elite da literatura e da imprensa, numa circunstância grave e solene, uma das que mais impõem respeito, que foi dito que o Sr. Méry se lembrava de ter vivido em outras épocas e o provava por fatos. Isto não pode deixar de suscitar reflexões, tanto mais que, fora do Espiritismo, muitas pessoas adotam a ideia da pluralidade das existências como a mais racional. Sendo os fatos desta natureza concernentes ao Sr. Méry uma das notáveis particularidades de sua vida e tendo tido repercussão por ocasião de sua morte, não poderão senão acreditá-lo.

Ora, quais são as consequências dessa crença, abstração feita do Espiritismo? Se admitirmos que já vivemos uma vez, podemos e até devemos ter vivido várias vezes, e podemos reviver depois desta existência.

Se revivemos várias vezes, não pode ser com o mesmo corpo; logo, há em nós um princípio inteligente independente da matéria e que conserva sua individualidade. Como se vê, é a negação das doutrinas materialistas e panteístas. Este princípio ou alma, revivendo na Terra, desde que pode conservar a intuição de seu passado, não pode perder-se no infinito depois da morte, como se crê vulgarmente; deve, no intervalo de suas existências corpóreas, ficar no meio humanitário; devendo retomar novas existências nesta mesma humanidade, não deve perdê-la de vista; deve seguir as suas peripécias. Eis, pois, o mundo espiritual que nos cerca, no meio do qual vivemos. Nesse mundo naturalmente se acham os nossos parentes e amigos, que devem continuar a interessar-se por nós, como nos interessamos por eles e que não estão perdidos para nós, já que existem e podem estar perto de nós. Eis no que chegam forçosamente a crer; eis as consequências a que são levados os que admitem o princípio da pluralidade das existências; eis no que acreditava Méry. Que faz a mais o Espiritismo? Chama Espíritos esses mesmos seres invisíveis e diz que estando em nosso meio, podem manifestar sua presença comunicar-se com os encarnados. Quando o resto foi admitido, isto é assim tão despropositado?

Como se vê, a distância que separa o Espiritismo da

crença íntima de muitas pessoas é bem pouca coisa. O fato das manifestações não passa de acessório e da confirmação prática do princípio fundamental admitido em teoria. Por que, então, alguns dos que admitem a base repelem o que deve servir de prova? Pela falsa ideia que fazem disto. Mas os que se dão ao trabalho de o estudar e o aprofundar, logo reconhecem que estão mais próximo do Espiritismo do que pensavam e que a maior parte deles são espíritas sem o saber: só lhes falta o nome. Eis por que se veem tantas ideias espíritas emitidas a todo instante por aqueles mesmos que rejeitam o termo, e por que certas pessoas aceitam tão facilmente essas mesmas ideias. Quando se trata de uma questão de palavra, está-se muito próximo do entendimento.

[...].

[...] A pluralidade das existências não é uma simples opinião filosófica; é uma lei da *Natureza*, que nenhum anátema pode impedir de ser e com a qual a Teologia, mais cedo ou mais tarde, deverá pôr-se de acordo. A pressa em condenar, em nome da Divindade, uma lei que, como todas as que regem o mundo, é obra da Divindade, é um tanto exagerada. É muito de temer que em breve não suceda com essa condenação o que aconteceu com a que lançaram contra o movimento da

Terra e os períodos de sua formação. ⁽⁸¹⁾

Novembro/1866: Revista Espírita

Trecho do artigo intitulado **Maomé e o Islamismo**

Nós te enviamos a um povo, que outros povos precederam, para que lhes ensines as nossas revelações. Eles não creem nos misericordiosos. Dizei-lhes: “Ele é meu Senhor; não há Deus senão ele. Pus minha confiança em sua bondade. *Reaparecerei* diante de seu tribunal. (Surata XIII, v. 29).

Trouxemos aos homens um livro no qual brilha a ciência que deve esclarecer os fiéis e lhes proporcionar a misericórdia divina. – Esperam eles a realização do Alcorão? No dia em que for cumprido, os que tiverem vivido no esquecimento de suas máximas dirão: “Os ministros do Senhor nos pregavam a verdade. Onde encontraremos agora intercessores? Que esperança *teremos de voltar à Terra* para nos corrigirmos?” Eles perderam suas almas e suas ilusões desapareceram. (Surata VII, v. 50, 51).

A palavra *voltar* implica a ideia de já ter aparecido, isto é, de ter vivido antes da existência atual. Maomé o exprime claramente quando diz alhures: “*Reaparecereis* diante dele e ele vos mostrará as vossas obras. *Voltareis* diante do Deus de verdade.” É o fundo da doutrina da

preexistência da alma, ao passo que, segundo a Igreja, a alma é criada ao nascer de cada corpo. A pluralidade das existências terrestres não está indicada no Alcorão de maneira tão explícita quanto no Evangelho; entretanto, a ideia de reviver na Terra entrou no pensamento de Maomé, pois tal seria, segundo ele, o desejo dos culpados de se corrigirem. Assim ele compreendeu que seria útil poder recomeçar uma nova existência. ⁽⁸²⁾

Ano 1867 - Revista Espírita

Janeiro/1867: Revista Espírita

Pensamentos Espíritas que Correm o Mundo

[...].

Não é a primeira vez que a ideia das existências anteriores é expressa fora do Espiritismo. O autor do artigo ⁽⁸³⁾ outrora não poupava sarcasmos à nova crença, a propósito dos irmãos Davenport, em quem, como a maioria de seus confrades em jornalismo, julgou, e talvez ainda julgue encarnada a doutrina. Escrevendo estas linhas, certamente não suspeitava que formulava um de seus mais importantes princípios. Que o tenha feito seriamente ou não, pouco importa! A coisa não prova menos que os próprios incrédulos encontram na pluralidade das existências, ainda que só admitida a título de hipótese, a explicação das aptidões inatas da existência atual. Este pensamento, lançado a milhões de leitores pelo vento da publicidade, se populariza, se infiltra nas crenças; habitua-se a ele; cada um aí procura a razão de ser de uma imensidade de coisas incompreendidas, de suas próprias tendências: aqui gracejando, ali seriamente; a mãe cujo filho é um tanto

precoce sorri de bom grado à ideia de que ele possa ter sido um homem de gênio. Em nosso século racionalista, a gente quer dar conta de tudo; repugna ao maior número ver nas boas e más qualidades trazidas ao nascer, um jogo do acaso ou um capricho da divindade; a pluralidade das existências resolve a questão mostrando que as existências se encadeiam e se completam umas pelas outras. De dedução em dedução chega-se a encontrar, neste princípio fecundo, a chave de todos os mistérios, de todas as aparentes anomalias da vida moral e material, das desigualdades sociais, dos bens e dos males daqui de baixo; enfim o homem sabe de onde vem, para onde vai, por que está na Terra, por que é feliz ou desgraçado e o que deve fazer para assegurar a sua felicidade futura.

Se se acha racional admitir que já vivemos na Terra, não o é menos que possamos aqui reviver ainda. Como é evidente que não é o corpo que revive, só pode ser a alma; esta conservou, pois, a sua individualidade; não se confundiu no todo universal; para conservar suas aptidões, é preciso que tenha *ficado ela mesma*. O único princípio da pluralidade das existências é, como se vê, a negação do materialismo e do panteísmo.

Para que a alma possa realizar uma série de existências sucessivas no mesmo meio, é preciso que não se perca nas profundezas do infinito; deve permanecer na

esfera de atividade terrestre. Eis, pois, o mundo espiritual que nos rodeia, em meio do qual vivemos, no qual se derrama a Humanidade corporal, como ele mesmo se derrama nesta. Ora, chamai estas almas de Espíritos e eis-nos em pleno Espiritismo.

Se Balzac pôde ter sido mulher e Stahl uma jovem, então as mulheres podem encarnar-se como homens e, por conseguinte, os homens podem encarnar-se como mulheres. Não há, pois, entre os dois sexos senão uma diferença material, acidental e temporária, uma diferença de vestimenta carnal; mas quanto à natureza essencial do ser, ela é a mesma. Ora, da igualdade de natureza e de origem, a lógica conclui pela *igualdade dos direitos sociais*. Vê-se a que consequências conduz o só princípio da pluralidade das existências. Provavelmente o Sr. Texier não acreditava ter dito tanta coisa nas poucas linhas que citamos. ⁽⁸⁴⁾

Fevereiro/1867: Revista Espírita

Eugénie Colombe - Precocidade fenomenal

Vários jornais reproduziram o seguinte fato:

“O *Sentinelle*, de Toulon, fala de um jovem fenômeno, que se admira no momento nesta cidade.

“É uma menina de dois anos e onze meses, chamada Eugénie Colombe.

“Esta menina já sabe ler e escrever perfeitamente; além disso está em condição de sustentar o mais sério exame sobre os princípios da religião cristã, sobre a gramática francesa, a geografia, a história da França e as quatro operações de aritmética.

“Conhece a rosa dos ventos e sustenta perfeitamente uma discussão científica sobre todos esses assuntos.

“Esta admirável menina começou a falar muito distintamente com quatro meses de idade.

“Apresentada nos salões da prefeitura marítima, Eugénie Colombe, dotada de um semblante encantador, obteve um sucesso admirável.”

Este artigo nos tinha parecido, como a muitas outras pessoas, marcado de tal exagero, que não havíamos ligado nenhuma importância. Todavia, para saber positivamente a quem nos atermos, pedimos a um dos nossos correspondentes, oficial de marinha em Toulon, que se informasse do fato. Eis o que nos respondeu:

“Para me assegurar da verdade, fui à casa dos pais da menina referida pelo *Sentinelle Toulonnaise* de 19 de novembro; vi essa encantadora menina, cujo desenvolvimento físico é compatível com sua idade: ela

não tem mais que três anos. Sua mãe é professora e dirige a sua instrução. Em minha presença interrogou-a sobre o catecismo, a história sagrada, desde a criação do mundo até o dilúvio, os oito primeiros reis da França e diferentes circunstâncias relativas a seus reinados e ao de Napoleão I. Quanto à Geografia, a menina citou as cinco partes do mundo, as capitais dos países que encerram, várias capitais dos Departamentos da França. Também respondeu perfeitamente sobre as primeiras noções de gramática francesa e o sistema métrico. A menina deu todas essas respostas sem a menor hesitação, divertindo-se com os brinquedos que tinha em mãos. Sua mãe me disse que ela sabe ler desde os dois anos e meio e garantiu-me que é capaz de responder do mesmo modo a mais de quinhentas perguntas.”

O fato, escoimado do exagero do relato dos jornais, e reduzido às proporções acima, não é menos notável e importante em suas consequências. Chama forçosamente a atenção sobre fatos análogos de precocidade intelectual e conhecimentos inatos. Involuntariamente se procura a sua explicação, e com as ideias que circulam, da pluralidade das existências, chega-se a encontrar a sua solução racional numa existência anterior. Há que se colocar esses fenômenos no número dos que são anunciados como devendo, por sua multiplicidade, confirmar as crenças espíritas e contribuir para o seu

desenvolvimento.

No caso de que se trata, a memória parece certamente desempenhar um papel importante. Sendo professora a mãe da menina, sem dúvida a pequena se encontrava habitualmente na escola e terá retido as lições dadas aos alunos por sua mãe, ao passo que se veem certos alunos possuir, por intuição, conhecimentos de certo modo inatos e fora de qualquer ensino. Mas por que, nela e não em outros, esta facilidade excepcional para assimilar o que ouvia e que, provavelmente, não pensavam em lhe ensinar? É que o que ela ouvia apenas lhe despertava a lembrança do que sabia. A precocidade de certas crianças para as línguas, a música, as matemáticas, etc., todas as ideias inatas, numa palavra, igualmente não passam de lembranças; elas se lembraram do que souberam, como se veem certas pessoas lembrar-se, mais ou menos vagamente, do que fizeram ou do que lhes aconteceu. Conhecemos um menino de cinco anos que, estando à mesa, onde nada na conversa poderia ter provocado uma ideia a esse respeito, pôs-se a dizer: “Eu fui casado, e me lembro bem; tinha uma mulher, de baixa estatura, jovem e linda, e tive vários filhos.” Certamente não se tem nenhum meio de controlar sua asserção, mas, pergunta-se, de onde lhe poderia ter vindo semelhante ideia, quando nenhuma circunstância a teria provocado?

Disto se deve concluir que as crianças que só aprendem à custa do trabalho foram ignorantes ou estúpidas em sua precedente existência? Por certo que não. A faculdade de se recordar é uma aptidão inerente ao estado psicológico, isto é, ao mais fácil desprendimento da alma em certos indivíduos do que em outros, uma espécie de visão espiritual, que lhes lembra o passado, ao passo que os que não a possuem, esse passado não deixa nenhum traço aparente. O passado é como um sonho, do qual nos lembramos com maior ou menor exatidão, ou do qual perdemos totalmente a lembrança. (Vide *Revista Espírita* de julho de 1860; idem de novembro de 1864).

No momento de ir para o prelo, recebemos de um dos nossos correspondentes da Argélia, que, de passagem por Toulon, viu a pequena Eugénie Colombe, uma carta contendo o relato seguinte, que confirma o precedente, e acrescenta detalhes que não deixam de ter interesse:

“Esta menina, de notável beleza e extrema vivacidade, é de uma doçura angelical. Sentada nos joelhos de sua mãe, respondeu a mais de cinquenta perguntas sobre o Evangelho. Interrogada sobre Geografia, designou-me todas as capitais da Europa e de diversos estados da América; todas as capitais dos

Departamentos franceses e da Argélia; explicou-me o sistema decimal, o sistema métrico. Em gramática, os verbos, os participípios e os adjetivos. Ela conhece, ou pelo menos define, as quatro operações. Escreveu o que lhe ditei com tal rapidez que fui levado a crer que escrevia mediunicamente. Na quinta linha interrompeu a escrita, olhou-me fixamente com seus grandes olhos azuis e me disse bruscamente: ‘Senhor, é bastante.’ Depois desceu da cadeira e correu aos seus brinquedos.

“Esta criança é certamente um Espírito muito avançado, porque se vê que responde e cita sem o menor esforço de memória. Sua mãe me disse que desde a idade de 12 a 15 meses ela sonha à noite, mas numa linguagem que não permite compreendê-la. É caridosa por instinto; atrai sempre a atenção da mãe, quando avista um pobre; não suporta que batam nos cães, nos gatos, nem em qualquer animal. Seu pai é um operário do arsenal marítimo.”

Só espíritas esclarecidos, como os nossos dois correspondentes, podiam apreciar o fenômeno psicológico que apresenta esta menina e sondar-lhe a causa; porque, assim como para julgar um mecanismo é preciso um mecânico, para julgar fatos espíritas é preciso ser espírita. Ora, em geral a quem encarregam da constatação e da explicação dos fenômenos deste

gênero? Precisamente a pessoas que não os estudaram e que, negando a causa primária, não lhe podem admitir as consequências. (85)

Fevereiro/1867: Revista Espírita

Tom, o Cego, músico natural

Lê-se no *Spiritual Magazine*, de Londres:

“A celebridade de *Tom, o Cego*, que há pouco fez o seu aparecimento em Londres, já se tinha espalhado aqui; alguns anos atrás um artigo no jornal *All the Year Round* tinha descrito suas notáveis faculdades e a sensação que haviam produzido na América. A maneira pela qual as faculdades se desenvolveram nesse negro, escravo e cego, ignorante e totalmente iletrado; como, menino ainda, um dia surpreendido pelos sons da música na casa de seu senhor, correu sem cerimônia a tomar lugar ao piano, reproduzindo nota por nota o que acabava de ser tocado, rindo e se contorcendo de alegria ao ver o novo mundo de prazeres que acabava de descobrir, tudo isto foi tão frequentemente repetido, que julgo inútil mencioná-lo outra vez. Mas um fato significativo e interessante me foi contado por um amigo, que foi o primeiro a testemunhar e apreciar a faculdade de Tom. Um dia uma obra de Haendel foi tocada. Imediatamente Tom a repetiu corretamente e, ao terminar, esfregou as

mãos com uma expressão de indefinível alegria, exclamando: 'Eu o vejo; é um velho com uma grande peruca; ele tocou primeiro e eu depois.' É incontestável que Tom tinha visto Haendel e o tinha ouvido tocar.

“Tom exibiu-se várias vezes em público, e a maneira por que executa os trechos mais difíceis quase faria duvidar de sua enfermidade. Repete sem falha no piano e, necessariamente, de memória, tudo quanto lhe tocam, quer sonatas clássicas antigas, quer fantasias modernas. Ora, bem que gostaríamos de ver quem pudesse aprender desta maneira as variações de Thalberg com os olhos fechados, como ele fez.

“Este fato surpreendente de um cego, ignorante, desprovido de qualquer instrução, mostrando um talento que outros são incapazes de adquirir, mesmo com todas as vantagens do estudo, provavelmente será explicado por um grande número, segundo a maneira ordinária de encarar estas coisas, dizendo: é um gênio e uma organização excepcional. Mas só o Espiritismo pode dar a chave deste fenômeno de maneira compreensível e racional.”

As reflexões que fizemos a propósito da menina de Toulon naturalmente se aplicam a Tom, o cego. Tom deve ter sido um grande músico, ao qual bastou ouvir para

estar na via do que soube. O que torna o fenômeno mais extraordinário é que se apresenta num negro, escravo e cego, tríplice causa que se opunha à cultura de suas aptidões nativas e a despeito das quais se manifestaram na primeira ocasião favorável, como um grão germinando aos raios-do-sol. Ora, como a raça negra, em geral, e sobretudo no estado de escravidão, não brilha pela cultura das artes, forçoso é concluir que o Espírito Tom não pertence a esta raça, mas que nela se terá encarnado, quer como expiação, quer como meio providencial de reabilitação desta raça na opinião, mostrando do que ela é capaz.

Muito foi dito e escrito contra a escravidão e o preconceito da cor. Tudo quanto disseram é justo e moral; mas não passava de uma tese filosófica. A lei da pluralidade das existências e da reencarnação vem a isto acrescentar a irrefutável sanção de uma lei da Natureza, que consagra a fraternidade de todos os homens. Tom, o escravo, nascido e aclamado na América, é um protesto vivo contra os preconceitos ainda reinantes nesse país. [...].⁽⁸⁶⁾

Agosto/1867: Revista Espírita

Trecho do comentário de Allan Kardec sobre a novela espírita intitulada **Fernanda**:

Quando o autor diz que não acredita nas existências anteriores, mas que está certo de que, depois da morte, começamos uma série de novas existências, não se deu conta de que cometia uma contradição flagrante. Se admite a pluralidade das existências posteriores, como coisa lógica e necessária ao progresso, em que se baseia para não admitir as existências anteriores? Não diz como explica de maneira conforme à justiça de Deus, a desigualdade inata, intelectual e moral, que existe entre os homens. Se esta existência for a primeira, e se todos saíram do nada, cai-se na doutrina absurda, inconciliável com a soberana justiça, de um Deus parcial, que favorece algumas de suas criaturas, criando almas de todas as qualidades. Poder-se-ia igualmente aí ver um ajustamento com as ideias novas, mas que não é mais feliz que a precedente. ⁽⁸⁷⁾

Setembro/1867: Revista Espírita

Itens do artigo **Caráter da revelação espírita** ⁽⁸⁸⁾
⁽⁸⁹⁾

5. - Mas o professor não ensina senão o que aprendeu: é um revelador de segunda ordem; o homem de gênio ensina o que descobriu por si mesmo: é o revelador primitivo; traz a luz que pouco a pouco se vulgariza. Que seria da Humanidade sem a revelação dos

homens de gênio, que aparecem de tempos a tempos?

Mas, quem são esses homens de gênio? E, por que são homens de gênio? Donde vieram? Que é feito deles? Notemos que na sua maioria denotam, ao nascer, faculdades transcendentais e alguns conhecimentos inatos, que com pouco trabalho desenvolvem. Pertencem realmente à Humanidade, pois nascem, vivem e morrem como nós. Onde, porém, adquiriram esses conhecimentos que não puderam aprender durante a vida? Dir-se-á, com os materialistas, que o acaso lhes deu a matéria cerebral em maior quantidade e de melhor qualidade? Neste caso, não teriam mais mérito que um legume maior e mais saboroso do que outro.

Dir-se-á, como certos espiritualistas, que Deus lhes deu uma alma mais favorecida que a do comum dos homens? Suposição igualmente ilógica, pois que tacharia Deus de parcial. A única solução racional do problema está na preexistência da alma e na pluralidade das vidas. O homem de gênio é um Espírito que tem vivido mais tempo; que, por conseguinte, adquiriu e progrediu mais do que aqueles que estão menos adiantados. Encarnando, traz o que sabe e, como sabe muito mais do que os outros e não precisa aprender, é chamado homem de gênio. Mas seu saber é fruto de um trabalho anterior e não resultado de um privilégio. Antes de renascer, era

ele, pois, Espírito adiantado: reencarna para fazer que os outros aproveitem do que já sabe, ou para adquirir mais do que possui.

Os homens progridem incontestavelmente por si mesmos e pelos esforços da sua inteligência; mas, entregues às próprias forças, só muito lentamente progrediriam, se não fossem auxiliados por outros mais adiantados, como o estudante o é pelos professores. Todos os povos tiveram homens de gênio, surgidos em diversas épocas, para dar-lhes impulso e tirá-los da inércia. ⁽⁹⁰⁾

30. - O Espiritismo, partindo das próprias palavras do Cristo, como este partiu das de Moisés, é consequência direta da sua doutrina. À ideia vaga da vida futura, acrescenta a revelação da existência do mundo invisível que nos rodeia e povoa o espaço, e com isso precisa a crença, dá-lhe um corpo, uma consistência, uma realidade à ideia. Define os laços que unem a alma ao corpo e levanta o véu que ocultava aos homens os mistérios do nascimento e da morte. Pelo Espiritismo, o homem sabe donde vem, para onde vai, por que está na Terra, por que sofre temporariamente e vê por toda parte a justiça de Deus. Sabe que a alma progride incessantemente, através de uma série de existências sucessivas, até atingir o grau de perfeição que a

aproxima de Deus. Sabe que todas as almas, tendo um mesmo ponto de origem, são criadas iguais, com idêntica aptidão para progredir, em virtude do seu livre-arbítrio; que todas são da mesma essência e que não há entre elas diferença, senão quanto ao progresso realizado; que todas têm o mesmo destino e alcançarão a mesma meta, mais ou menos rapidamente, pelo trabalho e boa vontade.

Sabe que não há criaturas deserddadas, nem mais favorecidas umas do que outras; que Deus a nenhuma criou privilegiada e dispensada do trabalho imposto às outras para progredirem; que não há seres perpetuamente votados ao mal e ao sofrimento; que os que se designam pelo nome de *demônios* são Espíritos ainda atrasados e imperfeitos, que praticam o mal no espaço, como o praticavam na Terra, mas que se adiantarão e aperfeiçoarão; que os anjos ou Espíritos puros não são seres à parte na Criação, mas Espíritos que chegaram à meta, depois de terem percorrido a estrada do progresso; que, por essa forma, não há criações múltiplas, nem diferentes categorias entre os seres inteligentes, mas que toda a criação deriva da grande lei de unidade que rege o Universo e que todos os seres gravitam para um fim comum que é a perfeição, sem que uns sejam favorecidos à custa de outros, visto serem todos filhos das suas próprias obras.

[...].

33. - Se a razão repele, como incompatível com a bondade de Deus, a ideia das penas irremissíveis, perpétuas e absolutas, muitas vezes infligidas por uma única falta; a dos suplícios do inferno, que não podem ser minorados nem sequer pelo arrependimento mais ardente e mais sincero, a mesma razão se inclina diante dessa justiça distributiva e imparcial, que leva tudo em conta, que nunca fecha a porta ao arrependimento e estende constantemente a mão ao náufrago, em vez de o empurrar para o abismo.

34. - A pluralidade das existências, cujo princípio o Cristo estabeleceu no Evangelho, sem todavia defini-lo como a muitos outros, é uma das mais importantes leis reveladas pelo Espiritismo, pois que lhe demonstra a realidade e a necessidade para o progresso. Com esta lei, o homem explica todas as aparentes anomalias da vida humana; as diferenças de posição social; as mortes prematuras que, sem a reencarnação, tornariam inúteis à alma as existências breves; a desigualdade de aptidões intelectuais e morais, pela ancianidade do Espírito que mais ou menos aprendeu e progrediu, e traz, nascendo, o que adquiriu em suas existências anteriores.

35. - Com a doutrina da criação da alma no instante do nascimento, vem-se cair no sistema das criações

privilegiadas; os homens são estranhos uns aos outros, nada os liga, os laços de família são puramente carnavais; não são de nenhum modo solidários com um passado em que não existiam; com a doutrina do nada após a morte, todas as relações cessam com a vida; os seres humanos não são solidários no futuro. Pela reencarnação, são solidários no passado e no futuro e, como as suas relações se perpetuam, tanto no mundo espiritual como no corporal, a fraternidade tem por base as próprias leis da Natureza; o bem tem um objetivo e o mal consequências inevitáveis.

36. - Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça de servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade.

37. - Tirai ao homem o Espírito livre e independente, sobrevivente à matéria, e fareis dele uma

simples máquina organizada, sem finalidade, nem responsabilidade; sem outro freio além da lei civil e própria a ser explorada como um animal inteligente. Nada esperando depois da morte, nada obsta a que aumente os gozos do presente; se sofre, só tem a perspectiva do desespero e o nada como refúgio. Com a certeza do futuro, com a de encontrar de novo aqueles a quem amou e com o temor de tornar a ver aqueles a quem ofendeu, todas as suas ideias mudam. O Espiritismo, ainda que só fizesse forrar o homem à dúvida relativamente à vida futura, teria feito mais pelo seu aperfeiçoamento moral do que todas as leis disciplinares, que o detêm algumas vezes, mas que não o transformam.

38. - Sem a preexistência da alma, a doutrina do pecado original não seria somente inconciliável com a justiça de Deus, que tornaria todos os homens responsáveis pela falta de um só, seria também um contrassenso, e tanto menos justificável quanto, segundo essa doutrina, a alma não existia na época a que se pretende fazer que a sua responsabilidade remonte. Com a preexistência, o homem traz, ao renascer, o gérmen das suas imperfeições, dos defeitos de que não se corrigiu e que se traduzem pelos instintos naturais e pelos pendores para tal ou tal vício. É esse o seu verdadeiro pecado original, cujas consequências naturalmente sofre, mas com a diferença capital de que sofre a pena das suas

próprias faltas, e não das de outrem; e com a outra diferença, ao mesmo tempo consoladora, animadora e soberanamente equitativa, de que cada existência lhe oferece os meios de se redimir pela reparação e de progredir, quer despojando-se de alguma imperfeição, quer adquirindo novos conhecimentos e, assim, até que, suficientemente purificado, não necessite mais da vida corporal e possa viver exclusivamente a vida espiritual, eterna e bem-aventurada.

Pela mesma razão, aquele que progrediu moralmente traz, ao renascer, qualidades naturais, como o que progrediu intelectualmente traz ideias inatas; identificado com o bem, pratica-o sem esforço, sem cálculo e, por assim dizer, sem pensar. Aquele que é obrigado a combater as suas más tendências vive ainda em luta; o primeiro já venceu, o segundo procura vencer. *A mesma causa produz o pecado original e a virtude original.* ⁽⁹¹⁾ ⁽⁹²⁾

Dezembro/1867: Revista Espírita

Trecho do artigo **Carta de Benjamim Franklin à Sra. Jone Mecone sobre a preexistência**

Na *Revista* de agosto de 1865 demos o epitáfio de Franklin, escrito por ele próprio e que é assim concebido:

“Aqui repousa, entregue aos vermes, o corpo de

Benjamin Franklin, impressor, como a capa de um velho livro cujas folhas foram arrancadas, e cujo título e douração se apagaram. Mas nem por isto a obra ficará perdida, pois, *como acredito*, reaparecerá em nova e melhor edição, revista e corrigida pelo autor.”

Ainda uma das grandes doutrinas do Espiritismo, a pluralidade das existências, professada, há mais de um século, por um homem considerado com toda a razão como uma das luzes da Humanidade. Aliás, esta ideia é tão lógica, tão evidente pelos fatos que diariamente temos aos nossos olhos, que está no estado de intuição numa multidão de criaturas. De fato, hoje é admitida por inteligências de escol, como princípio filosófico, fora do Espiritismo. O Espiritismo não a inventou, mas a demonstrou e provou; e, do estado de simples teoria, a fez passar ao de fato positivo. É uma das numerosas portas abertas às ideias espíritas, porque, conforme explicamos em outra circunstância, admitido esse ponto de partida, de dedução em dedução chega-se forçosamente a tudo o que ensina o Espiritismo. (93)

Ano 1868 - A Gênese e Revista Espírita

Janeiro/1868: A Gênese

Encarnação dos Espíritos ⁽⁹⁴⁾

20. A observação também assinala um fenômeno particular que sempre acompanha a encarnação do espírito. Uma vez capturado pelo laço fluídico que o prende ao embrião, o espírito entra em estado de perturbação, que aumenta à medida que o laço se aperta; nos últimos momentos, o espírito perde toda a consciência de si mesmo, de sorte que ele jamais é testemunha consciente do seu nascimento. No momento em que a criança respira, o espírito começa a recobrar as suas faculdades, que se desenvolvem à proporção que se formam e se consolidam os órgãos que devem servir às suas manifestações. Aqui ainda sobressai a sabedoria que preside todas as partes da obra da criação. Faculdades muito ativas usariam e destruiriam órgãos delicados apenas esboçados; eis por que sua energia é proporcional à força de resistência desses órgãos.

21. Mas, ao mesmo tempo que o espírito recobra a consciência de si mesmo, perde a lembrança do seu passado, sem perder as faculdades, as qualidades e as

aptidões adquiridas anteriormente, aptidões que haviam ficado temporariamente em estado latente e que, retomando sua atividade, vão ajudá-lo a fazer mais e melhor do que fizera antes. O espírito renasce na condição que adquirira pelo seu trabalho anterior; para ele é um novo ponto de partida, um novo degrau a subir. Aqui a bondade do Criador ainda se manifesta, uma vez que a lembrança do passado, muitas vezes penosa e humilhante, somada às amarguras de sua nova existência, poderia perturbá-lo e criar-lhe embaraços. Ele se lembra apenas do que aprendeu, porque isto lhe é útil. Se, às vezes, ele conserva uma vaga intuição dos acontecimentos do passado, essa intuição é como a lembrança de um sonho fugaz. É, pois, um novo homem, por mais antigo que seja seu espírito. Ele triunfa sobre novos erros, auxiliado pelo que adquiriu. Quando retorna à vida espiritual, seu passado se desdobra diante dos seus olhos e ele, então, julga se empregou bem ou mal o seu tempo.

22. Não há, portanto, solução de continuidade na vida espiritual, apesar do esquecimento do passado. *O espírito é sempre ele*, antes, durante e depois da encarnação; a encarnação é apenas uma fase especial da sua existência. O próprio esquecimento ocorre apenas durante a vida exterior de relação; durante o sono, parcialmente desprendido dos liames carnis, restituído à

liberdade e à vida espiritual, o espírito se lembra, pois sua visão espiritual não está mais tão obscurecida pela matéria.

23. Considerando-se a humanidade no seu grau mais inferior da escala intelectual, entre os selvagens mais atrasados, pergunta-se se é esse o ponto de partida da alma humana.

Segundo a opinião de alguns filósofos espiritualistas, o princípio inteligente, distinto do princípio material, se individualiza, se elabora, passando pelos diversos graus da animalidade. É aí que a alma se ensaia para a vida e desenvolve, pelo exercício, as suas primeiras faculdades; esse seria, digamos assim, o seu período de incubação. Chegando ao grau de desenvolvimento que essa fase comporta, ela recebe as faculdades especiais que constituem a alma humana. Haveria assim filiação espiritual, como há filiação corporal.

Essa teoria, baseada na grande lei de unidade que preside à criação, corresponde, é preciso convir, à justiça e à bondade do Criador. Ela dá uma saída, uma finalidade, um destino aos animais, que não são mais seres deserdados, mas que encontram, no futuro que lhes está reservado, uma compensação para os seus sofrimentos. O que constitui o homem espiritual não é a sua origem,

mas os atributos especiais de que é dotado ao entrar na humanidade, atributos que o transformam e fazem dele um ser distinto, assim como o fruto saboroso é distinto da raiz amarga de onde ele saiu. Por haver passado pela feira da animalidade, o homem não seria menos homem; não seria mais animal, como o fruto não é a raiz, como o sábio não é o feto informe pelo qual ele veio ao mundo.

Essa teoria, porém, levanta numerosas questões cujos prós e contras não seria oportuno discutir aqui, assim como não o seria analisar as diversas hipóteses que foram formuladas a esse respeito. Portanto, sem pesquisar a origem da alma, e as experiências pelas quais ela tenha podido passar, vamos considerá-la *ao entrar na humanidade*, no ponto em que, dotada do senso moral e do livre-arbítrio, ela começa a ficar sujeita à responsabilidade dos seus atos. ⁽⁹⁵⁾

Janeiro/1868: A Gênese

Reencarnação ⁽⁹⁶⁾

32. O princípio da reencarnação é uma consequência fatal da lei do progresso. Sem a reencarnação, como explicar a diferença que existe entre o estado social de hoje e o dos tempos de barbárie? Se as almas são criadas ao mesmo tempo que os corpos, as que nascem hoje são tão novas, tão primitivas, quanto as

que viviam há mil anos. Acrescente-se que não há entre elas nenhuma conexão, nenhuma relação necessária, e que elas são completamente independentes umas das outras. Por que, então, as almas de hoje seriam melhor dotadas por Deus do que as suas precedentes? Por que compreendem melhor? Por que possuem instintos mais apurados, costumes mais brandos? Por que têm a intuição de certas coisas, sem que as tenham aprendido? Duvidamos que se possa sair desse raciocínio, a menos que se admita que Deus cria almas de diversas qualidades, de acordo com os tempos e os lugares, proposição inconciliável com a ideia de uma justiça soberana.

Admitindo-se, ao contrário, que as almas de agora já viveram em tempos distantes; que, possivelmente, foram bárbaras como os séculos em que estiveram no mundo, mas que progrediram; que a cada nova existência trazem o que adquiriram nas existências anteriores; que, conseqüentemente, as almas dos tempos civilizados não foram criadas mais perfeitas, mas se aperfeiçoaram por si mesmas com o tempo, teremos a única explicação plausível da causa do progresso social. (*O Livro dos Espíritos*, 2a Parte, caps. IV e V.) ⁽⁹⁷⁾

Abril/1868: Revista Espírita

Comentários de Allan Kardec à mensagem **Instrução das mulheres**, assinada por *Um Espírito*:

Temos dito e repetido muitas vezes: a emancipação da mulher será a consequência da difusão do Espiritismo, porque ele funda os seus direitos, não numa ideia filosófica generosa, mas sobre a própria identidade do Espírito. Provando que não há Espíritos homens e Espíritos mulheres, que todos têm a mesma essência, a mesma origem e o mesmo destino, ele consagra a igualdade dos direitos. A grande lei da reencarnação vem, além disso, sancionar este princípio. Desde que os mesmos Espíritos podem encarnar, ora como homens, ora como mulheres, disso resulta que o homem que escraviza a mulher poderá ser escravizado por sua vez; que, assim, trabalhando pela emancipação das mulheres, os homens trabalham pela emancipação geral e, por conseguinte, em proveito próprio. As mulheres têm, pois, um interesse direto na propagação do Espiritismo, porque ele fornece em apoio de sua causa os mais poderosos argumentos que jamais foram invocados. (Vide a *Revista Espírita*, janeiro de 1866; junho de 1867). (98)

Maió/1868: Revista Espírita

Trecho do artigo **A Fome na Argélia**

Os Espíritos não se enganaram quando anunciaram

que flagelos de toda sorte devastariam a Terra. Sabe-se que a Argélia não é o único país em provação. Na *Revista* de julho de 1867, descrevemos a terrível doença que, há um ano, flagelava a ilha Maurício. Uma carta recente diz, que à doença, vieram juntar-se novas desgraças, e muitas outras regiões neste momento são vítimas de acontecimentos desastrosos.

Deve-se acusar a Providência por todas essas misérias? Não, mas a ignorância, a incúria, consequências da ignorância, o egoísmo, o orgulho e as paixões dos homens. Deus só quer o bem; fez tudo para o bem; deu aos homens os meios para serem felizes: a estes cabe aplicá-los, se não quiserem adquirir a experiência à própria custa. Seria fácil demonstrar que todos os flagelos poderiam ser conjurados, ou pelo menos atenuados, de maneira a lhes paralisar os efeitos; é o que faremos ulteriormente, numa obra especial. Os homens não devem culpar senão a si mesmos pelos males que suportam. A Argélia nos oferece neste momento um notável exemplo: são as populações árabes, despreocupadas e imprevidentes, embrutecidas pelo fanatismo, que sofrem fome, ao passo que os europeus souberam prevenir-se contra ela. Mas há outros flagelos, não menos desastrosos, contra os quais estes últimos ainda não souberam premunir-se

A própria violência do mal constrangerá os homens a buscarem o remédio; e, quando, inutilmente, tiverem esgotado os paliativos, compreenderão a necessidade de atacar o mal na própria raiz, por meios heroicos. Este será um dos resultados da transformação que se opera na Humanidade.

Mas, dirão, que importa aos que sofrem agora a felicidade das gerações futuras? Terão tido o trabalho e os outros o proveito; terão trabalhado, suportado o fardo de todas as misérias inseparáveis da ignorância, preparado os caminhos, e os outros colherão, porque Deus os terá feito nascer em tempos melhores. Que faz às vítimas da exaustão da Idade Média o regime mais saudável no qual vivemos? Pode-se chamar a isto de justiça?

É notório que, até hoje, nenhuma filosofia, nenhuma doutrina religiosa tinha resolvido esta grave questão, de tão poderoso interesse, entretanto, para a Humanidade. Só o Espiritismo lhe dá uma solução racional pela reencarnação, essa chave de tantos problemas, que se julgavam insolúveis. Em virtude da pluralidade das existências, as gerações que se sucedem são compostas das mesmas individualidades espirituais, que renascem em diferentes épocas e aproveitam os melhoramentos que elas próprias prepararam, da experiência que adquiriram no passado. São novos homens que nascem;

são os mesmos homens que renascem mais adiantados. Trabalhando cada geração para o futuro, na realidade trabalha para sua própria conta. A Idade Média foi, seguramente, uma época muito calamitosa; revivendo hoje, os homens daquele tempo se beneficiam do progresso realizado e são mais felizes, porque têm melhores instituições. Mas quem fez melhores estas instituições? Os mesmos que outrora as tinham feito más. Devendo os de hoje reviver mais tarde, num meio ainda mais depurado, recolherão o que houverem semeado; serão mais esclarecidos, e nem os seus sofrimentos, nem os seus trabalhos anteriores terão sido em vão. Que coragem, que resignação não lhes daria esta ideia, inculcada no espírito dos homens! (Vide *A Gênese*, cap. XVIII, nos 34 e 35). ⁽⁹⁹⁾

Junho/1868: Revista Espírita

Trecho dos comentários de Allan Kardec à obra **A Religião e a política na sociedade moderna**

Os espíritas fazem da alma uma ideia mais clara e mais precisa; não é um ser vago e abstrato, mas um ser definido, que reveste uma forma concreta, limitada, circunscrita. Independentemente da inteligência, que é a sua essência, ela tem atributos e efeitos especiais, que constituem os princípios fundamentais de sua doutrina.

Admitem: o corpo fluídico ou perispírito; o progresso indefinido da alma; a reencarnação ou pluralidade das existências, como necessidade do progresso; a pluralidade dos mundos habitados; a presença em nosso meio das almas ou Espíritos que viveram na Terra e a continuação de sua solicitude pelos vivos; a perpetuidade das afeições; a solidariedade universal, que liga os vivos e os mortos; os Espíritos de todos os mundos e, em consequência, a eficácia da prece; a possibilidade de comunicação com os Espíritos dos que não vivem mais; no homem, a visão espiritual ou física, que é um efeito da alma.

Rejeitam o dogma das penas eternas, irremissíveis, como inconciliável com a justiça de Deus; mas admitem que a alma, depois da morte, sofra e suporte as consequências de todo o mal que fez durante a vida, de todo o bem que poderia ter feito e não fez. Seus sofrimentos são a consequência natural de seus atos; duram enquanto durar a perversidade ou a inferioridade moral do Espírito; diminuem à medida que ele se melhora e cessam pela reparação do mal, reparação que ocorre nas existências corporais sucessivas. Tendo sempre sua liberdade de ação, o Espírito é, assim, o próprio artífice de sua felicidade e de sua desgraça, neste mundo e no outro. O homem não é levado fatalmente nem ao bem, nem ao mal; realiza um e outro por sua vontade e se

aperfeiçoa pela experiência. Em decorrência desse princípio, os espíritas não admitem os demônios fadados ao mal, nem a criação especial de anjos predestinados à felicidade infinita, sem terem tido o trabalho de a merecer. Os demônios são Espíritos humanos ainda imperfeitos, mas que melhorarão com o tempo; os anjos, Espíritos chegados à perfeição, depois de haverem passado, como os outros, por todos os graus da inferioridade.

O Espiritismo não admite, para cada um, senão a responsabilidade de seus próprios atos; segundo ele, o pecado original é pessoal, consistindo nas imperfeições que cada indivíduo traz ao nascer, porque delas ainda não se despojou em suas existências precedentes, e cujas consequências sofre naturalmente na existência atual.

Também não admite, como suprema recompensa final, a inútil e beata contemplação dos eleitos por toda a eternidade; mas, ao contrário, uma atividade incessante de alto a baixo da escala dos seres, em que cada um tem atribuições em conformidade com o seu grau de adiantamento.

Tal é, de forma muito resumida, a base das crenças espíritas. [...].⁽¹⁰⁰⁾

Julho/1868: Revista Espírita

Trecho do artigo **A Ciência da concordância dos Números e a Fatalidade**

Tendo o homem o seu livre-arbítrio, a fatalidade não participa de suas ações individuais; quanto aos acontecimentos da vida privada, que por vezes parecem atingi-lo fatalmente, têm duas fontes bem distintas: uns são consequência direta de sua conduta na existência presente; muitas pessoas são infelizes, doentes, enfermas por sua falta; muitos acidentes são resultado da imprevidência; ele não pode queixar-se senão de si mesmo, e não da fatalidade ou, como se diz, de sua má estrela. Os outros são completamente independentes da vida presente e, por isto mesmo, parecem devidos a uma certa fatalidade; mas, ainda aqui, o Espiritismo nos demonstra que essa fatalidade é apenas aparente, e que certas situações penosas da vida têm sua razão de ser na pluralidade das existências. O Espírito as escolheu voluntariamente na erraticidade, antes de sua encarnação, como provações para o seu adiantamento; elas são, pois, produto do livre-arbítrio, e não da fatalidade. Se algumas vezes são impostas, como expiação, por uma vontade superior, é ainda em razão das más ações voluntariamente cometidas pelo homem numa precedente existência, e não como consequência de uma lei fatal, pois ele poderia tê-las evitado, agindo de outro modo.

A fatalidade é o freio imposto ao homem por uma vontade superior à sua, e mais sábia que ele, em tudo o que não é deixado à sua iniciativa; mas jamais é um entrave ao exercício de seu livre-arbítrio, no que concerne às suas ações pessoais. Ela também não pode impor-lhe nem o mal, nem o bem; desculpar uma ação má qualquer pela fatalidade ou, como se diz muitas vezes, pelo destino, seria abdicar do julgamento que Deus lhe deu, para pesar o pró e o contra, a oportunidade ou a inoportunidade, as vantagens ou os inconvenientes de cada coisa. Se um acontecimento está no destino de um homem, ele se realizará, a despeito de sua vontade, e será sempre para o seu bem; mas as circunstâncias da realização dependem do uso que ele faça de seu livre-arbítrio, e muitas vezes ele pode fazer redundar em seu prejuízo o que deveria ser um bem, se agir com imprevidência, e se se deixar arrastar pelas paixões. Engana-se mais ainda se toma o seu desejo ou os desvios de sua imaginação por seu destino. [...]. ⁽¹⁰¹⁾

Outubro/1868: Revista Espírita

Trecho do artigo **Doutrina de Lao-Tseu - Filosofia chinesa**

[...] O Espiritismo, demonstrando que o progresso é uma lei da Natureza, precisa melhor este pensamento,

dizendo que é necessário tratar o homem vicioso como podendo e devendo um dia, em consequência de suas existências sucessivas, tornar-se virtuoso, para o que lhe devemos fornecer os meios, em vez de o relegar entre os párias da danação eterna e pensando que nós próprios talvez tivéssemos sido piores do que ele. ⁽¹⁰²⁾

Outubro/1868: Revista Espírita

Efeito Moralizador da Reencarnação

O *Figaro* ⁽¹⁰³⁾ de 5 de abril de 1868, o mesmo jornal que, dois dias antes, publicava esta definição de imortalidade: “*Conto de enfermeiros, para tranquilizar seus clientes*”, e a carta referida no artigo precedente, continha o seguinte artigo:

“O compositor E... acredita firmemente na migração das almas. Ele conta, de boa vontade, que em séculos anteriores foi escravo grego, depois histrião e compositor italiano célebre, mas invejoso, impedindo os seus confrades de produzir...

“- Hoje sou punido por isto, acrescenta ele com filosofia; é a minha vez de ser sacrificado e me ver barrados os caminhos!

“Esta maneira de consolar bem vale uma outra.”

Esta ideia é puro Espiritismo, porque não só é o

princípio da pluralidade das existências, mas o da expiação do passado, pela pena de talião, nas existências sucessivas, segundo a máxima: “Sempre se é punido por onde se pecou.” Esse compositor assim explica as suas tribulações; consola-se pelo pensamento de que não tem senão o que merece; a consequência deste pensamento é que, para não o merecer novamente, é de seu próprio interesse buscar melhorar-se; isto não é melhor do que queimar o cérebro, o que logicamente o conduziria ao pensamento do nada?

Esta crença é, pois, uma causa poderosa e muito natural de moralização; é surpreendente pela atualidade e pelo fato material das misérias que se suporta e que, por não se poder explicá-las, são levadas à conta de fatalidade ou de injustiça de Deus. Ela é compreensível para todo o mundo, para a criança e para o homem mais iletrado, porque nem é abstrata, nem metafísica. Não há ninguém que não compreenda que já se possa ter vivido, e que se já viveu, pode viver ainda. Considerando-se que não é o corpo que pode reviver, é a sanção mais patente da existência da alma, de sua individualidade e de sua imortalidade.

É, pois, para a popularizar que devem tender os esforços de todos os que se ocupam seriamente do melhoramento das massas; é para eles uma poderosa

alavanca, com a qual farão mais do que pela ideia dos diabos e do inferno, de que hoje se riem.

Como ela está na ordem do dia, germina de todos os lados e sua lógica o faz aceitar facilmente, muito naturalmente ela abre aos espíritas uma porta para a propagação da doutrina. Que se liguem, pois, a essa ideia, da qual ninguém ri, que é aceita pelos mais sérios pensadores e farão mais prosélitos por esta via do que pela das manifestações materiais. Desde que é hoje a corda sensível, é esta que se deve atacar; e quando tiver vibrado, o resto virá por si mesmo. [...]. ⁽¹⁰⁴⁾

Ano 1869 - Revista Espírita

Abril/1869: Revista Espírita

Trecho do artigo *Profissão de fé espírita americana*

Em que, então, o Espiritismo americano difere do Espiritismo europeu? Seria porque um se chama *Espiritualismo* e o outro *Espiritismo*? Questão pueril de palavras, sobre a qual seria supérfluo insistir. Dos dois lados a coisa é vista de um ponto de vista muito elevado para se prender a semelhante futilidade. Talvez ainda difiram em alguns pontos de forma e de detalhes, muito insignificantes, e que se devem mais aos meios e aos costumes de cada país, do que ao fundo da Doutrina. O essencial é que haja concordância sobre os pontos fundamentais, e é o que ressalta com evidência da comparação acima.

Ambos reconhecem o progresso indefinido da alma como a lei essencial do futuro; ambos admitem a pluralidade das existências sucessivas em mundos cada vez mais avançados. A única diferença consiste em que o Espiritismo europeu admite essa pluralidade de existências na Terra, até que o Espírito aqui tenha

atingido o grau de adiantamento intelectual e moral que comporta este globo, após o que o deixa para outros mundos, onde adquire novas qualidades e novos conhecimentos. De acordo com a ideia principal, não diferem senão quanto a um dos modos de aplicação. Poderá estar aí uma causa de antagonismo entre gente que persegue um grande objetivo humanitário?

Aliás, o princípio da reencarnação na Terra não é peculiar ao Espiritismo europeu; era um ponto fundamental da doutrina druídica; em nossos dias foi proclamado antes do Espiritismo por ilustres filósofos, tais como Dupont de Nemours, Charles Fourier, Jean Reynaud, etc. Poder-se-ia fazer uma lista interminável de escritores de todas as nações, poetas, romancistas e outros que o afirmaram em suas obras; nos Estados Unidos citaremos Benjamin Franklin e a Sra. Beecher-Stove, autora de *A Cabana do Pai Tomás*.

Assim, nem somos o seu criador, nem o seu inventor. Hoje ele tende a tomar lugar na filosofia moderna, fora do Espiritismo, como única solução possível e racional de uma imensidade de problemas psicológicos e morais, até agora inexplicáveis. Não é aqui o lugar de discutir essa questão, para cujo desenvolvimento remetemos o leitor à introdução de *O Livro dos Espíritos*, e ao capítulo IV de *O Evangelho*

segundo o Espiritismo. De duas, uma: esse princípio é verdadeiro, ou não o é; se é verdadeiro, é uma lei e, como toda lei da Natureza, não são as opiniões contrárias de alguns homens que o impedirão de ser uma verdade e de ser aceito.

Já explicamos muitas vezes as causas que se haviam oposto à sua introdução no Espiritismo americano; essas causas desaparecem dia a dia, e é do nosso conhecimento que já encontra numerosas simpatias naquele país. Aliás, o programa acima, dele não fala. Se não é proclamado, não é contestado. Pode-se mesmo dizer que ressalta implicitamente, como consequência inevitável de certas afirmações.

Em suma, como se vê, a maior barreira que separa os espíritas dos dois continentes é o oceano, através do qual podem perfeitamente dar-se as mãos. ⁽¹⁰⁵⁾

Junho/1869: Revista Espírita

Artigo completo: **O Caminho da Vida (Obras Póstumas)** ⁽¹⁰⁶⁾ ⁽¹⁰⁷⁾

A questão da pluralidade das existências há desde longo tempo preocupado os filósofos e mais de um reconheceu na anterioridade da alma a única solução possível para os mais importantes problemas da

psicologia. Sem esse princípio, eles se encontraram detidos a cada passo, encurralados num beco sem saída, donde somente puderam escapar com o auxílio da pluralidade das existências.

A maior objeção que podem fazer a essa teoria é a da ausência de lembranças das existências anteriores. Com efeito, uma sucessão de existências inconscientes umas das outras; deixar um corpo para tomar outro sem a memória do passado equivaleria ao nada, visto que seria o nada quanto ao pensamento; seria uma multiplicidade de novos pontos de partida, sem ligação entre si; seria a ruptura incessante de todas as afeições que fazem o encanto da vida presente, a mais doce e consoladora esperança do futuro; seria, afinal, a negação de toda a responsabilidade moral. Semelhante doutrina seria tão inadmissível e tão incompatível com a justiça divina, quanto a de uma única existência com a perspectiva de uma eternidade de penas por algumas faltas temporárias. Compreende-se então que os que formam semelhante ideia da reencarnação a repilam; mas, não é assim que o Espiritismo no-la apresenta.

A existência espiritual da alma, diz ele, é a sua existência normal, com indefinida lembrança retrospectiva. As existências corpóreas são apenas intervalos, curtas estações na existência espiritual, sendo

a soma de todas as estações apenas uma parcela mínima de existência normal, absolutamente como se, numa viagem de muitos anos, de tempos a tempos o viajor parasse durante algumas horas. Embora pareça que, durante as existências corporais, há solução de continuidade, por ausência de lembrança, a ligação efetivamente se estabelece no curso da vida espiritual, que não sofre interrupção. A solução de continuidade, realmente, só existe para a vida corpórea e de relação, e a ausência, aí, da lembrança prova a sabedoria da Providência que assim evitou fosse o homem por demais desviado da vida real, onde ele tem deveres a cumprir; mas, quando o corpo se acha em repouso, durante o sono, a alma levanta o voo parcialmente e restabelece-se então a cadeia interrompida apenas durante a vigília.

A isto ainda se pode opor uma objeção, perguntando que proveito pode o homem tirar de suas existências anteriores, para melhorar-se, dado que ele não se lembra das faltas que haja cometido. O Espiritismo responde, primeiro, que a lembrança de existências desgraçadas, juntando-se às misérias da vida presente, ainda mais penosa tornaria esta última. Desse modo, poupou Deus às suas criaturas um acréscimo de sofrimentos. Se assim não fosse, qual não seria a nossa humilhação, ao pensarmos no que já fôramos! Para o nosso melhoramento, aquela recordação seria inútil.

Durante cada existência, sempre damos alguns passos para a frente, adquirimos algumas qualidades e nos despojamos de algumas imperfeições. Cada uma de tais existências é, portanto, um novo ponto de partida, em que somos qual nos houvermos feito, em que nos tomamos pelo que somos, sem nos preocuparmos com o que tenhamos sido. Se, numa existência anterior, fomos antropófagos, que importa isso, desde que já não o somos? Se tivemos um defeito qualquer, de que já não conservamos vestígio, aí está uma conta saldada, de que não mais nos cumpre cogitar. Suponhamos que, ao contrário, se trate de um defeito apenas meio corrigido: o restante ficará para a vida seguinte e a corrigi-lo é do que nesta devemos cuidar.

Tomemos um exemplo: um homem foi assassino e ladrão e foi punido, quer na vida corpórea, quer na vida espiritual; ele se arrepende e corrige do primeiro pendor, porém, não do segundo. Na existência seguinte, será apenas ladrão, talvez um grande ladrão, porém, não mais assassino. Mais um passo para diante e já não será mais que um ladrão obscuro; pouco mais tarde já não roubará, mas poderá ter a veleidade de roubar, que a sua consciência neutralizará. Depois, um derradeiro esforço e, havendo desaparecido todo vestígio da enfermidade moral, será um modelo de probidade. Que lhe importa então o que ele foi? A lembrança de ter acabado no

cadafalso não seria uma tortura e uma humilhação constantes?

Aplicai este raciocínio a todos os vícios, a todos os desvios, e podereis ver como a alma se melhora, passando e tornando a passar pelos cadinhos da encarnação. Não terá sido Deus mais justo com o tornar o homem árbitro da sua própria sorte, pelos esforços que empregue por se melhorar, do que se fizesse que sua alma nascesse ao mesmo tempo que seu corpo e o condenasse a tormentos perpétuos por erros passageiros, sem lhe conceder meios de purificar-se de suas imperfeições? Pela pluralidade das existências, nas suas mãos está o seu futuro. Se ele gasta longo tempo a se melhorar, sofre as consequências dessa maneira de proceder: é a suprema justiça; a esperança, porém, jamais lhe é interdita.

A seguinte comparação pode ajudar a tornar compreensíveis as peripécias da vida da alma:

Suponhamos uma estrada longa, em cuja extensão se encontram, de distância em distância, mas com intervalos desiguais, florestas que se tem de atravessar e, à entrada de cada uma, a estrada, larga e magnífica, se interrompe, para só continuar à saída. O viajor segue por essa estrada e penetra na primeira floresta. Aí, porém, não dá com caminho aberto; depara-se-lhe, ao contrário,

um dédalo inextricável em que ele se perde. A claridade do Sol há desaparecido sob a espessa ramagem das árvores. Ele vagueia, sem saber para onde se dirige. Afinal, depois de inauditas fadigas, chega aos confins da floresta, mas extenuado, dilacerado pelos espinhos, machucado pelos pedrouços. Lá, descobre de novo a estrada e prossegue a sua jornada, procurando curar-se das feridas.

Mais adiante, segunda floresta se lhe depara, onde o esperam as mesmas dificuldades. Mas, ele já possui um pouco de experiência e dela sai menos contundido. Noutra, topa com um lenhador que lhe indica a direção que deve seguir para se não transviar. A cada nova travessia, aumenta a sua habilidade, de maneira que transpõe cada vez mais facilmente os obstáculos. Certo de que à saída encontrará de novo a boa estrada, firma-se nessa certeza; depois, já sabe orientar-se para achá-la com mais facilidade. A estrada finaliza no cume de uma montanha altíssima, donde ele descortina todo o caminho que percorreu desde o ponto de partida. Vê também as diferentes florestas que atravessou e se lembra das vicissitudes por que passou, mas essa lembrança não lhe é penosa, porque chegou ao termo da caminhada. É qual velho soldado que, na calma do lar doméstico, recorda as batalhas a que assistiu. Aquelas florestas que pontilhavam a estrada lhe são como que pontos negros

sobre uma fita branca e ele diz a si mesmo: “Quando eu estava naquelas florestas, nas primeiras, sobretudo, como me pareciam longas de atravessar! Figurava-se-me que nunca chegaria ao fim; tudo ao meu redor me parecia gigantesco e intransponível. E quando penso que, sem aquele bondoso lenhador que me pôs no bom caminho, talvez eu ainda lá estivesse! Agora, que contemplo essas mesmas florestas do ponto onde me acho, como se me apresentam pequeninas! Afigura-se-me que de um passo teria podido transpô-las; ainda mais, a minha vista as penetra e lhes distingo os menores detalhes; percebo até os passos em falso que dei.”

Diz-lhe então um ancião: - “Meu filho, eis-te chegado ao termo da viagem; mas, um repouso indefinido causar-te-á tédio mortal e tu te porias a ter saudades das vicissitudes que experimentaste e que te davam atividade aos membros e ao espírito. Vês daqui grande número de viajantes na estrada que percorreste e que, como tu, correm o risco de transviar-se; tens experiência, nada mais temas: vai-lhes ao encontro e procura com teus conselhos guiá-los, a fim de que cheguem mais depressa.”

- Irei com alegria, replica o nosso homem; entretanto, pergunto: por que não há uma estrada direta desde o ponto de partida até aqui? Isso forraria aos

viajantes o terem de atravessar aquelas abomináveis florestas.

- Meu filho, retruca o ancião, atenta bem e verás que muitos evitam a travessia de algumas delas: são os que, tendo adquirido mais de pronto a experiência necessária, sabem tomar um caminho mais direto e mais curto para chegarem aqui. Essa experiência, porém, é fruto do trabalho que as primeiras travessias lhes impuseram, de sorte que eles aqui aportam em virtude do mérito próprio. Que é o que saberias, se por lá não houvesse passado? A atividade que houveste de desenvolver, os recursos de imaginação que precisaste empregar para abrir caminho aumentaram os teus conhecimentos e desenvolveram a tua inteligência. Sem que tal se desse, serias tão noviço quanto o eras à partida. Ademais, procurando safar-te dos tropeços, contribuístes para o melhoramento das florestas que atravessaste. O que fizeste foi pouca coisa, imperceptível mesmo; pensa, contudo, nos milhares de viajores que fazem outro tanto e que, trabalhando para si mesmos, trabalham, sem o perceberem, para o bem comum. Não é justo que recebam o salário de suas penas no repouso de que gozam aqui? Que direito lhes caberia a esse repouso, se nada houvessem feito?

- Meu pai, responde o viajor, numa das florestas,

encontrei um homem que disse: “Na orla há um imenso abismo a ser transposto de um salto; mas, de mil, apenas um só o consegue; todos os outros lhe caem no fundo, numa fornalha ardente e ficam perdidos sem remissão. Esse abismo eu não o vi.”

- Meu filho, é que ele não existe, pois, do contrário, seria uma cilada abominável, armada a todos os que para lá se dirigem. Bem sei que lhes cabe vencer dificuldades, mas igualmente sei que cedo ou tarde as vencerão. Se eu houvera criado impossibilidades para um só que fosse, sabendo que esse sucumbiria, teria praticado uma crueldade, que avultaria imenso, se atingisse a maioria dos viajores. Esse abismo é uma alegoria, cuja explicação vais receber. Olha para a estrada e observa os intervalos das florestas. Entre os viajantes, alguns vês que caminham com passo lento e semblante jovial; vê aqueles amigos, que se tinham perdido de vista nos labirintos da floresta, como se sentem ditosos, por se haverem de novo encontrado ao deixarem-na. Mas, a par deles, outros há que se arrastam penosamente; estão estropiados e imploram a compaixão dos que passam, pois que sofrem atrozmente das feridas de que, por culpa própria, se cobriram, atravessando os espinheiros. Curar-se-ão, no entanto, e isso lhes constituirá uma lição da qual tirarão proveito na floresta seguinte, donde sairão menos machucados. O abismo simboliza os males que eles

experimentam e, dizendo que de mil apenas um o transpõe, aquele homem teve razão, porquanto enorme é o número dos imprudentes; errou, porém, quando disse que aquele que ali cair não mais sairá. Para chegar a mim, o que tombou encontra sempre uma saída. Vai, meu filho, vai mostrar essa saída aos que estão no fundo do abismo; vai amparar os feridos que se arrastam pela estrada e mostrar o caminho aos que se embrenharam pelas florestas.

A estrada é a imagem da vida espiritual da alma e em cujo percurso esta é mais ou menos feliz. As florestas são as existências corpóreas, em que ela trabalha pelo seu adiantamento, ao mesmo tempo que na obra geral. O caminheiro que chega ao fim e que volta para ajudar os que vêm atrasados figura os anjos guardiães, os missionários de Deus, que se sentem venturosos em vê-lo, como, também, no desdobrarem suas atividades para fazer o bem e obedecer ao supremo Senhor.

Allan Kardec (108)

Considerações Finais

Esperamos que esse levantamento possa ajudar aos estudiosos em seus artigos e aos expositores fornecendo-lhes mais detalhes do pensamento de Allan Kardec sobre o tema reencarnação.

No ebook ***Reencarnação (Série Espiritismo na Bíblia)***, disponibilizado em nosso site (¹⁰⁹), pesquisamos a pluralidade das existências nos textos bíblicos, nós o recomendamos aos interessados na temática.

Caso você, caro leitor, encontre algo que aqui não foi citado, favor nos informar através do nosso endereço de e-mail: paulosnetos@gmail.com.

Referências bibliográficas

Livros:

- KARDEC, A. **A Gênese** – PDF. (Trad.: Albertina Escudeiro Sêco)
Rio de Janeiro: CELD, 2010.
- KARDEC, A. **O Céu e o Inferno** – PDF. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. **O Evangelho Segundo o Espiritismo** – PDF.
Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. **O Livro dos Espíritos** – PDF. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. **O Livro dos Espíritos - Primeira Edição de 1857**. São Paulo: IPECE, 2004.
- KARDEC, A. **O Primeiro Livro dos Espíritos** – PDF. São Paulo:
Cia Editora Ismael, 1957.
- KARDEC, A. **O que é o Espiritismo** – PDF. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1858** – PDF. Brasília: FEB, 2008.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1859** – PDF. Brasília: FEB, 2008.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1860** – PDF. Brasília: FEB, 2009.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1861** – PDF. Brasília: FEB, 2008.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1862** – PDF. Brasília: FEB, 2008.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1863** – PDF. Brasília: FEB, 2008.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1864** – PDF. Brasília: FEB, 2008.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1865** – PDF. Brasília: FEB, 2008.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1866** – PDF. Brasília: FEB, 2008.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1867** – PDF. Brasília: FEB, 2008.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1868** – PDF. Brasília: FEB, 2008.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1869** – PDF. Brasília: FEB, 2009.

Internet:

NOVAES, H. A. *A Reencarnação no Evangelho*, disponível em: http://www.oconsolador.com.br/editora/1a50/A_Reencarnacao_no_Evangelho.htm

SILVA NETO SOBRINHO, P. *A reencarnação é um dogma dos espíritas?*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/reencarnacao-e-um-dogma-dos-espíritas-a> Acesso em: 24 abr. 2026.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Reencarnação (Série Espiritismo na Bíblia)*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/seb-reencarnacao-ebook> Acesso em: 24 abr. 2026.

Imagens:

Capa:

<https://circuloescola.com/wp-content/uploads/2020/08/allan-kardec-circulo-1024x576.jpg> Acesso em: 24 abr. 2026.

Dados biográficos do organizador



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Participa do **GAE** - Grupo de Apologética Espírita (<https://apologiaespirita.com.br/>), desde o ano de 2004, quando de sua fundação.

Escreveu vários artigos e ebooks que estão publicados em seu site **Paulo Neto** (<https://paulosnetos.net>) e em outros sites Espíritas na Web, entre eles, **EVOC** (https://www.oconsolador.com.br/editora/ordem_autor.htm)

Livros publicados por Editoras:

a) impressos: 1) *A Bíblia à Moda da Casa*; 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*; 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas*; 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica*; 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação*; 6) *Kardec & Chico: 2 Missionários - Vol. I*; 7) *Espiritismo e Aborto*; 8) *Chico Xavier: Uma Alma Feminina* e 9) *Perispírito: Provas Científicas de Ser o Molde do Corpo Físico*.

b) digitais: 1) *Kardec & Chico: 2 Missionários - Vol. II*, 2) *Kardec & Chico: 2 Missionários - Vol. III*; 3) *Racismo em Kardec?*; 4) *Espírito de Verdade, Quem Seria Ele?*; 5) *A Reencarnação Tá na Bíblia*; 6) *Manifestações de Espírito de Pessoa Viva (Em Que Condições Elas Acontecem)*; 7) *Homossexualidade, Kardec Já Falava Sobre Isso*; 8) *Os Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam os Seus*

Autores?; 9) Apocalipse: Autoria, Advento e a Identificação da Besta; 10) Chico Xavier e Francisco de Assis Seriam o Mesmo Espírito?; 11) A Mulher na Bíblia; 12) Todos Nós Somos Médiuns?; 13) Os Seres do Invisível e as Provas Ainda Recusadas Pelos Cientistas; 14) O Perispírito e as Polêmicas a Seu Respeito; 15) Allan Kardec e a Lógica da Reencarnação; 16) O Fim dos Tempos Está Próximo?; 17) Obsessão, Processo de Cura de Casos Graves; 18) Umbral, Há Base Doutrinária Para Sustentá-lo?; 19) A Aura e os Chakras no Espiritismo; 20) Os Quatro Evangelhos, Obra Publicada por Roustaing, Seria a Revelação da Revelação?; 21) Espiritismo: Religião Sem Dúvida; 22) Allan Kardec e Suas Reencarnações; 23) Médiuns São Somente os Que Sentem a Influência dos Espíritos?; 24) EQM: Prova da Sobrevivência da Alma; 25) A Perturbação Durante a Vida Intrauterina; 26) Os Animais: Percepções, Manifestações e Evolução; 27) Reencarnação e as Pesquisas Científicas; 28) Reuniões de Desobsessão (Momento de Acolher Espíritos em Desarmonia); 29) Haveria Fetos Sem Espírito?; 30) Trindade: O Mistério Imposto Por Um Leigo e Anuído Pelos Teólogos; 31) Herculano Pires Diante da Revista Espírita; 32) Allan Kardec: Sua Mediunidade e os Fenômenos Que Protagonizou; 33) A Pesquisa de Ernesto Bozzano Confirma e Complementa a Codificação Espírita e 34) Se Não Consta na Codificação, Não Existe.

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com

- 1 NOVAES, H. A. *A Reencarnação no Evangelho*, disponível em:
http://www.oconsolador.com.br/editora/1a50/A_Reencarnacao_no_Evangelho.htm
- 2 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, 1ª parte, cap. III, item 34, p. 42-43.
- 3 Deve-se considerar que na data de 14 de janeiro de 1861, quando *O Livro dos Médiuns* foi publicado, as obras *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, *O Céu e o Inferno* e *A Gênese* ainda não tinham sido publicadas.
- 4 XAVIER e PIRES, *Na Hora do Testemunho*, p. 19.
- 5 A base para a citação das questões 125, 126, 152 e 490, deste item, será a 1ª edição de *O Livro dos Espíritos*, com suas 501 perguntas, embora o seu teor seja tomado de 2ª edição, por conta de pequenos ajustes no texto anterior.
- 6 Nota de Allan Kardec: Entre a doutrina da reencarnação e a da metempsicose, tal como a admitem algumas seitas, há uma diferença característica que será explicada no curso desta obra.
- 7 KARDEC, *O Livro dos Espíritos – Primeira Edição de 1857*, Introdução, p. 9-11, na 2ª edição encontra-se nas p. 22-24.
- 8 KARDEC, *O Livro dos Espíritos – Primeira Edição de 1857*, cap. VII, p. 64-65, na 2ª edição é a q. 171, p. 120-121.
- 9 Na 2ª edição corresponde à questão 171, à qual foi acrescentado este parágrafo: “O homem, que tem consciência da sua inferioridade, haure consoladora esperança na doutrina da reencarnação. Se crê na Justiça de Deus, não pode contar que venha a achar-se, para sempre, em pé de igualdade com os que mais fizeram do que ele. Sustém-no, porém, e lhe reanima a coragem a ideia de que aquela inferioridade não o deserda eternamente do supremo bem e que, mediante novos esforços, dado lhe será conquistá-lo. Quem é que, ao cabo da sua carreira, não deplora

haver tão tarde ganho uma experiência de que já não mais pode tirar proveito? Entretanto, essa experiência tardia não fica perdida; o Espírito a utilizará em nova existência.” (KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, 2ª parte, cap. IV – Justiça da reencarnação, q. 171, p. 120)

- 10 KARDEC, *O Livro dos Espíritos – Primeira Edição de 1857*, cap. VII, p. 68, na 2ª edição é a q. 223, p. 153, porém, nela não existe esse trecho que aqui transcrevemos.
- 11 A palavra “dogma” no sentido empregado por Kardec tem o significado de “princípio”, e não naquele que popularmente se entende: algo em que se deve acreditar por imposição teológica. Recomendamos aos interessados o nosso estudo intitulado “*A reencarnação é um dogma dos espíritas?*”, disponível em: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/4-artigos-refutados/205-a-reencarnao-um-dogma-dos-espiritas-v17>
- 12 KARDEC, *O Livro dos Espíritos – Primeira Edição de 1857*, Notas, p. 160-162.
- 13 KARDEC, *O Livro dos Espíritos – Primeira Edição de 1857*, cap. VII, p. 71-72, na 2ª edição é a q. 217, p. 140.
- 14 KARDEC, *O Primeiro Livro dos Espíritos*, cap. III, p. 155, na 2ª edição, é a q. 985, p. 442.
- 15 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 445-455.
- 16 Não há um segundo artigo, somente localizamos este artigo, que Kardec diz ser “Primeiro artigo”.
- 17 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 107-108.
- 18 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 137-138.
- 19 Agora já adentramos à segunda edição, publicada a 18 de março de 1860, com as questões acrescentadas à edição anterior.
- 20 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, 2ª parte, cap. IV, q. 199-a, p. 134-135.

- 21 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, 2ª parte, cap. IV, q. 202, p. 136.
- 22 O texto que segue foi transcrito do cap. V - Considerações sobre a pluralidade das existências, ele tem sua origem no artigo "Pluralidade das Existências Corpóreas" publicado na Revista Espírita 1858, mês de novembro. Como o teor dos dois diferem em alguma coisa, destacaremos em azul o publicado anteriormente (p. 445-455), dando a você, caro leitor, a opção de simplesmente pular o que já foi visto.
- 23 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, 2ª parte, cap. V, item 222, p. 143-152.
- 24 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, 2ª parte, cap. VI, q. 271, p. 174.
- 25 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, 2ª parte, cap. VII, q. 340, p. 193-194.
- 26 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, 2ª parte, cap. VII, q. 393, p. 210.
- 27 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, 2ª parte, cap. VIII, q. 394, p. 210-211.
- 28 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, 2ª parte, cap. VIII, q. 399, p. 212-213.
- 29 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, 2ª parte, cap. XI, q. 613, p. 291-292.
- 30 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, 3ª parte, cap. I, q. 619, p. 296. O teor da pergunta, existe na 1ª edição a q. 280, porém, não há esse comentário de Kardec.
- 31 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, 3ª parte, cap. VIII, q. 789, p. 356-358.
- 32 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, 4ª parte, cap. II, q. 789, p. 438.
- 33 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, 4ª parte, cap. II, q. 1011, p. 455-456.
- 34 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 172-173.

- 35 KARDEC, *Revista Espírita* 1860, p. 300-304.
- 36 KARDEC, *Revista Espírita* 1861, p. 207.
- 37 KARDEC, *Revista Espírita* 1861, p. 283.
- 38 KARDEC, *Revista Espírita* 1861, p. 453.
- 39 KARDEC, *Revista Espírita* 1862, p. 15-29.
- 40 Nota da transcrição: Vide a *Revista Espírita* de abril de 1858, O Espiritismo entre os druidas; artigo que contém as Tríades.
- 41 KARDEC, *Revista Espírita* 1862, p. 78-80.
- 42 KARDEC, *Revista Espírita* 1862, p. 102-107.
- 43 KARDEC, *Revista Espírita* 1862, p. 145-148.
- 44 KARDEC, *Revista Espírita* 1862, p. 152-156.
- 45 KARDEC, *Revista Espírita* 1862, p. 230.
- 46 KARDEC, *Revista Espírita* 1862, p. 330-331.
- 47 KARDEC, *Revista Espírita* 1862, p. 331-333.
- 48 KARDEC, *Revista Espírita* 1862, p. 365-366.
- 49 KARDEC, *Revista Espírita* 1862, p. 429.
- 50 KARDEC, *Revista Espírita* 1862, p. 443-446..
- 51 KARDEC, *Revista Espírita* 1862, p. 513-517.
- 52 KARDEC, *Revista Espírita* 1863, p. 229-234.
- 53 KARDEC, *Revista Espírita* 1863, p. 368-372.
- 54 KARDEC, *Revista Espírita* 1863, p. 400-401.
- 55 KARDEC, *Revista Espírita* 1863, p. 491-495.
- 56 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Introdução, p. p. 32-33.
- 57 Nota da transcrição: Nota de Allan Kardec: A tradução de Osterwald está conforme o texto primitivo. Diz: “Não renasce da água e do Espírito”; a de Sacy diz: do Santo Espírito; a de Lamennais: do Espírito Santo.

- 58 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. IV, p. 68-72.
- 59 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. IV, p. 73-75.
- 60 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. IV, p. 77.
- 61 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. V, item 3 e 6 a 13, p. 80-88.
- 62 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 200-202.
- 63 N.A.: Artigo biográfico sobre Méry, publicado pelo *Journal littéraire* de 25 de setembro de 1864.
- 64 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. p. 440-444.
- 65 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. p. 448-450.
- 66 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 99-103, também constará de *O Céu e o Inferno*, 1ª parte, cap. III, p. 28-30.
- 67 A publicação da 1ª edição ocorreu em julho/1859, na *Revista Espírita* de julho/1865, em “Notas Bibliográficas”, lemos: *O Que é o Espiritismo?*, por Allan Kardec. Nova edição revista e consideravelmente aumentada. In-12, com quase 200 páginas. (KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 300)
- 68 Do original: *Pluralidade das existências da alma*, por Pezzani.
- 69 KARDEC, *O que é o Espiritismo*, cap. I, p. 115-116
- 70 KARDEC, *O que é o Espiritismo*, cap. III, item 135, p. 165.
- 71 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 99-103.
- 72 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, 1ª parte, cap. III, p. 27-29.
- 73 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, cap. VI, p. 72-74.
- 74 N.T.: Nota de Allan Kardec: Veja-se Primeira Parte, cap. V, *O purgatório*, item 3 e seguintes e, mais adiante, na Segunda Parte, cap. VIII, *Expiações terrestres*. Veja-se

também *O evangelho segundo o espiritismo*, cap. V, Bem-aventurados os aflitos.

- 75 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 88-96.
- 76 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, 494-495.
- 77 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 13-18.
- 78 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. p. 73-75.
- 79 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. p. 221-227.
- 80 “Um homem de talento, inteligência de escol, poeta e literato distinto, o Sr. Joseph Méry morreu em Paris no dia 17 de junho de 1866, com sessenta e sete anos e meio de idade.” (KARDEC, *Revista Espírita*, 1866, p. 285).
- 81 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. p. 285-289.
- 82 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 444-445.
- 83 Artigo do Sr. E. Texier sobre a obra do Sr. P.-J. Stahl, intitulada *Bonnes fortunes parisiennes*, publicado na revista hebdomadária do *Siècle* de 2 de dezembro de 1866,
- 84 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 28-32.
- 85 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 75-79.
- 86 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 79-80.
- 87 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 229-230.
- 88 N.T.: Este artigo é extraído de uma nova obra que neste momento se acha no prelo e que aparecerá antes do fim do ano. Uma razão de oportunidade nos levou a publicar este extrato por antecipação na Revista. Apesar de sua extensão, julgamos dever inseri-lo de uma vez, para não interromper o encadeamento das ideias. A obra inteira será do formato e do volume de *O Céu e o Inferno* (KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 355)
- 89 N.T.: **N. do T.**: Trata-se do primeiro capítulo de *A Gênese*, com ligeiras modificações; livro publicado em

1868. (KARDEC, *Revista Espírita* 1867, p. 355)
- 90 KARDEC, *Revista Espírita* 1867, p. 357.
- 91 KARDEC, *Revista Espírita* 1867, p. 370-374.
- 92 Este artigo foi levado ao livro *A Gênese*, cap. I, p. 41-43.
- 93 KARDEC, *Revista Espírita* 1867, p. 496-497.
- 94 KARDEC, *A Gênese*, cap. XI, tópico Encarnação dos Espíritos.
- 95 KARDEC, *A Gênese*, cap. XI, p. 240-242.
- 96 KARDEC, *A Gênese*, cap. XI, tópico Reencarnações.
- 97 KARDEC, *A Gênese*, cap. XI, p. 246-247.
- 98 KARDEC, *Revista Espírita* 1868, p. 187-188.
- 99 KARDEC, *Revista Espírita* 1868, p. 226-227.
- 100 KARDEC, *Revista Espírita* 1868, p. 260-261.
- 101 KARDEC, *Revista Espírita*, 1868, p. 284-285.
- 102 KARDEC, *Revista Espírita* 1868, p. 416-417.
- 103 Informamos que o “*Le Figaro*” é um jornal diário francês publicado em Paris. Fundado em 1826, é o segundo maior jornal nacional na França depois do *Le Parisien* e antes do *Le Monde*, embora alguns jornais regionais tenham circulações maiores. (WIKIPÉDIA, https://pt.wikipedia.org/wiki/Le_Figaro)
- 104 KARDEC, *Revista Espírita* 1868, p. 423-425.
- 105 KARDEC, *Revista Espírita* 1869, p. 152-154.
- 106 N.T.: N. do T. [tradutor]: *Obras Póstumas*, 1a parte.
- 107 Optamos por transcrever esse artigo porquanto constar também das traduções publicadas pelo IDE e pela EDICEL.
- 108 KARDEC, *Revista Espírita* 1869, p. 228-234.
- 109 SILVA NETO SOBRINHO, *Reencarnação* (Série Espiritismo na Bíblia), disponível em:

<http://www.paulosnetos.net/artigos/send/6-ebook/819-seb-reencarnacao>